

ELAINE FILOMENA CHAGAS CÁCERES

**O IMAGINÁRIO INFANTIL NA
RECEPÇÃO DE TEXTOS E IMAGENS DO
SUPLEMENTO ALMANAQUE
JORNAL O POPULAR**

Dissertação apresentada como exigência parcial para
obtenção do grau de Mestre em Educação Brasileira à
Comissão Julgadora da Universidade Federal de Goiás, sob
a orientação do Prof. Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva.

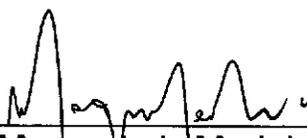
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

GOIÂNIA – 2002

ELAINE FILOMENA CHAGAS CÁCERES

**O IMAGINÁRIO INFANTIL NA RECEPÇÃO DE TEXTOS E
IMAGENS DO SUPLEMENTO ALMANAQUE –
JORNAL O POPULAR**

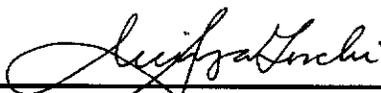
Dissertação defendida e aprovada em 04 de dezembro de
2002, pela Banca Examinadora constituída pelos professores.



Prof. Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva
Presidente da Banca



Profª Drª Sônia Margarida Gomes Sousa



Profª Drª Mirza Seabra Toschi

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, os quais, de forma consciente ou inconsciente, colocaram em mim o germe da inquietação. E aos meus irmãos, por existirem.

A todos os meus amigos de estudo e de profissão que estiveram presentes quando precisei que escutassem minhas inquietações diante das questões que surgiam.

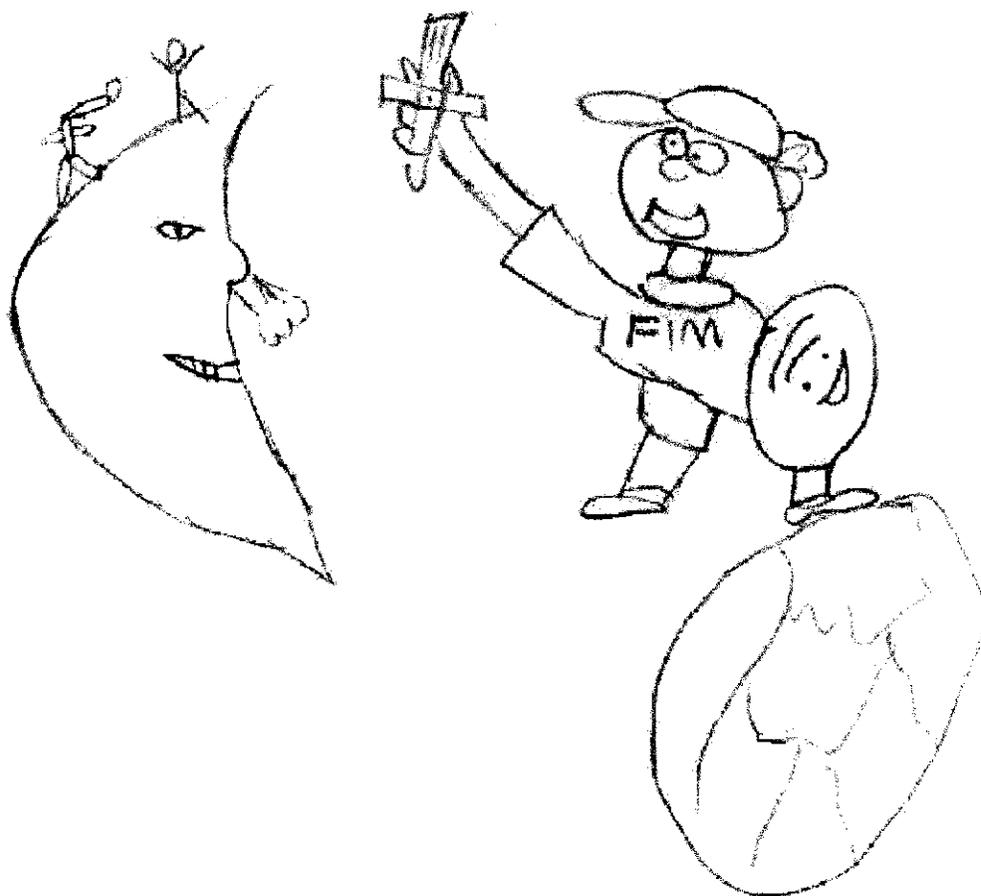
Aos professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, pela possibilidade do conhecimento.

Ao meu orientador, Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva, pela paciência, a qual deu possibilidade de gestação de meu(s) problema(s) e pela credibilidade que depositou em mim.

Ao mundo, povoado de imagens noturnas (dos sonhos) e diurnas (das ciências), que possibilitaram sonhar e atrever-me a fazer ciência.

A verdadeira viagem da imaginação é a viagem ao país do imaginário, no próprio domínio do imaginário.

Gaston Bachelard



Desenho 1: De uma dupla de alunos, de 7 anos, numa sessão de grupo focal, tendo como instrumento de análise o suplemento Almanaque, edição 720, 2002.

Às crianças que fizeram parte da pesquisa,
por terem contribuído e forma tão
generosa.

RESUMO

“O imaginário infantil na recepção de textos e imagens do suplemento Almanaque – Jornal O Popular” é um estudo do imaginário em crianças com idade entre sete e nove anos, tendo como instrumento de análise o suplemento Almanaque, que foi escolhido para possibilitar a apreensão e compressão do imaginário.

O estudo do imaginário centra-se em Bachelard e Durand. Ambos têm o interesse de localizar o imaginário no rol das ciências. Para Bachelard a imaginação manifesta-se no campo da poesia, enquanto que para Durand, a constituição humana é basicamente imaginação.

A partir de Bachelard e Durand analisamos imagens do suplemento Almanaque, apontadas por seis crianças de duas escolas públicas escolhidas como sujeitos da pesquisa. Centramo-nos, basicamente, em três símbolos: teriomorfos, nictomorfos e do continente do e conteúdo. Buscamos, assim, entender como está classificado o imaginário simbólico nas estruturas antropológicas, bem como nas categorias fenomenológicas.

O caminho traçado para responder à problemática levantada – como é formado o universo de representações de imagens simbólicas mediado por imagens publicadas no suplemento Almanaque, do Jornal O Popular? – teve início no primeiro contato com as escolas selecionadas, a priori, como delimitação do espaço geográfico da pesquisa.

O caminho trilhado para encontrar as respostas foi traçado com a ajuda de vários instrumentos de coleta de dados. Sabíamos que esse trabalho só seria possível através de uma pesquisa empírica. Optamos, assim, por fazer a pesquisa com pequenos grupos de crianças (dimensão micro).

O imaginário infantil apresenta-se como uma ciência do mundo. Só é possível estudá-la, ou como prefere Bachelard, apreciá-la, quando existem sujeitos que imaginam. As crianças recriam um mundo não real, um mundo de faz-de-conta, traçando, assim, o primeiro aspecto do imaginário infantil. Esse imaginário tem o poder de eufemizar os símbolos presentes no dia-a-dia das crianças.

Nas palavras de Eliade, o estudo do imaginário, bem como do pensamento simbólico, que trazem em seu bojo imagens, símbolos e mitos, possibilita o desvelamento do ser humano, uma vez que precedem a linguagem e a razão. Esse desvelamento busca o conhecimento através da história de toda a humanidade.

As atividades oníricas, do intelecto e da criatividade, nascem na imaginação. Essa é a essência do espírito humano. Através da imaginação a criança registra suas experiências, que culminará na construção de novos conhecimentos. O imaginário concebe seres únicos, que se diferenciam uns dos outros para encontrar seu lugar no mundo e reconhecerem-se como únicos em seu espaço.

ABSTRACT

“The children’s imaginary on the reception of texts and images of *Suplemento Almanaque* – O Popular newspaper is a study of the imaginary in seven-to-nine-year-old children, using as analysis instrument the *Suplemento Almanaque*, which was chosen to become possible the understanding and grasp of the imaginary.

The study of the imaginary has approach in Bachelard and Durand. Both of them have interest in pinpointing the imaginary in the roll of sciences. For Bachelard the imagination demonstrates itself in the field of poetry, and for Durand, the human constitution is basically the imagination.

From Bachelard and Durand, images from the *Suplemento Almanaque* were analyzed and pointed by six children of two public schools, chosen as research subject. The research, is focused basically, in three symbols: theriomorphos, nictomorphos, and mystic structures of the continent of contents. Doing so we tried to understand how is classified the symbolic imaginary in the anthropologic structures, as well as in the phenomenological categories.

The way followed to answer the problems that appeared – how is formed the universe of representations of symbolic images permeated by images that appeared in the *Suplemento Almanaque*, from O Popular newspaper? – It has begun in the first contact with the chosen schools, which was essential to the

development of the research, using a geographical delimitation to do the research.

The way tracked to find answers, was drew with the help of several collecting instruments of information. It was known that this work would be possible just through an empiric research. It was chosen to do the research with small children's groups (micro dimension).

The children's imaginary is presented as a science of the world. The only way to study it, or as it is preferred by Bachelard, to appreciate it, is when there are human beings that can imagine. The children recreate an unreal world, a world of fantasy, tracking, with this, the first aspect of the children's imaginary. This imaginary have the power of euphemizing the symbols, which are in the children's quotidian.

In the words of Eliade, the study of the imaginary, as well as the symbolic thought, which bring with it images, symbols and myths, making possible the development of the human being, once it precedes the language and the reason. This discovery searches for the knowledge through the history of all humanity.

The dreams of the intellect and of the creativity are born in the imagination. This is the essence of the human spirit. Through the imagination the child records its own experiences, which will lead to the construction of new knowledge. The imaginary creates unique human beings, who are different from the others so that they can find their place in the world and recognize themselves as the only ones in their space.

SUMÁRIO

LISTA DE DESENHOS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS

LISTA DE ANEXOS

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I – MARCO TEÓRICO DOS CAMPOS TEMÁTICOS	23
1. A fenomenologia da imaginação	24
2. Em busca do imaginário infantil	35
3. Comunicação e educação	42
CAPÍTULO II – HORA DA COLHEITA	57
1. Infância	57
2. As crianças e as escolas	60
CAPÍTULO III – O SUPLEMENTO ALMANAQUE	69
CAPÍTULO IV – O IMAGINÁRIO NO SUPLEMENTO ALMANAQUE	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
----------------------------------	-----

LISTA DE DESENHOS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS,

a) Desenhos

Desenho 1	5
Desenho 2	91
Desenho 3	96
Desenho 4	102

b) Gráficos

Gráfico 1 – Situação econômica das famílias dos alunos	67
Gráfico 2 – Evolução comparativa entre os índices de relevância social de jornais	71
Gráfico 3 – Temas mais abordados	72

c) Quadros

Quadro 1 – Modelos de comunicação: moderno X pós-moderno	54
Quadro 2 – Inteligências – geométrica X tissular	56

Quadro 3 – Assuntos abordados pelas crianças na escola campo I e II ..	63
Quadro 4 – Programas de jornal na sala de aula	73
Quadro 5 – Grupos de símbolos – O regime diurno da imagem	88
Quadro 6 – Grupos de símbolos – O Regime Noturno da imagem	89

d) Tabelas

Tabela 1 – Onde vivem os alunos da escola I	65
Tabela 2 – Onde vivem os alunos da escola II	66
Tabela 3 – Rendimento mensal médio familiar	66
Tabela 4 – Estratos sociais dos bairros onde vivem as crianças	67

COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS

Palavra 1	52
Palavra 2	81
Palavra 3	82
Palavra 4	92
Palavra 5	92
Palavra 6	94
Palavra 7	96
Palavra 8	103

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Solicitação de pesquisa na escola campo I	115
Anexo 2 – Solicitação de pesquisa na escola campo II	116
Anexo 3 – Artigos 12, 13 e 17, Convenção sobre Direitos da Criança ...	117
Anexo 4 – Suplemento Almanaque – edição 717	119
Anexo 5 – Suplemento Almanaque – edição 718	128
Anexo 6 – Suplemento Almanaque – edição 719	137
Anexo 7 – Suplemento Almanaque – edição 720	146
Anexo 8 – Suplemento Almanaque – edição 721	155
Anexo 9 – Coleta de dados I	164
Coleta de dados II	166
Coleta de dados III	188
Coleta de dados IV	194

INTRODUÇÃO

A necessidade de se desenvolver uma investigação que tivesse como ponto de partida o estudo do imaginário infantil surgiu da preocupação com a recepção que as crianças têm de imagens, publicadas semanalmente no suplemento Almanaque, do Jornal O Popular. Entendem-se por imagens, não só fotos e desenhos, mas também os textos impressos.

Por que a imaginação infantil é o tema pretendido? É sabido que lendas maravilhosas e histórias em quadrinhos, por exemplo, povoam o cotidiano da criança, tecendo sua imaginação. A concepção de imaginário que pretendemos estudar passa preferencialmente por Bachelard, o qual percebe a ciência e a arte como atividades nas quais a imaginação tem um papel fundamental.

O suplemento Almanaque se constitui em mediação de análise, com o objetivo de apreender e compreender o imaginário infantil. O Almanaque é o único suplemento do gênero na Região Centro-Oeste e é utilizado como recurso didático por inúmeras escolas públicas e particulares dos Estados de Goiás e Tocantins, onde o jornal circula, além de possuir um projeto voltado para escolas públicas. Trata-se do projeto Almanaque Escola, que surgiu em setembro de 1991 com o objetivo de atender escolas carentes, com a distribuição semanal de exemplares do Almanaque. Essa distribuição é gratuita e contempla somente as escolas públicas cadastradas ao projeto.

Atualmente, o Almanaque tem uma tiragem dominical de 51.738¹ exemplares, sendo que cerca de 3 mil são destinados a atender ao projeto Almanaque Escola, e conta com 131 escolas conveniadas. No ano de 2002, o Almanaque chega às mãos de 64.459 crianças matriculadas nas escolas cadastradas ao projeto.

Outros projetos de jornal na escola, como do Jornal O Globo e da Folha de S. Paulo, assim como o Almanaque Escola também trabalham com encalhe, o que impossibilita a expansão de muitos projetos. Mas, ao contrário daqueles, o suplemento Almanaque é distribuído gratuitamente para as escolas conveniadas ao projeto em Goiás e no Tocantins.

Quando o projeto Almanaque Escola foi criado, imprimia-se um excedente de exemplares do suplemento para distribuição nas escolas. Porém, hoje o projeto trabalha somente com encalhe, que são as sobras da venda de jornal. Como o suplemento Almanaque circula aos domingos, encartado no Jornal O Popular, na segunda-feira é feita uma estimativa do encalhe, isto é, do que não foi vendido. Os exemplares que sobraram são distribuídos para as escolas. Como foi afirmado anteriormente, esse número gira em torno de 3 mil exemplares por semana.

Na presente dissertação, o suplemento Almanaque é um “instrumento” para suscitar o imaginário infantil, o qual é o verdadeiro objeto do estudo. Trata-se da imaginação pensada não só com Bachelard, mas também com Merleau-Ponty e Durand, dentre outros.

Escolhemos, como sujeitos da pesquisa, crianças de duas unidades do ciclo I, da Rede Municipal de Ensino de Goiânia – a Escola Municipal Presidente Costa e Silva, localizada na região Sul, e a Escola Municipal Ana das Neves de Fretas, localizada na região Sudoeste.

¹ Esse número corresponde à tiragem real e foi obtido em 28/10/2002 através do Departamento de Circulação e Assinatura (DCA) do Jornal O Popular.

Para o início da pesquisa selecionamos 57 crianças, entre meninos e meninas, com idades entre sete e nove anos. Porém, em determinado ponto foi necessário aprofundar a investigação em grupos focais de, no máximo, cinco crianças. Assim, foi possível coletar os dados necessários à pesquisa, através dos instrumentos selecionados.

Foram utilizadas, além do grupo focal, outras técnicas de coleta de dados, tais como questionários socioeconômicos, entrevistas com uso de gravador e observação participante.

Somente depois da coleta dos dados é que foi possível chegar aos conceitos dos autores pretendidos. Bachelard entende a imaginação como o motor do conhecimento, a essência do espírito. Por sua vez, Durand concebe o imaginário como um conjunto de imagens e de relações de imagens que todo homem coleciona ao longo de sua vida. Um conceito parece completar o outro. É fácil entender o porquê – Durand bebeu na fonte de Bachelard, para compor sua idéia de imagem, imaginário e imaginação. Merleau-Ponty segue o mesmo raciocínio quando afirma que o ser e o imaginário são elementos e não objetos. São seres antes do ser (Merleau-Ponty, 2000, p. 239).

A tentativa de entender o objeto proposto levou-nos a questionar como se dá a recepção de imagens por crianças do ciclo I, da Rede Municipal de Ensino de Goiânia. E, por conseguinte, indagar como é formado o universo de representações de imagens simbólicas mediado por imagens publicadas no suplemento Almanaque. Em outras palavras, a problemática que se impõe é: Como as imagens e o sujeito se constituem e de que maneira o sentido os atravessa no momento em que se confrontam?

Merleau-Ponty (1990, p. 25) dá a pista questionando: “Sentir é obter qualidades, e para saber o que é sentir, não basta ter visto o vermelho ou ouvido a lâ?” O autor explica que as cores não são sensações, mas são sensíveis à visão, assim como a lâ é sensível ao tato ou à audição. Ele completa dizendo

que a qualidade dos objetos pertence aos objetos, e não à consciência. Em síntese, a cor percebida não está na consciência da criança que percebe o vermelho do brinquedo, por exemplo, mas no próprio brinquedo.

Levando em conta os conceitos anunciados, que serão desenvolvidos no decorrer desta dissertação, fizemos observações e desenvolvemos oficinas em dois grupos de alunos das escolas escolhidas, tendo como mediação dos instrumentos relacionados, o suplemento Almanaque, para apanhar essa percepção cotidiana.

Tentaremos responder a estas questões tendo como subsídio o epistemólogo e filósofo Bachelard, bem como o filósofo Merleau-Ponty e o antropólogo Gilbert Durand, caminhando ora no campo da educação, ora no da filosofia e/ou no campo da antropologia.

Nem sempre a imaginação foi reconhecida como ciência. Até o século XVII, a imaginação era uma ferramenta do conhecimento, mas, a partir de então transformou-se na expressão da loucura, da fantasia, da ilusão. Percebemos que a imaginação esteve ligada, por muito tempo, como ainda é hoje, ao homem crédulo pelas suas superstições. Assim, ela deve ser vigiada pela razão.

A filosofia moderna, herdeira de Descartes, ao qual se atribui o legado de reconstruir o “edifício do conhecimento” e reconhecer o homem como coisa que pensa e por isso tem dúvida, não reconhece a importância dos símbolos, apesar de reconhecer que o homem também concebe, afirma, deseja, sente e imagina. Nesse sentido, Durand (1988, p. 25) afirma que, com Descartes, o simbolismo, e por consequência a imagem, “perde seu direito à cidadania”.

Mas a filosofia amadurecida pelos pensamentos dos filósofos que vieram na poeira de Descartes e o superaram, apresentam um outro sujeito e uma outra maneira de perceber o simbólico. E é essa modalidade de se fazer ciência a que nos propomos.

Bachelard nos lembra que, às vezes, a filosofia é dura o bastante para esquecer que antes do pensamento o sonho já se faz presente – lembramos aqui que o sonho, para Bachelard, está relacionado com devaneio. Da mesma forma, as imagens existem muito antes das idéias claras e estáveis se formarem na mente das pessoas. Assim, a criança imagina antes de formar conceitos. E, se imagina, é necessário investigar como se dá essa imaginação. Tendo claro, ainda, que o pensamento de uma criança é que cria um mundo único para ela. Porém, temos claro que, assim como Bachelard, só poderemos investigar o imaginário no momento em que ele é expresso através das palavras das crianças.

Quando um bebê balbucia as primeiras palavras, ou quando uma criança decifra frases com um sentido claro para ela – sabemos que isso ocorre em meio a um emaranhado de letras e sílabas que antes não fazia sentido algum –, nem sempre a ciência tem claro o caminho percorrido por essa criança. Por isso Bachelard chama nossa atenção para o que, não só a filosofia, mas a ciência de um modo geral, esquece de priorizar: a imaginação. Percebemos aqui que o sujeito de Bachelard não é somente imaginação, mas também razão – é diurno e noturno, como veremos mais adiante.

Partimos, também, do pressuposto de Durand que afirma ser o imaginário um sistema dinâmico organizador de imagens, cujo papel fundador é o de mediar a relação do homem com o mundo. Dessa forma, tentaremos apreender os mitos e as representações impregnados nos textos impressos em cinco edições do suplemento Almanaque, bem como na imaginação das crianças do ciclo I de duas escolas da Rede Municipal Ensino de Goiânia.

As tentativas de compreender a imagem como uma cópia simplificada da realidade, isso é, enquanto reprodução daquilo que se vê e que, portanto, cumpre a tarefa de estar em lugar da base material, estiveram durante muito tempo dominadas pela fisiologia e pela física da visão. Isso vai contra a

proposta desse estudo, uma vez que a representação das imagens está além do palpável, isto é, do empírico.

A escolha do grupo de crianças se deu porque nessa faixa etária (de 7 a 9 anos) a criança já entende conceitos ligados à justiça, à esperança, ao abandono, os quais são base para o entendimento de outros conceitos mais complexos como ética e cidadania. São crianças que vivem a magia do faz-de-conta – campo fértil para a criatividade e a imaginação.

A investigação da recepção de imagens e textos se deu mediante pesquisa empírica. O primeiro passo para apanhar as informações necessárias ao estudo do tema pretendido foram as observações nas escolas escolhidas.

As estruturas simbólicas presentes nas falas das crianças, bem como em seus textos, serão analisados no capítulo IV e servirão de ponte para a compreensão do tema.

O caminho traçado para responder à problemática levantada – como é formado o universo de representações de imagens simbólicas mediado por imagens publicadas no suplemento Almanaque, do Jornal O Popular? – teve início no primeiro contato com as escolas selecionadas, a priori, como delimitação do espaço geográfico da pesquisa.

O caminho trilhado para encontrar a resposta foi traçado com a ajuda de vários instrumentos de coleta de dados. Sabíamos que esse trabalho só seria possível através de uma pesquisa empírica. Optamos, assim, por fazer a pesquisa com pequenos grupos de crianças.

As palavras das crianças, cada uma com seu significado simbólico, nos mostrou que a escolha foi acertada. O resultado poderá ser apreciado no capítulo IV, onde fazemos a análise dos dados coletados.

CAPÍTULO I

MARCO TEÓRICO DOS CAMPOS TEMÁTICOS

A filosofia científica deve ser, essencialmente, uma pedagogia científica.

Gaston Bachelard

O referencial teórico que norteia a presente dissertação centra-se nos estudos de Gaston Bachelard e Gilbert Durand, os quais constituem a coluna dorsal da teoria do imaginário. Na mesma esteira fenomenológica está Maurice Merleau-Ponty que, por sua vez, apresenta estudos sobre percepção, imaginação e signos, os quais também servem de embasamento teórico para este estudo.

As teorias da comunicação, as representações sociais e a psicanálise infantil dão suporte às análises dos dados da pesquisa – as inferências das crianças –, bem como possibilitam situar o suplemento Almanaque, do Jornal O Popular, no campo da comunicação e da educação.

Essa abordagem se faz necessária, uma vez que os sujeitos da pesquisa são crianças de sete a nove anos; o instrumento para apanhar e

compreender o imaginário infantil é o suplemento Almanaque, um tablóide direcionado a crianças; e o objeto de estudo é o imaginário infantil.

Este capítulo trata dos conceitos que sustentam a pesquisa. São conceitos trabalhados à luz da fenomenologia da imaginação.

1. A fenomenologia da imaginação

O epistemólogo Bachelard chegou a uma teoria geral da imagem, denominada por ele de fenomenologia da imaginação. Assim, aponta o método fenomenológico para a abordagem de objetos que se relacionam com imagens. Ele leva em conta que a fenomenologia permite trazer à luz o objeto estudado. Esse ato é a tomada de consciência, e significa conhecer o objeto estudado.

A expressão *fenomenologia da imaginação* é utilizada por Gaston Bachelard (1884 – 1962). Segundo ele, a fenomenologia da imagem estuda a imagem poética no momento em que ela brota da consciência. A imagem poética é fruto do coração e da alma. Essa expressão aparece pela primeira vez no livro *A poética do espaço*, de 1957. Trata-se de uma fenomenologia totalmente nova, que transcende a fenomenologia de Husserl (1859 – 1938), apesar de, inicialmente, Bachelard ter baseado seus estudos nessa perspectiva.

A fenomenologia de Husserl, desde seu início, influenciou os pensamentos filosófico e científico contemporâneos. Percebemos sua força metodológica em várias áreas – desde a psicologia, com Jung, até a antropologia, com Durand. Seu surgimento se deu no início do século XX, na Alemanha, e recebeu influência da psicologia descritiva e da lógica. Para a fenomenologia, que é uma nova maneira de ver o mundo, o objeto de estudo

pode ser um dado empírico, mas é a essência do objeto que interessa ao fenomenólogo.

Contudo, é importante ressaltar que, para Bachelard, a imaginação não é objeto, uma vez que ela vem antes do pensamento, e produz o pensamento. Nesse sentido, não podemos estudar a imagem ou a imaginação como se fossem simples conceitos. Bachelard faz a distinção entre um e outro citando, em várias páginas de sua obra *A poética do devaneio*, que a imagem vai além de sua significação, varia em seu sentido, é feminina e toma corpo na imaginação. O conceito, por sua vez, permanece isolado em sua significação, é constitutivo, masculino e se constitui na razão (Bachelard, 1996).

Antes de prosseguirmos com os conceitos de Bachelard, abriremos parênteses para lembrar que foi Husserl quem concebeu a lógica pura, também conhecida como lógica transcendental, a base para o estudo das categorias, dos atos cognitivos fundamentais e dos objetos ideais – percepção, imaginação, recordação, intuição do tempo.

As principais idéias da fenomenologia de Husserl são (Capalbo, 1973, p. 13 – 18):

- Mostrar e descrever com rigor – Ao contrário de demonstrar, a fenomenologia mostra, descreve e, ao fazê-lo, deixa transparecer as suas estruturas universais.
- Intencionalidade da consciência – a consciência se define intencionalmente no momento em que se volta para o objeto.
- Intuição da essência e as razões do ser – Existe um núcleo central que não varia, é a essência do objeto (eidos ou essência).

- Reduções fenomenológicas – A consciência é colocada em suspensão pela *epoche*, (NR² que permite distinguir fatos e essências). Uma vez em suspensão, é possível surgir a idéia e o sentido.
- Ego transcendental – O que resta depois da suspensão eidética é o eu transcendental.

Em outras palavras, a fenomenologia estuda as essências, e nesse movimento de apreensão do objeto coloca-o em suspensão, pois se trata de uma filosofia transcendental.

Apresentaremos a seguir algumas categorias que possibilitam o estudo do imaginário. Como foi assinalado anteriormente, a percepção é uma das categorias da fenomenologia apresentada por Husserl. Esta foi retomada, mais tarde, por Merleau-Ponty. Para Husserl só se pode apreender a percepção em perspectivas, uma vez que a percepção de um objeto requer uma intencionalidade.

Merleau-Ponty (1908 – 1961), que surgiu nesse período de renovação, é um estudioso da percepção e afirma que esta está carregada de sentido. A percepção – que entendemos como ato de formar idéia a respeito de algo, bem como abranger com a inteligência, entender, compreender, conhecer – é estudada, por ele, em todos os seus aspectos, com o intuito de chegar à sua essência, como é pretensão da fenomenologia.

Em Merleau-Ponty, o estudo da percepção está intrinsecamente ligado ao estudo do imaginário, uma vez que é através do conceito de percepção que poderemos entender por que a imagem é fruto da imaginação e não o contrário.

2 NR – Redução Eidética

Nas palavras de Merleau-Ponty, a imaginação é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. (Merleau-Ponty, 1999, p. 6).

A percepção se dá no mundo, e o mundo se oferece a nós como campo para perceber. O objeto percebido – ao que ele denomina de “algo percebido” – está sempre no meio de outra coisa. Isso se dá porque o mundo está repleto de imagens. Assim, percebemos as imagens como se essas fizessem parte de um mosaico multicolorido e se destacassem, em meio a essa imensidão de imagens (Merleau-Ponty, 2000, p. 26).

Construímos a percepção com o percebido – percebemos com os sentidos: Vemos, ouvimos, sentimos o mundo. Merleau-Ponty parte do pressuposto de que toda consciência é consciência que percebe. Se assim é, todos somos convidados a perceber e refletir sobre o percebido.

Só apreendemos o percebido através das partes de um todo, ou seja, através de certos aspectos da percepção. Isso não quer dizer que percebemos de forma fragmentada, uma vez que a percepção é uma totalidade aberta e o mundo é essa totalidade de coisas perceptíveis.

A percepção carrega consigo um paradoxo, ao que Merleau-Ponty vai dizer que o percebido não pode ser estranho a quem o percebe – esse é o princípio da imanência (razão). Esse percebido também comporta um além do que está imediatamente dado, o que nos remete à transcendência, na qual podemos encontrar a imaginação.

Além do conceito de percepção, Merleau-Ponty trabalha também com os conceitos de tempo, espaço, visão, corporeidade, mundo vivido e intersubjetividade.

O sujeito que percebe é um sujeito temporal. Ele possui essa característica por uma necessidade psíquica interior. Esse sujeito observa os acontecimentos, recorta-os e se coloca em um ponto onde pode ver as coisas passarem (campo visual). O verbo passar, aqui, não tem o sentido do movimento de escoar das águas de um rio, uma vez que é um “processo real”, “uma sucessão efetiva” que o sujeito se limita a registrar. Para Merleau-Ponty, o tempo nasce na relação do sujeito com as coisas (1999, p. 551).

O tempo e o espaço são utilizados na transformação de nossa vida pela reflexão (1990, p. 89), sendo que o espaço não é objeto da visão, mas objeto do pensamento. O campo visual a que Merleau-Ponty se refere é:

O meio singular no qual as noções contraditórias se entrecruzam porque dois objetos não estão ali no terreno do ser, em que uma comparação seria possível, mas são apreendidas cada um em seu contexto particular, como se não pertencessem ao mesmo universo (Merleau-Ponty, 1999, p. 27).

A psicologia define o esquema corporal como um sistema dinâmico, ao que Merleau-Ponty (2000, p. 146) dirá: “Meu corpo me aparece como postura em vista de uma certa tarefa atual ou possível”. Esse esquema corporal é uma forma de mostrar que meu corpo está no mundo. O mundo já está aí antes de qualquer consciência percebê-lo enquanto tal.

O conceito de intersubjetividade de Merleau-Ponty se explica da seguinte forma: A percepção que eu tenho do mundo é a minha percepção de mundo, enquanto que o outro tem a dele, cada um a seu modo. Uma outra subjetividade surge a partir de minha subjetividade (que é o outro), como um fenômeno meu. Esse outro não é igual a mim, mas possui os mesmos direitos que eu. Ao se afastar de mim, como um fenômeno meu, o outro confere aos

meus objetos percebidos uma nova dimensão de ser intersubjetivo (Merleau-Ponty, 1990, p. 51).

Esse outro a que o autor faz alusão tem um papel fundamental na teoria da percepção. Existe uma reciprocidade entre o eu e o outro. Essa reciprocidade não é dada, mas conquistada na medida em que eu me adequo para pensar o outro como recíproco a mim.

Ao tratar da corporeidade, Merleau-Ponty dirá que o corpo é o campo perceptivo. Esse corpo não só está no mundo como “é no mundo”. Em resumo, perceber é tornar algo presente a si com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre em seu lugar num horizonte de mundo. Por isso, o corpo tem um papel como fundamento de base na teoria da percepção de Merleau-Ponty.

O mundo também é constitutivo da teoria de Merleau-Ponty. Para ele, o que é percebido através de um campo visual é organizado como convém a cada um. O que se percebe está no mundo, assim como o ser é no mundo. O autor persegue o sentido de ser do mundo em pelo menos duas obras – em *O visível e o invisível* e em *A fenomenologia da percepção*. Percebemos claramente sua preocupação em chegar à essência do objeto quando diz que “o que nos importa é precisamente saber o sentido de ser do mundo” (2000, p. 18).

E Merleau-Ponty afirma que, somente com a reformulação dos argumentos, é que será possível chegar à idéia de ser no mundo. Assim caem por terra os argumentos céticos e prestabelecidos pela ciência. E entra em cena a percepção, não como representação da coisa, mas sim a coisa mesma.

Bachelard (1996) nos confirma que a fenomenologia³ é o método que obriga um retorno sistemático a nós mesmos e nos impulsiona a nos

3 Em *A poética do espaço* Bachelard lançará mão, pela primeira vez e de forma exclusiva, do método fenomenológico de Husserl.

comunicarmos com a consciência criadora do poeta. Essa consciência poética fala com a imagem, porém está acima da linguagem comum, habitual.

O autor tem um conjunto de obras dedicadas à teoria da imaginação simbólica, no qual apresenta quatro arquétipos do imaginário⁴: Fogo, terra, ar e água, já estudados na Grécia Antiga, com Empédocles e Agrigento. Bachelard toma esses arquétipos como fonte do imaginário poético. A maioria de suas obras está repleta desses elementos naturais e muitas vezes mereceram obras inteiras. Os quatro grandes arquétipos estão enraizados no inconsciente humano e, a partir deles, se formam todas as imagens em nossa mente.

As obras de Bachelard podem ser divididas em duas partes. Na primeira, o autor mantém um diálogo bem próximo com a psicanálise. Das obras desse período podemos citar *A psicanálise do fogo* (1938), *A filosofia do não* (1940) e *A poética do devaneio* (1960). No segundo momento, Bachelard abandona a psicanálise e se aproxima mais da fenomenologia.

Com as obras *A água e os sonhos* (1942), *O ar e os sonhos* (1943) e as obras dedicadas à terra: *A terra e os devaneios do repouso* e *A terra e os devaneios da vontade*, ambas de 1948, Bachelard delimita o campo de seus estudos dali em diante: o imaginário poético. Essas obras inspiraram, posteriormente, Durand, o qual também trabalha com o imaginário, mas totalmente enraizado na antropologia, como veremos ao tratarmos do imaginário desse autor ainda neste capítulo.

Bachelard explora os conceitos de imagem, imaginação – que serão apresentadas mais à frente, bem como os conceitos de consciência poética, linguagem, sublimação, espaço e devaneio.

A imagem poética está na esfera de uma sublimação pura, que é a fonte das imagens não vividas. Essa sublimação se libertou do ímpeto dos

4 A referência aos quatro elementos aparece pela primeira vez em *O ar e os sonhos*.

desejos, por isso Bachelard dirá que ela não sublima nada. Existe uma relação entre imagem poética e os arquétipos, mas não é uma relação causal, pois a imagem poética não está sujeita a impulso.

A imagem poética está no presente, porém, volta ao passado através dessas imagens. Mas não temos idéia da repercussão que a imagem pode alcançar – se chegará às profundezas da imaginação, ou permanecerá na superfície. As imagens parecem ter vida em si mesma, ela carrega um dinamismo ontológico. Essa força da imagem é o campo de trabalho de Bachelard.

O autor faz um exercício para captar as imagens nas leituras dos poemas, mas elas podem ser percebidas também na linguagem do nosso dia a dia, nas palavras e nas frases – a materialidade da linguagem é voz e vocalização. Assim, as essenciais substanciais da linguagem devem ser tomadas ao pé da letra. Dos quatro elementos estudados por Bachelard, a água se constitui a senhora da linguagem. Água e linguagem são fluidas, e percebemos essa característica comum a ambas.

O sujeito se utiliza da língua – que se manifesta de forma individual – para se comunicar, e o faz na interação com outros sujeitos que também se utilizam da língua. Esta se apresenta, desde o século XVIII, como um “sistema de signos arbitrários, comunicacionais e essencialmente racionais” (Bakhtin, 1996, p. 84). A língua, desde Saussure⁵, é estudada como um sistema de formas, enquanto que a fala, como o ato de enunciação individual. Ambas (língua e fala) são os elementos constitutivos da linguagem e são compreendidas como a totalidade de todas as manifestações. Assim se manifesta a comunicação.

⁵ Lingüista francês que viveu entre 1857 e 1813

“A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como produto da interação viva das forças sociais” (Bakhtin, 1992, p. 66). Nenhum indivíduo nasce com o poder da palavra. É com Bakhtin que percebemos que a palavra se manifesta a nós no momento em que é expressa, como o produto da interação viva das funções sociais.

A imagem poética faz com que a linguagem se manifeste. Bachelard nos lembra que o sujeito da linguagem é um ser que reina numa espécie de paraíso terrestre da matéria. É interessante notar que o sujeito de Bachelard é um ser feliz, possuidor de todas as coisas para satisfazer suas necessidades da alma e do espírito. Esse ser habita um espaço que, na teoria de Bachelard, é símbolo de refúgio. Enquanto o tempo tem um sentido abstrato, o espaço tem a função de manter o tempo comprimido, amarrado. O autor dirá que as lembranças são encontradas no espaço, não na memória. Ele utiliza a imagem dos cantos da casa para apontar onde estão as lembranças de um tempo passado. O espaço, em Bachelard, convida à ação, e antes da ação é a imaginação que entra em cena, como imagem imaginada.

Através da imagem podemos explicar como se dá a imaginação. Com essa afirmação não queremos dizer que a imagem é fruto da percepção, mas que a imagem é um produto direto da imaginação, e vem antes da percepção. O filósofo do imaginário não possui um método para estudar o imaginário, pois para ele esse objeto só pode ser examinado, mas nunca estudado. E afirmará que a razão não serve para entender o imaginário, e ainda, que a imagem deve ser estudada no momento em que é imaginada. Essa afirmação nos faz entender porque ele diz que a água – a senhora da linguagem –, por exemplo, tem sempre uma carga diferente em cada poema⁶.

O autor se aventura nas imagens da água e a elas dedica um livro – *A água e os sonhos*. Enquanto desvenda os mistérios das águas, presentes em

⁶ Bachelard se refere às poesias estudadas, fenomenologicamente, em suas várias obras.

vários poemas cuidadosamente escolhidos, aparecem diversas águas, ora profundas e misteriosas, ora violentas.

A água e os sonhos, assim como outras obras bachelardianas exerceram grande influência no pensamento de Durand, o qual centra seu estudo na antropologia do imaginário. Ele pesquisa mitoanálise e mitocrítica, procurando sistematizar as pesquisas de Bachelard no campo da antropologia. No entanto, assim como Bachelard, Durand não estabelece um método concreto, e sim uma arquetipologia geral do imaginário (Strongoli, 1983, p. 7).

No prefácio da terceira edição francesa, de *Las estructuras antropológicas de lo imaginario*, Durand mostra que autores como Lupasco e Chomsky (Durand, 1981, p. 9) seguiram os passos de seu estruturalismo antropológico do imaginário, confirmando sua tese. Porém, os estudos de Greimas, denominada, por Durand, de estruturalismo formal, assim como as de Bastide, ameaçaram abalar seu estruturalismo antropológico, sem contudo consegui-lo.

Já na sexta edição francesa, na qual Durand afirma ter buscado inspiração na fenomenologia de Bachelard, bem como na psicanálise de Freud e no surrealismo da arte, completa a afirmação anterior apontando que sua tese é confirmada ano após ano por uma corrente de pensamento que faz a civilização se mover.

É notório o apoio que Durand busca em Bachelard, chegando a comparar seu trabalho ao daquele autor. Percebemos isso claramente quando Durand diz que o manifesto de um Novo Espírito Científico⁷, lançado por Bachelard, pode ter continuidade em nossos dias, com propriedade, através de um “novo espírito antropológico”. E este novo espírito antropológico foi

7 Durand refere-se à obra de Bachelard que leva o título homônimo: O Novo Espírito Científico (1934).

apontado por ele em suas obras sobre o imaginário, sempre pautadas na antropologia.

É fato que Bachelard abriu caminho para os estudos de Durand, retirando os obstáculos epistemológicos enraizados desde o século XIX. Assim, diversos autores, dentre eles Merleau-Ponty, ficaram livres para pensar diferente do que era imposto até então quando não havia outro caminho se não seguir as orientações de Descartes.

A representação é um conceito amplamente utilizado pela psicologia social, estudada por Serge Moscovici. Essa teoria trabalha com a relação epistemológica do sujeito e do objeto puros. As representações sociais constituem, assim, um sujeito que constrói a si e ao mundo em que vive (GUARESCHI, 1995, p. 19).

Bachelard (2000, p. 159) nos dirá que “a representação não é mais que um corpo de expressões para comunicar aos outros nossas próprias imagens”. A representação se faz necessária para que o outro possa conhecer o meu mundo, uma vez que jamais alguém poderá sonhar o sonho de outro, ou tomar parte em seus devaneios.

Alguns conceitos básicos devem ser apresentados para termos uma melhor compreensão do que se pretende. Imaginação, imagem e percepção – se completam, e muitas vezes se confundem mutuamente.

Os autores apresentados aqui não foram escolhidos por acaso, para dar suporte teórico a essa dissertação. Os conceitos trabalhados por eles estão intimamente ligados. Como vimos, os grandes arquétipos do imaginário de Bachelard também são estudados por Durand, cada qual com suas peculiaridades.

A percepção apresentada por Merleau-Ponty, tendo como base a lógica transcendental, bem como os outros conceitos apresentados pelo autor

nos possibilita entender a lógica do imaginário, uma vez que as imagens nos são dadas no mundo a partir dos arquétipos presentes, desde sempre, na história dos homens.

2. Em busca do imaginário infantil

A princípio pareceu impossível apreender o imaginário infantil. Ele mostrou-se escorregadio como o limo numa estação chuvosa e fria. Essa característica peculiar fez com que Durand (1988, p. 12) reconhecesse a vitória dos iconoclastas, quando os sábios relegaram o imaginário ao *status* de senso comum, expulsando-o do rol das ciências. Na tentativa de ordenar os conceitos, o positivismo impôs pesado fardo à imaginação, taxando-a de “senhora do erro e da falsidade”, “a louca da casa”, e dessa forma extinguiu os símbolos da vida de todo e qualquer mortal. Não é difícil entender porque o mundo peca pelo excesso de iconoclasmo, e por outro lado prima pela evaporação dos sentidos, mesmo tendo consciência de que o imaginário é essencial e imprescindível à vida de todo homem (Durand, 1988, p.23).

Mas, como percorrer os caminhos do imaginário infantil? Durand e Bachelard indicam o caminho:

...no hay que fiarse de las exigüidades o de los caprichos de la propia imaginación, sino poseer um preperitorio casi exhaustivo de lo imaginario normal y patológico em todas las capas culturales que nos proponen la historia, las mitologías, la etnologia, la lingüística y las literaturas (Durand, 1988, p. 12).

A imagem só pode ser estudada pela imagem, sonhando-se as imagens tal como elas se acumulam no devaneio. É um contra-senso pretender estudar objetivamente a imaginação, porque só recebemos verdadeiramente a imaginação quando a admiramos. Comparando-se uma imagem a outra, arriscamo-nos a perder a participação em sua individualidade (Bachelard, 1996, p. 52).

As palavras desses dois autores não nos dizem o que fazer para estudar o imaginário, mas os cuidados que devemos tomar ao tentar apreender o imaginário, com todas suas implicações, implícitas ou não.

Ainda em tempo, não propomos tratar de todo e qualquer imaginário, e sim do imaginário infantil. Nesse sentido, a imagem é a própria força do psiquismo. Assim, é preciso aprender a sonhar, pois o devaneio proposto pelo autor se opõe ao devaneio da sonolência e pressupõe disciplina. Bachelard refere-se ao sonho acordado, ao devaneio desperto. Em outras palavras, o imaginário pode ser criador da realidade, pois é expressão da humanidade. Ele, assim como o símbolo e o mito, pertencem à substância da vida espiritual, não material, portanto, não pode ser objeto para a empiria, e sim para a fenomenologia.

A imaginação só é possível quando existem sujeitos que imaginam. O que não é difícil de encontrar em meio às crianças. Por isso, o suplemento *Almanaque* foi escolhido como instrumento para apreender e compreender o imaginário. A utilização dele teve o objetivo de levar a criança a perceber o texto e a imagem propostos e a imaginar como seria a leitura sugerida e os personagens, tendo como base experiências de vida individual e coletiva.

Nesse sentido, faz-se necessário conceituar criança e infância, as quais serão tratadas adiante, quando procuraremos mostrar como a criança pensa, sente, percebe e representa as coisas e os eventos de seu cotidiano

(Pacheco, 1988, p. 31), através dos símbolos apreendidos nas sessões nas escolas. Estas questões terão resposta na observação do imaginário infantil, na recriação que elas, as crianças, fazem de um mundo não real, o mundo do faz-de-conta – primeiro aspecto do imaginário infantil. É claro que não se pode fugir do que Ariès (1981) nos aponta como ponto de partida: A criança deve ser pensada enquanto ser social, historicamente determinada.

Durand estabelece que a função do imaginário é, antes de tudo, uma função de eufemização, porém, não simplesmente ópio negativo, máscara que a consciência veste diante da horrível figura da morte mas, ao contrário, dinamismo prospectivo que, através de todas as estruturas do projeto imaginário, tenta melhorar a imagem do homem no mundo (Durand, 1988, p. 101).

Os estudos de Durand acerca do imaginário estão centrados nas estruturas antropológicas, dando pistas para que Strongoli (1983) trate do imaginário infantil. E como não poderia deixar de ser, Piaget está presente nesse estudo, uma vez que Durand lançou mão de alguns conceitos desenvolvidos por ele, como os de acomodação e equilíbrio. O autor não poderia deixar de recorrer também a Vygotsky, pois suas teorias sobre pensamento e linguagem trazem grande contribuição.

O estudo do imaginário, bem como do pensamento simbólico, os quais trazem em seu bojo imagens, símbolos e mitos, possibilita o desvelamento do ser humano, uma vez que precedem a linguagem e a razão (Eliade, 1991, p. 8). Esse homem desvelado pelo imaginário não está ainda imbuído da história de todos os homens. Como nos aponta Hegel, a consciência ainda não se objetivou, uma vez que ainda não encontrou outras consciências.

Alguns autores afirmam que a imaginação não domina senão onde impera uma razão infantil. Daí a origem das fábulas, pois à medida que se é mais 'ignorante' e que se tem menos experiência, mais se vêem prodígios. Por sua vez Eliade nos alerta para o fato de que a imaginação não pertence somente

às crianças, aos poetas e aos loucos, pois assim como o pensamento simbólico, a imaginação é “consustancial ao ser humano” (Eliade, 1991, p. 8).

Por outro lado, temos também os jogos simbólicos, que começam cedo na fantasia das crianças e que trazem uma nova concepção de imaginário. Segundo a psicologia de Melanie Klein, esses jogos ajudam a elaborar conflitos, angústias, medos. Não há, porém, substituição do real pelo imaginário infantil. Se isso ocorresse, estaríamos lidando com o patológico, o que não é pretensão deste estudo. Melanie Klein, em suas pesquisas sobre psicanálise infantil, mostra que, ao brincar, a criança expressa suas fantasias, seus desejos e suas experiências reais de um modo simbólico (1997, p. 27).

Já Bachelard entende imaginação como a essência do espírito humano. O sonho – que o autor denomina de atividade onírica –, assim como o intelecto, a criatividade tem sua base na imaginação. Ele afirma ser a imaginação o registro passivo de experiências e um princípio de multiplicação dos atributos da intimidade das substâncias (ar, fogo, água e terra). A imaginação é também vontade de mais ser, não é evasiva, mas pródiga. Não é contraditória, mas ébria de oposição. Em resumo, a imaginação é o ser que se diferencia para estar seguro de tornar-se.

A imaginação, em Bachelard, se manifesta no campo da poesia, do devaneio e dos sonhos, porém ela só se desenvolve a partir dos quatro elementos (água, terra, fogo e ar). A imaginação se alimenta desses elementos da natureza e eles são os *a priori* da imaginação criadora.

Para Bachelard, as imagens surgem do psiquismo e não da percepção. Elas têm uma existência própria. Essa afirmação, a princípio, contraria Merleau-Ponty, uma vez que ele entende percepção como a paisagem onde os atos se destacam. Mas as imagens em Merleau-Ponty não são estáticas.

É a imagem que irá explicar o funcionamento da imaginação. De que forma isso se dá? Bachelard mostra esse processo na medida em que analisa

as imagens poéticas. Assim, ele pensa, por exemplo, junto aos poemas de Edgar Allan Poe, em *A água e os sonhos*, e de outros poetas em várias obras sobre o devaneio.

Toda grande imagem, a exemplo da imagem da água, presente nos poemas de Alan Poe, tem uma história e uma pré-história (Bachelard, 2000, p. 50). Podemos perceber através dessas imagens, que elas são mais fortes que as idéias e que o real. Bachelard se refere aqui às lendas e aos mitos que povoam a imaginação e os sonhos das pessoas.

Por sua vez, Durand conceitua imaginação como “o conjunto de imagens e de relações de imagens que constrói o capital pensado do *homo sapiens*” (1988, p. 11). O homem coleta imagens através dos órgãos dos sentidos e as armazena em sua consciência. Ao longo de seus dias faz relações com o que tem armazenado. Isso é imaginação!

Imagem, muitas vezes, se confunde com signo, alegoria, símbolo, emblema, parábola, mito, ícone, ídolo. O autor lança mão desses conceitos em seu estudo sobre imaginário, sem, contudo, confundi-las.

Na obra de Durand, signo é empregado com o sentido em geral. Para ele, um signo serve para economizar as operações mentais. Eles podem ser escolhidos arbitrariamente para representar, por exemplo, o perigo. O autor apresenta dois tipos de signos – os arbitrários, que são os que indicam e podem ser facilmente representáveis; e os alegóricos. Estes últimos, diferente dos signos arbitrários, dificilmente são representáveis, pois se referem a um sentido.

Em seus estudos sobre linguagem, Bakhtin (1992, p. 32) declara que existe um universo de signos que, na verdade, é um universo particular, localizado ao lado de fenômenos naturais. Para ele, um signo não existe apenas como parte de uma realidade, pois acaba refratando e refletindo uma outra realidade. Assim, o signo pode ser facilmente compreendido.

Já a alegoria é um símbolo alegórico e é uma forma figurativa de se expor um pensamento, uma vez que é um signo complexo. O símbolo pertence à categoria do signo e estão classificados em dois grupos: do regime diurno e do regime noturno. Esses símbolos serão estudados no capítulo IV, quando iremos analisar o imaginário infantil a partir dos dados colhidos na pesquisa de campo.

O emblema não deixa de ser uma alegoria, mas desta vez rodeada de objetos, a exemplo da bandeira ou da flâmula. E, por sua vez, o mito se coloca no prolongamento dos símbolos dos esquemas e dos arquétipos reunidos dinamicamente em uma narrativa. O mito explica um esquema ou um conjunto de esquemas. É um esboço de racionalização porque utiliza o fio de um discurso, no qual os símbolos se convergem em palavras e os arquétipos em idéias (Strongoli, 1983, p. 27).

O capital pensado, apontado por Durand, possibilita representar o mundo de duas maneiras distintas: “Uma direta, outra indireta, ou seja, pensamento direto e indireto. Na primeira, o objeto parece estar na mente (percepção ou sensação). Na segunda, o objeto é re-(a)presentado à consciência por uma imagem”, isso ocorre quando “o objeto não pode se apresentar à sensibilidade” (Durand, 1988, p. 11).

Esse último somente assinala o objeto. Na verdade, a consciência, segundo Durand, dispõe de diferentes graus de imagens, “cujos dois extremos seriam constituídos pela adequação total ou inadequação mais acentuada” (1988, p. 12).

Essa inadequação de imagens é nada mais, nada menos, que o símbolo, o qual está na categoria dos signos. Se assim é, não se pode confundir símbolo e signo com imaginário. Muito menos se pode igualá-los à alegoria ou aos emblemas (os quais são signos complexos), pois estes contêm um elemento concreto ou exemplar do significado.

O signo é empregado por Durand em seu sentido amplo, geral, enquanto que o símbolo é o mesmo empregado por Piaget, uma vez que pode se constituir um esquema que, por sua vez, constitui o esqueleto dinâmico da imaginação.

Por sua vez Durand (1981) estabelece alguns postulados, sem os quais se torna impossível situar o imaginário como objeto de estudo. O autor afirma que:

- A imagem é sempre, intrinsecamente, motivada;
- Semantismo do imaginário é a matriz do pensamento;
- A motivação simbólica tem um caráter pluridimensional, espacial, não linear;
- A imaginação tem função eufemizante.

As pessoas, e muito mais as crianças, percebem as coisas e fantasiam sobre o que vêem e sentem, o mundo aparece, então, como um cenário que oferece imagens. Merleau-Ponty dirá: “A cada instante fantasio acerca de coisas, imagino objetos ou pessoas cuja presença aqui não é incompatível com o contexto e, todavia, eles não se misturam ao mundo, e eles estão adiante do mundo, no teatro do imaginário” (1999, p. 6).

Para o Merleau-Ponty, imaginação e fantasia se equivalem. Imaginação e percepção também acontecem quase que concomitantemente. Bachelard pensa de forma diversa, como foi destacado anteriormente. Mas o autor vai mais longe quando diz que a imagem nada tem a ver com a percepção (Cf. p. 38)

3. Comunicação e educação

Santo Agostinho, em seus estudos sobre o pensamento e a palavra, nos lembra que:

... falamos enquanto intimamente pensamos as próprias palavras em nossa mente; assim, com as palavras nada mais fazemos do que chamar a atenção; entretanto, a memória, a que as palavras aderem, em as agitando, faz com que venham à mente as próprias coisas, das quais as palavras são sinais. (Santo Agostinho, p. 324).

Os gregos já percebiam a profunda ligação entre pensamento e linguagem. A leitura do jornal pressupõe essa interação. É nesse sentido que Vygotsky (1963, p. 43) afirma que uma criança é capaz de descobrir a função simbólica da fala, o que mais tarde será transferido para a escrita e para a leitura.

Por sua vez, Bakhtin (1992) afirma que “a linguagem só pode ser apreendida por causa de sua orientação em direção ao outro”. É que, para ele, a linguagem tem uma dimensão dialógica, é autônoma, não tem um sentido único ou fixo. Num diálogo temos um sujeito único falando a outro sujeito também único, o que impossibilita que a linguagem se renda às redes de relações sociais.

Husserl nos lembra que, para a fenomenologia, a palavra não tem sentido material, pois é uma realidade sensível. Quando realiza atos significativos, ela é portadora de sentido, e através da consciência, torna-se sinal. O pensamento está inserido numa linguagem.

Com Bakhtin (1992, p. 36) entendemos que “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”. Em todas as relações, sejam elas banais

ou não, a palavra se faz presente. A ideologia funciona como uma rede, formando assim, uma trama de relações sociais.

Nas falas das crianças que serão analisadas posteriormente, no capítulo IV, poderemos perceber a força das palavras, bem como a ideologia que carregam, por intermédio da leitura que fizeram do suplemento Almanaque.

Com os gregos antigos, ainda não havia uma teoria da comunicação. Hoje ela existe, mas não possui uma linha cronológica histórica, uma vez que esta não se construiu de forma linear.

A teoria da comunicação surgiu no século XIX, apenas como esboço do que viria a ser. Porém, com Adam Smith, no século XVIII, já encontramos o germe dessa nova ciência.

Para Santos a maioria dos estudos sobre comunicação fundamentou-se em modelos mecanicistas. A comunicação era pensada como transmissora de significados prontos – da emissão à recepção. Esse autor nos dirá que, a partir da década de 70, as análises passaram a se centrar no emissor, muitas vezes tomando os indivíduos isoladamente.

Apesar de diversas teorias da comunicação, as quais centram seus estudos no receptor ou no emissor, continuamos a nos comunicar. Nos nossos dias percebemos que comunicação está presente em todas as instâncias – familiar, escolar, de trabalho – assim, merece destaque nas discussões acadêmicas em especial. O professor é o comunicador por excelência, mas nem por isso domina todos os meios de comunicação disponíveis. A escola, por sua vez, na tentativa de mostrar que está caminhando rumo ao futuro, equipa seus estabelecimentos com máquinas de última geração, mas nem sempre oferece aos professores competência e/ou liberdade necessárias para desenvolverem um bom trabalho com a dita “parafernália”.

Não é de hoje que os intelectuais discutem os efeitos das novas tecnologias em instância individual e coletiva. Afinal, os meios de comunicação de massa existem para integrar ou enfraquecer? As tecnologias em grande escala na comunicação não mudam a sociedade, porém, a forma como são utilizadas faz a diferença.

Se o capitalismo se apropria dos meios sem que os cidadãos nada possam fazer para mudar a situação, teremos uma sociedade acuada. Mas, se esses cidadãos usarem as mesmas armas a seu favor, então poderemos sonhar com uma nova sociedade. A resposta pode estar na utilização das tecnologias na escola, a fim de produzir conhecimento e diminuir distâncias entre as classes sociais.

“Por que nos comunicamos?” A partir dessa pergunta, Moran, em seu livro *Mudanças na Comunicação Pessoal* (2000), inicia uma rica discussão que nos leva às diversas instâncias – família, sociedade, escola –, sendo que os sujeitos percorrem, a seu tempo, as dimensões presencial e virtual. Enfim, o autor nos faz refletir acerca das complexas redes de interação pessoal e social construídas por cada um dos sujeitos com quem nos relacionamos, bem como por nós mesmos.

Moran faz uma análise dos meios de comunicação na perspectiva do cidadão, da utilização de forma integrada e criativa das novas tecnologias na educação e da compreensão da comunicação como um processo de humanização individual, comunitário e social. Essa discussão se dá porque é sabido que a comunicação exerce uma forte influência na vida das pessoas. O que fazer para que essa força não desvirtue as mentes, mas seja utilizada para o crescimento pessoal e social?

A resposta vem aos poucos nas palavras de próprio autor – saber o que é comunicação, como e quando ela se dá e em quais dimensões. A aquisição desse conhecimento específico se faz necessária para que haja uma boa

comunicação, em todas as dimensões, individual e social. Não é sem motivo que universidades desenvolvem pesquisas integrando comunicação e educação.

Faz-se necessária uma intervenção crítica dos educadores e comunicadores quanto a esse instrumento denominado por Gomez (1997) de “escola sem licença para ensinar”, uma vez que os meios de comunicação de massa fazem parte da vida de todos.

É nessa perspectiva que o professor Pasquale Cipro Neto, em um dos seus programas Nossa Língua Portuguesa, veiculado pela TV Cultura, afirma que uma das formas de não se deixar corromper pelos programas televisivos de nível “C”, é ler. A leitura faz com que a criticidade seja aguçada e assim o sujeito não se deixe levar por conceitos prontos e acabados, sem questioná-los.

Os programas de nível C podem ser do tipo sensacionalista, que se alimenta de notícias de variedades – sangue, sexo, drama, crime – e vendem audiência. E por outro lado, programas do tipo interessante para todo mundo, que abarca um grande número de telespectadores. Estes últimos não chocam ninguém, mas também não tratam de nenhum assunto importante. O tempo gasto com esses tipos de programas poderia muito bem ser utilizado para exibir programas educativos, uma vez que um considerável número de cidadãos não lê ao menos jornal, quicá revistas e outras fontes de informação.

Essa preocupação procede, na medida em que a sociedade da informação, na qual a busca por novas informações a um tempo nunca antes experimentado, o livro impresso, assim como o jornal, parece tornar-se obsoleto, dando lugar à TV e à Internet, exige que as pessoas desenvolvam novas formas de interação pessoal.

Faz-se necessário, portanto, rever o conceito de tempo e de realidade, uma vez que o que há 50 anos só poderia acontecer em nível presencial, hoje se dá em nível virtual. Uma mensagem que demorava dias ou

meses para chegar ao destinatário e/ou esbarrava no quesito custo, não mais encontra barreiras. Cambiou também as formas de construir o pensamento lógico. “Graças” ao computador, por exemplo, o texto já sai “pronto”, sem se fazer necessário o árduo trabalho de editar novamente toda a obra, devido a um erro percebido só na conclusão da obra. Por outro lado, perde-se o rico processo de construção da obra, pois a tecla *delete* elimina o indesejado e não deixa rascunho.

Nesse novo campo de interação pessoal, Moran apresenta as diversas dimensões da comunicação pessoal, as quais são universais e atemporais: A comunicação como busca e como expressão; como reencontro; como compartilhamento; a comunicação cognitiva e afetiva; competitiva; condicional e incondicional; clara e ambígua; e a comunicação como ação produtiva ou fuga (2000, p. 9 – 27).

Tendo em vista cada uma das dimensões da comunicação pessoal, chega-se à conclusão que a comunicação integral só se dá de forma equilibrada. Moran nos dá a pista: A pessoa que gerencia bem suas emoções mostra no processo de comunicação uma congruência maior, uma coerência entre sua atitude básica e suas palavras e gestos. A pessoa tímida, insegura, medrosa, avança e retrocede ao mesmo tempo, confia e desconfia, se aproxima e afasta, elogia e critica ao mesmo tempo. Isso perturba e contamina profundamente todo o processo de comunicação com os outros.

Um educador deve possuir essas qualidades básicas, pois, além do conteúdo programático, ele comunicará valores morais e éticos a seus alunos. Se o corpo discente perceber a insegurança de seu mestre, não o tomará como tal, e dessa forma não se dará a comunicação em toda sua amplitude, bem como afetará o processo ensino-aprendizado.

Comunica-se de diferentes formas – aparente, superficial, autoritária, real e possível. Segundo Moran (2000, p. 45), “é preciso estar atento

aos diversos tipos de comunicação que mantemos com as pessoas que nos cercam” para que possamos ajudar quem está a nossa volta e a nós mesmos. Assim, manteremos uma comunicação real e possível, evitando que ela seja autoritária, aparente e/ou superficial.

As redes que construímos na medida que nos comunicamos podem ser mais ou menos produtivas, disso dependerá a qualidade do capital cultural que desenvolveremos durante toda nossa vida, em todos os lugares que freqüentamos.

A comunicação é um processo de humanização individual, comunitário e social. É Carl Rogers quem alerta: “Um indivíduo consegue hoje um diploma de curso superior sem nunca ter aprendido a comunicar-se, a resolver conflitos, a saber, o que fazer com a raiva e outros sentimentos negativos” (apud. Moran, 2000, p. 155).

Isso se dá porque o indivíduo não se conhece, não faz questão de conhecer o outro e assim não constrói redes de comunicação, portanto, não há troca de experiências e crescimento pessoal e/ou coletivo.

A natureza busca equilíbrio, e o homem, o qual faz parte dessa natureza, tende a fazê-lo também, como lembram Lulu Santos e Nelson Motta na música Certas coisas: “Não existiria som se não houvesse o silêncio. Não haveria luz se não fosse a escuridão. A vida é mesmo assim: Dia e noite, não e sim”. Porém, quando o sujeito se isola crendo que não necessita da colaboração do outro, por incontáveis motivos – se nos determos nesse ponto entraremos no campo da psicologia –, a comunicação não se faz, não há interação.

A comunicação se dá para cada um de forma única e intransferível. Ao afirmar que “o mundo que vejo não coincide com o que o outro vê”, Moran remete-se a Górgias, filósofo grego do século V a.C., o qual afirma que “os indivíduos não são iguais, então nada impede uma percepção diversa”. Se todos, indiscriminadamente, percebessem a riqueza dessas palavras não tentariam

mudar o outro com seu discurso, produzindo um diálogo de surdos, em que todos falam, mas ninguém escuta o que o outro tem a dizer.

Não é de hoje que estamos vivendo uma revolução no campo comunicacional. Essa revolução cresce juntamente com a percepção dos intelectuais a respeito do assunto. Discutindo acerca das novas tecnologias na comunicação pessoal, Moran afirma que “os intelectuais ou criticam violentamente as possibilidades dos novos meios ou vêem em cada meio que aparece possibilidades novas de participação dos cidadãos, de elevação do seu nível cultural”.

Adorno (1986) é um desses intelectuais, o qual, na década de 30, criticou o estatuto da música, contradizendo a teoria que afirmava que o jazz exprimia a liberdade dos negros americanos, pois para ele o estilo musical “reduz a distância entre o indivíduo alienado e a cultura afirmativa, isso é, a exemplo da arte afirmativa, uma cultura que favorece não que deveria afirmar – a saber, a resistência – mas, pelo contrário, a integração do *status quo*”.

Horkheimer faz coro com Adorno e, juntos, denominam de indústria cultural à produção industrial dos bens culturais, pois acreditam que esses bens estariam sendo tratados como mercadorias e comercializados como tais.

Nas palavras de Moran percebemos a mesma preocupação com as finalidades dos meios de comunicação de massa:

Quando surgem, o cinema, o rádio e, depois, a televisão ressaltam as possibilidades educacionais, culturais e comunicacionais de cada meio. Mas na realidade esses meios são apropriados pelo capitalismo, que os transforma em indústria, buscando o lucro fácil e universal e leva ao predomínio de conteúdos de entretenimento e a formas de comunicação mais dirigidas do que

participativas. As limitações de interação não eram principalmente técnicas, mas da forma de organização empresarial capitalista (Moran, 2000, p. 72).

Marcondes Filho (1988, p. 28), por seu lado, afirma que a comunidade industrial nos seduz com vãs promessas, abandonando-nos sem efetivamente nada nos dar.

É fato que as novas tecnologias tanto podem aproximar quanto isolar os indivíduos. Elas também podem facilitar a educação continuada, ou a indústria do trabalho, como já o faz, bem como favorecer ao plágio e às cópias sem que haja questionamento e compreensão por parte dos alunos que pesquisam na Internet, por exemplo. Por isso, é necessária a presença de um professor com capacidade de comunicação autêntica para estabelecer relações de confiança com seus alunos pelo equilíbrio, competência, simpatia com que atua, e debater o sentido das tecnologias na vida social.

Os meios de comunicação de massa devem estar na sala de aula não como inimigos, mas como aliados do processo ensino-aprendizado. A TV, o rádio, o computador – com todos os programas, assim como a Internet, devem ser aliados do professor. Nessa perspectiva, o professor estará integrado – ou como diria a “galera” jovem, “antenado” – às novas tecnologias, uma vez que mídia eletrônica faz parte da vida dos nossos alunos desde tenra idade. Lembramos que muitos jovens também têm acesso à mídia escrita através da internet.

Fazendo minhas as palavras de Moran, a criança também é educada pela mídia, principalmente pela TV. Não é preciso fazer esforço para aprender através da tela da TV, ou de um *site* da Internet colorido. Isso se dá porque os meios de comunicação operam com o sensível e o concreto, principalmente a imagem em movimento.

Mas a utilização do jornal na sala de aula ainda tem seu charme e interessa em muito às crianças, como pôde ser observado na recente experiência com o Almanaque na sala de aula. As figuras, bem como as fotos impressas nos periódicos também chamam a atenção. É por isso que a manchete do dia é estampada na primeira página. É por isso também que os suplementos infantis, como o Almanaque, encartados em diversos jornais do mundo todo, priorizam o visual – quanto mais imagem, mais agrada a garotada. Os programas de jornal nas escolas têm o objetivo claro de formar o leitor do futuro, para garantir o leitor de amanhã.

É nesse cenário que se dá a educação. Aí o professor deverá incluir essas mídias ns suas atividades e reflexões com os estudantes, sabendo que elas desenvolvem formas sofisticadas, multidimensionais, de comunicação sensorial, emocional e racional.

Em outras palavras, essa sociedade de informação na qual vivemos necessita de bons comunicadores. Os educadores-comunicadores têm a vantagem de possuírem à sua disposição os modernos meios de comunicação de massa, mas, infelizmente, muitos ainda não descobriram o rico veio de informação que emana das novas tecnologias – televisão e computadores, principalmente, muito embora utilizem o jornal com freqüência, na forma de periódico ou suplemento infantil.

Com o desenvolvimento das novas tecnologias, os estudos de recepção e comunicação tiveram de ser reformulados, ou seja, pensados a partir das novas exigências do século XX. O receptor aqui pensado não é passivo e o emissor também não é o todo-poderoso. A relação não se configura assim $E \rightarrow R^8$ – conforme o modelo americano que vigorou por quase todo o século XX, denominada por Barbero de concepção epistemológica condutivista –, e sim

8 Estimulo – Resposta/ Emissor – Receptor

desta forma: $E \leftrightarrow R$, que é o modelo, no qual o receptor tem tanta força, com sentido de poder, quanto o emissor (Sousa, p. 13 – 15).

Essa concepção de receptor – epistemológica condutivista – está intimamente ligada com a concepção iluminista de aquisição de conhecimento, na qual o receptor se apresenta como um saco vazio para receber conhecimentos de outrem. Criou-se, assim, um sujeito-receptor incapaz de sobreviver a um mundo repleto de perigos camuflados em forma de informação. O que se provou ser uma inverdade (Barbero In. Sousa, p. 39 – 68).

Bakhtin (1996, p. 70) nos lembra que o emissor e o receptor da linguagem, portanto, da comunicação, devem estar situados no meio social, e nunca no individual e particular. Emissor e receptor deverão fazer parte de uma sociedade claramente organizada, e falarão a mesma língua. Além do mais, é indispensável que tenham uma relação interpessoal “sobre um terreno bem definido”. Só assim ocorrerá o ato da comunicação.

A comunicação passou por diversos modelos, como o condutivista, surgido na década de 60, que separava o método de estudo do receptor, do emissor e da mensagem, fragmentando assim, os conceitos básicos, da comunicação.

Jesús Martín-Barbero nos alerta para o fato de que a “recepção não é apenas uma etapa do processo e comunicação. É um lugar novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação” (1995, p. 39). Nesse novo lugar sugere um novo receptor.

Com o receptor, a palavra, símbolo maior da comunicação – seja ela oral ou virtual transmite a nós a história de nossos antepassados. E assim, com a história na mão podemos dar-lhe o rumo que desejamos. A palavra deixou de ser transmitida unicamente via oral, uma vez que é mediada pela tecnologia. Surge, assim, um novo tipo de linguagem que supera os jornais e revistas

impressos e avança para o audiovisual – TV, computador, muitas vezes em tempo real (Orozco, 1997, p. 58).

Esse tipo de linguagem, transmitida pelas novas tecnologias, deixa de lado a lógica e a racionalidade para dar lugar a uma outra lógica, que prima pela justaposição de signos de diversos tipos de procedências, tendo como objetivo único o espetáculo. É diante desses espetáculos que as crianças aprendem, muito mais do que na escola, uma vez que elas passam muitas horas frente à TV, podendo somar sete horas diárias.

Não raro os programas de TV influenciam a vida das crianças, assim como a leitura de jornal ou de outros textos, transformando o significado dos textos. Podemos perceber essa influencia na fala de uma criança numa sessão de grupo focal, tendo como instrumento de análise o texto: Um beijinho doce, (edição 718, p. 3). Depois de ler e observar o desenho do beija-flor:

Palavra 1⁹

Bárbara – Isso deve ser um beija-flor. Está aqui: “Um beijinho doce”

Marcos – Mas é um beija-flor. O beija-flor chupa o mel da flor. Ele faz assim (reproduzindo o som de chupar) para pegar o mel da flor

Bárbara – Tia, você viu aquela propaganda do ‘Vampiromania’? Tem os beija-flores chupando água e os vampiros chupando sangue. É massa (sic) ela

Marcos – Não acho massa não. É paia (sic). O ruim é o barulho (reproduziu novamente o som de chupar). Eu odeio.

Na época dos encontros com os alunos, a Rede Globo estava veiculando as chamadas para a nova novela das sete horas: O beijo do vampiro. Os comerciais traziam o título de “Vampiromania”, o que chamou a atenção das

⁹ Bakhtin nos lembra que o que faz da palavra, uma palavra, é sua significação (1992, p. 41)

crianças no sentido positivo, como podemos perceber na fala da Bárbara, e no sentido negativo, como está claro na fala do Marcos.

Sem ter a pretensão de considerar essa troca de valores correta ou não, devemos levar em conta que, muitas vezes, os conhecimentos oferecidos pelos meios de comunicação de massa são tão válidos quanto os oferecidos pela escola, uma vez que aquele permite às crianças moverem-se no mundo em que vivem com mais segurança.

Não estamos querendo depreciar a escola, uma vez que os meios de comunicação de massa, mais precisamente a TV, apresentam-se como um pacote no qual a informação está, muitas vezes, envolta por conteúdos destituídos de valor cultural. Mesmo assim, muitos programas são estímulos para a imaginação, para a aprendizagem e para a vida (Orozco, 1997, p. 61).

Sabemos que vivemos numa sociedade que pretende ser informatizada. Nesse sentido, Soares (1998, p. 33) assume uma postura pós-moderna para tratar da formação de professores. Ele afirma que todos os paradigmas construídos na modernidade de nada valem e, por isso, deve-se buscar novos paradigmas que substituam os antigos herdados do iluminismo.

Um das características da modernidade – o ideal iluminista – é responsável pela forma como se tem estruturado o ensino no mundo ocidental, mas já não oferece paradigmas adequados para a construção de um projeto educativo que sirva ao atual momento histórico.

O desenvolvimento tecnológico permite que a informação represente hoje o fator-chave dos processos produtivos de bens e serviços, interferindo não só na produção de bens da natureza física, senão, principalmente, naqueles de natureza simbólica.

A tecnologia da informação constitui um dos elementos mais dinâmicos da moderna economia mundial, chega igualmente a todos os lugares –

pobres e ricos. Interfere na organização do trabalho. Propõe uma nova manobra do poder mundial.

Na era da informação, tudo muda rapidamente – desde as cosmovisões que alimentam o imaginário social, até a forma dos seres humanos se relacionarem uns com os outros.

A mudança na sociedade da informação está representada pelo crescimento significativo da ausência de certezas. Nesse contexto, qual o destino da escola? Como ficam os professores frente a tanta incerteza? E os alunos?

Conforme a proposta pós-moderna para a educação, a escola não seria mais a responsável por pensar e organizar a sociedade na era da informação, e sim a comunicação de massa. Podemos verificar as mudanças do modelo de comunicação moderno, em comparação com o pós-moderno.

Quadro 1 – Modelos de Comunicação: moderno X pós-moderno

FORDISMO/MODERNIDADE	COMUNICAÇÃO DE MASSA/PÓS-MODERNIDADE
<ul style="list-style-type: none"> • Pensamento lógico • Pensamento em síntese • Pensamento geométrico • Basicamente livresco • Legitimado pelo saber universitário • Socializado pelo processo de escolarização • Baseia-se num espaço local • Sistema regido por normas conhecidas pelos usuários • Apresenta-se como um conjunto de 	<ul style="list-style-type: none"> • Pensamento fragmentado • Essencialmente audiovisual • Cultura aleatória • Navega sobre as nações (não tem território próprio, não tem donos visíveis) • Traz formas de poder mais sutis • Conjunto de instituições com vínculos transnacionais a serviço de públicos

<p>instituições que depende do Estado</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tende a ser coerente, organizado burocrático e hierarquizado • Dirige-se a públicos determinados • Tem como missão a sistematização e a transmissão de conhecimentos especializados 	<p>diferentes, desburocratizado</p> <ul style="list-style-type: none"> • O conteúdo principal é o ócio para alguns e mercadoria para o consumo
---	---

Fonte: Soares, 1998, p. 33 – 44.

Existe, como nos lembra Soares (1998), uma nova maneira de compreender o mundo e tudo que nos cerca. Com isso cria-se uma nova inteligência – os jovens respiram outra cultura, possuem baixa capacidade de concentração, capacidade de percepção fragmentada – recebem muitas informações de forma superficial, e assim não conseguem articular essas informações com suas histórias de vida.

Pierre Babin (apud. Soares, 1998, p. 36) acredita que o problema está na linguagem audiovisual e nos equipamentos que rodeia esses jovens. Esses equipamentos possuem uma linguagem não linear, com flashes sucessivos e atmosfera difusa, sem precisão. A comunicação não é didática, não se divide em partes articuladas, não é dedutivo, apresenta-se em sucessivas facetas que se destacam, aparentemente sem ordem, em um fundo comum.

Na defesa dessa nova inteligência (tissular), Babin (apud Soares, p. 37) justifica dizendo que “ver o mundo através do audiovisual ajuda na percepção multidimensional – as respostas tendem a ser globais, sensoriais, emotivas”:

Quadro 2 – Inteligências – geométrica X tissular

INTELIGÊNCIA GEOMÉTRICA	INTELIGÊNCIA TISSULAR (ANALÓGICA)
<ul style="list-style-type: none"> • Processo de leitura do mundo se orienta em direção a uma atitude especulativa que busca representar o mundo procedendo mediante à análise e à síntese • Pensamento construído em unidades e em diferentes situações, depois combinadas • Inteligência conceitual • Discurso formal 	<ul style="list-style-type: none"> • Funciona por um mecanismo de Comparação • Função pedagógica • Função metodológica

Fonte: Soares, 1998, p. 36-37.

Soares afirma que a modernidade dividiu o homem em razão e sensibilidade, e a educação acabou ficando com a razão. Mas a educação deve estar atenta também aos reclames da nova cultura, pois não é possível continuar crendo numa razão ditatorial. É necessário recuperar a sensibilidade e buscar uma nova razão, que pense a parcialidade, a individualidade, o pluralismo.

Porém, deve-se buscar novos sentidos e intencionalidade no trabalho na sala de aula – recuperar a sensibilidade dos estudantes e professores. Aqui, os meios de comunicação têm um papel fundamental, pois ligam razão e sensibilidade.

Para fazer parte da cultura da pós-modernidade, a escola deve orientar-se para a sensibilidade humana, educar para a incerteza, para desfrutar da vida, para a significação, para a convivência, para apropriar-se da história e da cultura, bem como para o consumo, para a ética e para a cidadania.

CAPÍTULO II

HORA DA COLHEITA

Que pode haver de mais belo que um caminho? É o símbolo e a imagem da vida ativa e variada

Consuelo

1. Infância

Diversas obras tratam da infância. São livros da área de pedagogia, psicologia, filosofia, antropologia, lingüística e tantas outras. Mesmo que até os gregos antigos tenham se interessado pelo assunto, este só começou a chamar atenção há bem pouco tempo. Não que não fosse um tema interessante, mas porque o conceito de infância começou a fazer parte da vida das pessoas muito recentemente.

Philippe Ariès, um grande estudioso da criança, diz que até por volta do século XII, não havia lugar para a criança naquele mundo. É possível perceber isso através das pinturas e esculturas da época (1981, p. 50). Quando as crianças eram retratadas, eram apresentadas com corpos reduzidos, mas com todas as características de adultos – músculos, rugas.

No século seguinte, as crianças passaram a ser retratadas com mais frequência, porém ainda era comum que os artistas retratassem-nas como adultos em miniaturas. Foi somente no século XIII que começaram a aparecer as crianças da forma como são retratadas hoje. O primeiro tipo de criança que

No século seguinte, as crianças passaram a ser retratadas com mais frequência, porém ainda era comum que os artistas retratassem-nas como adultos em miniaturas. Foi somente no século XIII que começaram a aparecer as crianças da forma como são retratadas hoje. O primeiro tipo de criança que apareceu foi o anjo, já “grandinho”, é verdade, mas foi o que mais se aproximou da infância; o segundo, o menino Jesus, que sempre era retratado vestido, e só seria representado nu, no final da Idade Média; e o terceiro tipo era a criança nua, com exceção do menino Jesus. Em se falando de nudez, as almas eram, em muitos casos, representadas como crianças nuas – tanto no nascimento quanto na morte.

Como pudemos ver, no século XIII, podia-se perceber o embrião da consciência de infância, que iria se estender pelos séculos seguintes. As cenas religiosas de Jesus menino, que eram exclusivamente religiosas, tornaram-se cada vez mais profanas, mostrando também cenas do cotidiano das pessoas.

As crianças santas e suas histórias dominaram dos séculos XIV a XVII, mas, percebe-se, já nos séculos XV e XVI, a secularização da infância. Essas eram sempre representadas acompanhadas – com a família, com os amigos, com sua mãe. Ariès dirá que mesmo que as crianças aparecessem em destaque, isso não queria dizer que a criança era o personagem principal. E o autor sugere duas possibilidades para explicar tal fenômeno: “A vida das crianças estaria misturada com a dos adultos, e toda reunião para o trabalho, o passeio ou o jogo reunia crianças e adultos”; ou “a idéia de que os pintores gostavam especialmente de representar a criança por sua graça ou por seu pitoresco” (1981, p 55).

O sentimento de infância que nascia na Europa acompanhou os colonizadores Portugueses ao Brasil. Porém, temos pouquíssimos registros sobre crianças nascidas aqui ou vindas de Portugal. Mary Del Priori (2000, p. 84), organizadora de um estudo acerca da vida das crianças no Brasil, lembra que até

mesmo os adjetivos com os quais eram tratadas as crianças eram escassos. Os documentos da época (século XVI) utilizam expressões como *meúdos*, *ingênuos* e *infantes*. A criança brasileira começou a se estabelecer enquanto tal. Porém, em algumas regiões brasileiras como Norte, Nordeste e algumas áreas isoladas Brasil criança é sinônimo de trabalho barato.

Há que se pensar, como se dá a imaginação de uma criança que não tem acesso aos brinquedos – industrializados ou não –, aos contos maravilhosos repletos de fantasia. Uma pessoa que vive uma infância assim estaria fadada à falta de imaginação? Pensamos que não, uma vez que o mundo é um campo fértil para a imaginação.

O motivo da escassez de documentação a respeito das crianças já nos foi apontado por Ariès logo acima. Foi ele quem denunciou, que por um longo período da história, as crianças não tinham vez na sociedade. Ao menos a infância estava estabelecida como uma fase da vida. Hoje temos organismos como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e outros órgãos não governamentais que amparam a infância, buscando garantir a ela um presente e um futuro mais dignos.

Toda criança, independentemente se frequenta escola ou não, se é assistida em suas necessidades básicas ou está privada delas, se é submetida a trabalhos forçados ou estão sobrecarregadas de atividades extraclasse, sonham e criam, tendo como inspiração o mundo em que vive.

Lévi Strauss (apud. Durand, 1981) dirá que a criança é um ser polimorfo, uma vez que possui, sob forma de estruturas mentais esboçadas, a integridade das motivações simbólicas das práticas sociais de seu grupo. Portanto, a criança tem, em seu imaginário, um fundo universal de símbolos mais ricos do que o do adulto, uma vez que a vocação pessoal e as censuras culturais ainda não tiveram tempo de reprimi-los.

A infância ainda tem essa peculiaridade de se subjetivar, ao que Bachelard dirá que, mesmo quando adultos a infância continua a habitar em nós através das lembranças, pois ela é maior que a realidade (Bachelard, 2000, p. 35). As lembranças que permanecem estão no plano do devaneio e não no plano dos fatos. Assim, a infância permanece viva e útil em cada um de nós.

2. As escolas e as crianças

As duas unidades escolares pertencem à Rede Municipal de Ensino e estão localizadas na região Metropolitana de Goiânia. São as escolas: Presidente Costa e Silva, situada na região Sul, e Ana das Neves de Freitas, localizada na região Sudeste. As escolas em questão possuem uma única sala de 2ª série cada, denominadas Turmas C, do Ciclo I, uma vez que o Município de Goiânia optou pelo regime de ciclos e não de séries.

A coleta de dados teve início no mês de junho de 2002 e foi finalizada em agosto do mesmo ano. Foram utilizados instrumentos básicos para investigação do imaginário: Entrevistas abertas, observação participante e sessões de grupo focal¹⁰.

O grupo focal nos ofereceu informações qualitativas rápidas. Outra vantagem desse instrumento é sua flexibilidade, uma vez que permitiu explorar perguntas não previstas.

As reuniões dos grupos focais foram iniciadas, sempre, com o moderador colocando o propósito da reunião e como ela se daria. Esse é um

10 Fontes: www.fae.ufmg.br/escplural/grupofocal.htm

procedimento indispensável de todos que pretendem trabalhar com grupo focal. A técnica objetiva deixar os participantes cientes do assunto que será tratado. Assim, as perguntas devem ser elaboradas e organizadas e, de preferência, devem ser abertas, pois só assim os debates serão espontâneos.

A organização dos debates sobre os diversos temas sugeridos pelo Almanaque foi feita através de dinâmicas, o que incentivou e organizou os debates. As dinâmicas consistiam em brincadeiras com balões, dança das cadeiras, sorteio, bingo, tudo envolvendo temas tratados nas edições do Almanaque escolhidas para a pesquisa, e que podem ser consultadas em anexo.

A técnica do grupo focal consiste em que o moderador guie um grupo de, no máximo 10 pessoas, através de um assunto preestabelecido. O grupo focal organizado para essa pesquisa permitiu que o grupo de alunos revelasse experiências, sentimentos, percepções e preferências acerca do Almanaque. Títulos, fotos, desenhos, assuntos das matérias publicadas foram discutidas pelos componentes, com nossa moderação.

O papel do moderador nesse tipo de estratégia é promover a participação de todos os componentes do grupo, evitado assim que um ou outro componente se disperse, bem como a monopolização de alguns participantes.

Porém, o grupo focal está suscetível a algumas limitações, uma vez que o moderador corre o risco de fazer com que somente seu ponto de vista prevaleça. As discussões também podem ser desviadas ou dominadas por algum participante. Entretanto, estivemos atentos para evitar tais desvios. Um outro ponto a ser levantado é a possível dificuldade para analisar as informações obtidas. Uma das formas de escapar a esse perigo é interpretar as informações no contexto do grupo e, em seguida, buscar complementá-las com mais dados coletados através de outros instrumentos.

Por esse motivo optamos por utilizar também o questionário sócioeconômico, o qual serviu para conhecer as crianças. Foi possível, assim,

descobrir onde e como elas vivem. Esse instrumento prima pela linguagem simples e direta, ainda mais quando quem responde às perguntas são crianças. Devemos ressaltar que algumas perguntas tiveram de ser respondidas pelos pais ou responsáveis das crianças, tais como sobre a renda familiar, bem como aquelas que pretendiam saber quem possui um trabalho remunerado.

Essas perguntas foram respondidas através de questionários, precedidos, é claro, de uma carta explicando o objetivo do nosso trabalho junto aos alunos. Essa carta, assim como parte do material colhido através desse instrumento, se encontra em anexo.

Os momentos em que nos encontramos com as crianças foram todos audiogravados em fita cassete, o que possibilitou colher um rico material para a pesquisa. Esses encontros foram precedidos da exposição de uma fita de vídeo relatando como é confeccionado o Almanaque, desde a elaboração das pautas até quando chega às mãos dos leitores. Percebemos que seria de fundamental importância que as crianças conhecessem o objeto de análise, antes de manifestarem algum juízo sobre o Almanaque.

As observações participantes também foram audiogravadas em fita cassete, mas essa técnica requereu um pouco mais de atenção, uma vez que criamos, com antecedência, uma lista de registro de fenômenos que deveriam ser observados. Tivemos de ficar atentos aos possíveis fenômenos que surgissem durante as observações e que fugissem da lista preestabelecida de fenômenos, do contrário estaríamos trabalhando em uma camisa de força, o que não é nada saudável para o resultado da pesquisa.

Todas as observações – quer seja através de questionários, grupos focais, entrevista ou observação participante – mereceram um relatório final, o que mais tarde facilitou as análises do que havia sido apanhado por meio desses instrumentos apresentados aqui.

Como já foi dito, pretendia-se, com isso, capturar e apreender o imaginário infantil a partir da leitura que as crianças das turmas C, das duas escolas, fizessem de textos e imagens do suplemento Almanaque.

Obteve-se, assim, num total de 14 encontros, 28 horas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas e divididas em categorias. Uma vez compilados os dados, foi necessário reunir os temas que apareceram com maior incidência nas falas das crianças. O resultado pode ser apreciado abaixo:

Quadro 3 – Assuntos abordados pelas crianças nas escolas campo I e II¹¹

MAIOR INCIDÊNCIA	
Assunto	Quantas abordagens
1. Animais – passarinho, lobo, borboleta, cavalo, formiga, galo, galinha, gambá)	22
2. Comida e comer – doce, cachorro quente, pipoca, uva, verduras, cenoura, feijão, ameixa, macarrão, uva passa, bolo.	15
3. Sapato – tamanco, bota	9
4. Morte – morrer, matar	9
5. Namoro	8
6. Tapete mágico	7
7. Machucar – machucado, força física, lutar	7
8. Dragão	7
9. ET	6
10. Bola – círculo, nariz	6

¹¹ Escola I – Escola Municipal Presidente Costa e Silva
Escola II – Escola Municipal Ana das Neves de Freitas

11. Cores	6
12. Esconderijo – fuga	5
13. Estilingue – atirar (tiro – atirar)	4
14. Escola – caderno, livro	4
15. Mapa – mundo	4
16. Bruxas – fadas, magia, espelho mágico	4
17. Fogo – fogão	4
18. Chorar – tristeza	4
19. Bicicleta	3
20. Sol	3
21. Mãe boa	3
22. Desenho – desenhar	3
23. Casamento – família	3
24. Ovos	3
25. Espada – espada magnética	3
26. Varinha mágica	3
27. Cinema	3

Ao final da análise quantitativa, a qual teve o objetivo primeiro de preparar o terreno para apanhar o imaginário infantil, cada elemento do imaginário foi separado conforme sua força simbólica e, posteriormente, analisado em sua essência, no capítulo IV.

O resultado da compilação e análise dos dados, que na verdade são as falas das crianças – no contexto de cada fala – diante da leitura do

Almanaque¹², possibilitou chegar às estruturas profundas do imaginário desses sujeitos, que também serão apresentadas no capítulo IV.

Os sujeitos da pesquisa são 57 crianças, entre meninos e meninas, com idades entre 7 e 9 anos. As escolas freqüentadas pelas crianças situam-se nos setores Parque das Laranjeiras e Vila Redenção, muito embora muitos alunos das salas, alvos da pesquisa, residam nos bairros circunvizinhos. Assim, foi necessário localizar o domicílio dessas crianças para que fosse possível classificá-los quanto aos estratos sociais.

Tabela 1 – Os alunos da Escola Municipal Presidente Costa e Silva estão distribuídos em quatro setores de Goiânia e dois de Aparecida de Goiânia, sendo que a maioria mora muito perto da escola, que está localizada na Vila Redenção.

Bairros	% de alunos que vivem nos bairros
Vila Redenção	52%
Setor Pedro Ludovico	32%
Outros (Jardim Goiás, Vila Morais, Vila Santa Luzia e Vila Maria – Aparecida de Goiânia)	16%

12 Foram utilizados 5 exemplares do suplemento Almanaque, os quais estão em anexo. Para se estabelecer a quantidade de exemplares a serem trabalhados com as crianças, levou-se em conta que se pretendia apanhar o imaginário infantil, e um número muito grande de exemplares poderia repetir muitos assuntos que apareceram com freqüência na leitura de cinco exemplares.

Tabela 2 – Os alunos da Escola Municipal Ana das Neves de Freitas vivem em 10 setores de Goiânia, sendo que somente 30% moram no bairro onde está localizada a escola.

Bairros	% de alunos que vivem nos bairros
Parque das Laranjeiras	30%
Alto da Glória II	28%
Chácara do Governador	12%
Outros (Parque Santa Cruz, Setor Pedro Ludovico, Pontal Sul, Parque Trindade)	12%
Conjunto Fabiana	6%
Jardim da Luz	6%
Jardim Bela Vista	6%

Tabela 3 – Rendimento mensal médio, em salários mínimos, por família, em números reais.

Escola	Até 1 SM	1 A 2 SM	De 2 A 3 SM	3 A 5 SM	Acima De 5 SM	Sem Rendimento
P.C.S.	11	4	2	3	0	5
A.N.F	14	7	3	3	3	2

Gráfico 1 – Situação econômica das famílias dos alunos.**Tabela 4** – Os bairros onde moram as crianças da pesquisa, estão assim classificados, conforme o estrato social¹³

BAIRROS	ESTRATOS SOCIAIS
Alto da Glória II	C/D
Chácara do Governador	C/D
Conjunto Fabiana	D
Jardim Bela Vista	D
Jardim da Luz	D
Jardim Goiás	B/C
Parque das Laranjeiras	C/D
Parque Santa Cruz	E
Parque Trindade	D
Pontal Sul	–
S. Pedro Ludovico (parte)	A/B

¹³ Classificação do instituto de Planejamento Municipal (IPLAN).

V. Maria (Ap. de Goiânia)*	D/E
V. Moraes	D
V. Redenção	C/D
V. Santa Luzia (Ap. de Goiânia)*	D/E

Como se percebe, através dos dados apresentados, a maioria dos alunos pertence ao estrato social D. Esses dados fazem parte de um estudo informal – que não foi divulgado – realizado em 1996 pelo IPLAN – hoje SEPLAN (Secretaria Municipal de Planejamento). Por ser informal, os dados não constituem fonte oficial do Município.

Também os dados dos bairros de Aparecida de Goiânia não se baseiam em pesquisa, uma vez que não existem pesquisas oficiais realizada pela prefeitura da cidade. Os dados foram obtidos por uma equipe de assistentes sociais que fazem trabalho voluntário em alguns bairros de Aparecida de Goiânia, no ano de 2000.

Apesar de extra-oficiais, os dados aqui apresentados são úteis para que possamos traçar o perfil socioeconômico da população-alvo da pesquisa.

* Bairros pertencentes ao município de Aparecida de Goiânia.

CAPÍTULO III

O SUPLEMENTO ALMANAQUE

...Quase automaticamente, pela fatalidade da matéria grosseira, a vida terrestre reconquista o sonhador que dos reflexos da água toma apenas o pretexto para suas férias e seu sonho...

Bachelard

A necessidade de se trabalhar com o imaginário infantil surgiu da preocupação com a recepção que as crianças têm de imagens, publicadas semanalmente no suplemento Almanaque, encartado no Jornal O Popular.

Antes de partir para a análise propriamente dita, faz-se necessário apresentar o suplemento Almanaque, uma vez que é o instrumento para apanhar o imaginário infantil. O Almanaque foi criado no ano de 1988 seguindo uma tendência internacional. A empresa Organização Jaime Câmara encampou a idéia de um funcionário da Femago, Márcio Amaral, e contratou-o para que dirigisse o suplemento com uma equipe de três pessoas – uma jornalista, uma secretária e uma pesquisadora. Nessa mesma época surgiu a Editoria de Arte

para ilustrar o suplemento, pois o Jornal O Popular, no qual o suplemento circula, não a possuía até então.

Como o Almanaque surgiu em um órgão voltado para a preservação do meio ambiente, ganhou um perfil eminentemente ecológico. E assim permaneceu durante muitos anos.

Três anos após a circulação do nº 1, foi implantado o Projeto Almanaque Escola, com o objetivo de levar o Almanaque às escolas públicas. O projeto atende hoje 131 escolas públicas e conveniadas. Ao todo, são 64.459 alunos que têm oportunidade de ler o Almanaque. O Projeto trabalha com encalhe, o que impossibilita a expansão do projeto. Não tem fins lucrativos, mas mercadológicos, uma vez que diversos órgãos ligados à comunicação sugerem que as empresas de comunicação invistam em futuros leitores.

Por outro lado, a Organização das Nações Unidas (ONU) aponta algumas necessidades infantis na Convenção sobre Direitos da Criança¹⁴. Algumas delas é que a criança tenha direito de expressar sua opinião, direito à liberdade de expressão e acesso a informações (artigos 12, 13 e 17)¹⁵. O suplemento surge para atender essas recomendações.

Mas, no todo, percebe-se que a existência do suplemento Almanaque é uma exigência nitidamente mercadológica da sociedade capitalista. Alguns outros projetos do mesmo segmento oferecem o jornal, ou o suplemento, às escolas onerando as mesmas em troca do mesmo serviço oferecido pelo projeto Almanaque Escola.

Uma leitura crítica nem sempre faz parte das classes instrumentais. Gramsci afirma que o leitor pertencente ao grupo social essencial deve ser ajudado a entender o mundo em que vive através da leitura crítica. Assim, o jornalista italiano aponta a necessidade de se formar leitores críticos.

14 Realizada em 20 de novembro de 1989.

Não basta fornecer-lhes conceitos já elaborados e fixados em sua expressão definitiva; a concreticidade de tais conceitos, que reside no processo que levou àquela afirmação, escapa ao leitor comum: deve-se, por isso, oferecer-lhe toda a série dos raciocínios e das conexões intermediárias, de modo bastante detalhado e não apenas por indicações (Gramsci, 2000, p 202).

Muitas publicações tentam iniciar os leitores mirins no fascinante mundo da leitura através de suplementos direcionados a esse público. Alguns periódicos foram além e implantaram o projeto Jornal na Educação, o qual tem como um dos objetivos desenvolver a empatia do aluno em relação ao jornal, possibilitando a esse leitor em potencial manipular o material concretamente e se familiarizar com ele, além de cumprir outras duas diferentes funções – empresarial, uma vez que contribui para os interesses da empresa em formar novos leitores; e social, possibilitando aos estudantes de todos os níveis sociais terem acesso ao jornal.

De olho nesse filão, de novos leitores, as empresas de comunicação vêm aumentando o número de publicações – mais notadamente jornais – destinadas aos jovens, como podemos observar no gráfico abaixo.

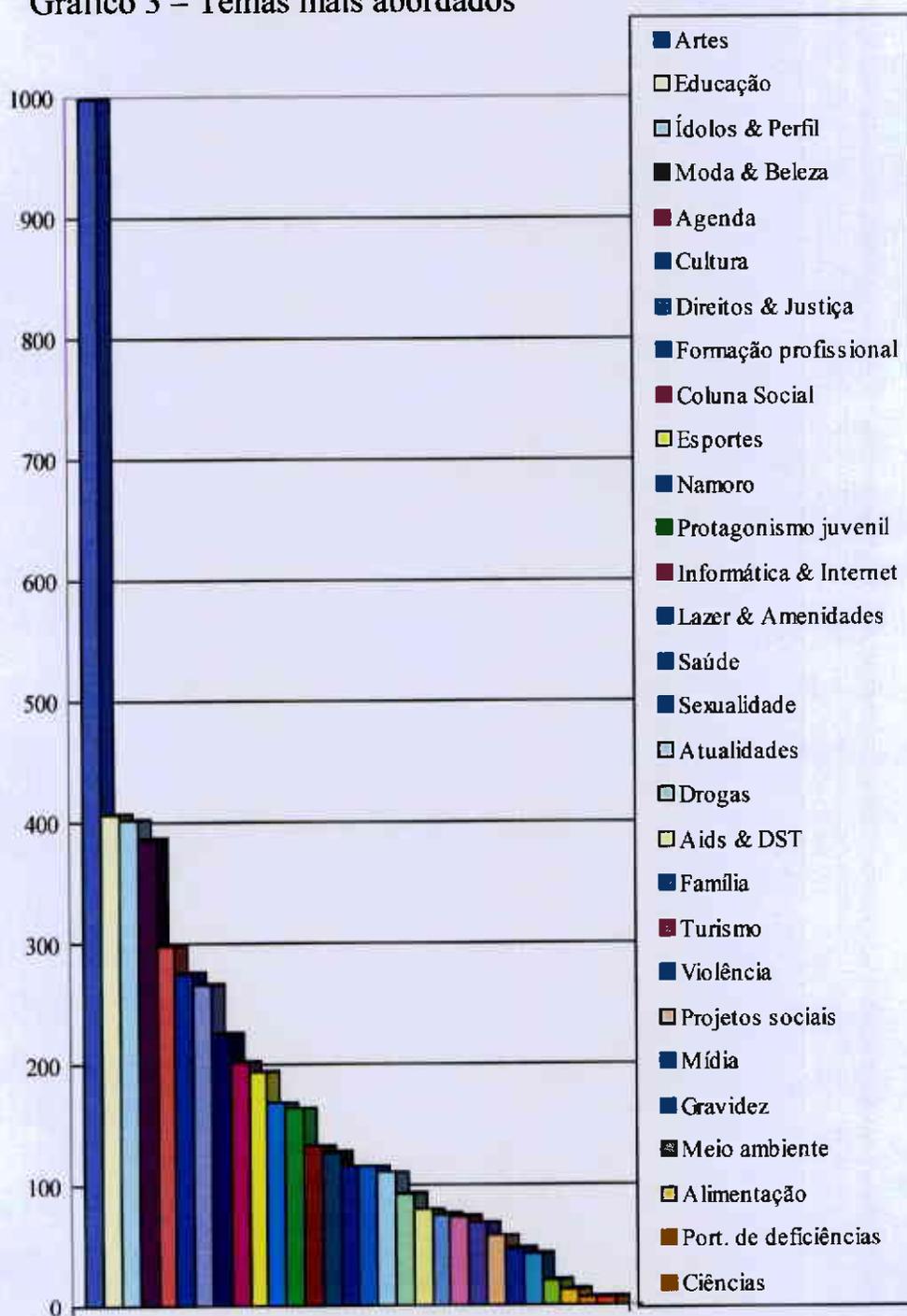
Gráfico 2 – Evolução comparativa entre os índices de relevância social de jornais destinados a jovens.



Fonte: Pesquisa ANDI – Os jovens na mídia, p. 10, 1999.

Também é interesse dessas empresas alterar, constantemente, o perfil das matérias, para atenderem aos apelos do público. O perfil das matérias publicadas pode ser apreciado no Gráfico 3, no qual a Agência Nacional dos Direitos da Infância (ANDI) apresenta as reportagens mais publicadas em jornais e revistas direcionadas a jovens, no período de março de 1997 a dezembro de 1998.

Gráfico 3 – Temas mais abordados



Fonte: Pesquisa ANDI – Os jovens na mídia, 1998, p. 20.

O jornal foi levado para a sala de aula pelo professor e, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ) (2000), desde o século XVIII os franceses já o utilizavam como recurso didático. Foi também um francês, Célestin Freinet, quem, durante a Segunda Guerra Mundial, desenvolveu uma metodologia de ensino baseada no uso do jornal, bem como sua confecção pelos próprios alunos.

Programas que visam a utilização de jornal na sala de aula existem desde a década de 30 e representam uma tendência mundial, como mostra o **Quadro 1**. Esses programas são constituídos da distribuição gratuita de um determinado número de jornais a escolas públicas, bem como de uma equipe de pedagogos e/ou jornalistas para capacitar professores quanto ao uso desse material em sala de aula.

Quadro 4 – Programas de Jornal na sala de aula

País	Quem coordena os projetos	Quantos jornais desenvolvem o projeto
Estados Unidos	Newspaper In Education	Mais de mil
França	Centro de Ligação de Ensino e dos Meios de Informação (Clemi)	–
Argentina	El Diario em la Escuela – Associação dos Diários do Interior da República Argentina (Adira)	–
Brasil	Coordenado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ)	Quarenta
Suécia	–	Todos
Dinamarca	–	Todos
Noruega	–	Todos

Cabe aos educadores oferecer condições aos alunos para que utilizem os periódicos de forma crítica, como pretendia Gramsci e assim este seja transformado em instrumento de conscientização. E se o jornal não for bem utilizado, pode favorecer e acentuar uma leitura linear, simplista e ingênua da realidade.

O sucesso depende da indispensável construção de atitude de investigação que os profissionais da educação puderem desenvolver através da leitura de jornais, na medida em que o jornal é parte de uma sociedade marcada pela desigualdade.

Só assim o jornal poderá ganhar inúmeras possibilidades como manuseio da língua materna de maneira viva e atual – o que se constituía em uma das preocupações de Gramsci; necessidade de formação de leitores críticos – no Manual do Militante, publicado em *La Construzione Del Partito Comunista* – Gramsci sugere que se forneça aos operários informações essenciais para comentar as leituras feitas em grupos dos jornais burgueses (Nosella, página 55), inventário de questões do cotidiano social para estudo, trazendo para o interior da escola os temas que impregnam, direta ou indiretamente, a vida do aluno; possibilidade de abertura para o aluno de outras leituras; incentivo à expressão do aluno pela contribuição para o diálogo em sala de aula; inúmeras possibilidades do jornal como recurso didático; estímulo à cidadania; e adequação do jornal a um trabalho interdisciplinar, pelo caráter amplo das notícias.

A despeito das possibilidades citadas acima, a leitura de jornal na sala de aula pode desvelar as características do mesmo como, por exemplo, a força ideológica de suas mensagens; a individualização dos sujeitos envolvidos no fato; o imediatismo na análise do fato; o consumismo que sugere; a lógica linear empregada na construção da notícia; a fragmentação da realidade; a

opinião embutida na informação; a generalização; a prioridade às fontes oficiais; as dificuldades de linguagem; e a ilusão de estar informando.

Para agir no mundo e refletir sobre a ação, é preciso que o homem conheça o mundo em que vive – como se organiza a vida em sociedade, quais os princípios determinantes dessa sociedade e dos homens que a integram, como estes homens pensam, quais são seus sonhos, suas necessidades, enfim.

Em suas obras, Gramsci, expressa preocupação com o setor formativo-cultural e defende uma escola unitária, que transforme em liberdade, o que hoje é necessidade. E em sua luta, escreve regularmente em *O grito do povo*, jornal dirigido por ele, e mais tarde em *L'Ordine Nuovo*, além de outros, nos quais expressa seus ideais. Com a preocupação de informar, abre caminho para a leitura dos clássicos na tentativa de evitar o aligeiramento, o protecionismo, o rebaixamento ou o aviltamento da aprendizagem, necessária para a formação do homem integral.

As temáticas abordadas por Gramsci, rica fonte de discussão no partido e nas fábricas, se apresentam hoje como inspiração para a leitura dos jornais impressos. Embora grande parte desses periódicos faça o jogo dos poderosos, é possível transformá-la em ricas fontes de discussão como já foi defendido acima.

A leitura de jornal, de forma orientada e sistemática, deve ser iniciada bem cedo, como sugere Gramsci em relação a todo e qualquer estudo. Assim deve-se “convencer muita gente que também o estudo é um trabalho e muito cansativo, com um tirocínio particular próprio, não só intelectual, mas também muscular-nervoso: é um processo de adaptação, é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e até mesmo sofrimento” (Gramsci, 1999, p. 51).

Assim, Platão, em *A República* (1949, p. 355), afirma que “quem é livre não deve aprender ciência alguma como uma escravatura”. E justifica: “é

que os esforços físicos, praticados à força, não causam mal algum ao corpo, ao passo que na alma não permanece nada que tenha entrado por violência”.

Educação é sempre para a liberdade, porém, como afirmam Platão e Gramsci, essa liberdade pressupõe sacrifício e desejo, pois, para este último, a finalidade da ciência possui um caráter objetivo que se refere à criação e transformação das condições materiais para a realização da vontade subjetiva em concreto. E o jornal, o qual se apresenta como recurso pedagógico, traz essa força na linguagem jornalística, pois situa o homem historicamente.

Ao explorar este universo deve-se, primeiramente, permitir ao leitor iniciante manusear o jornal, descobrir sua forma de organização, listar suas funções, identificar suas características, enfim, familiarizar-se com ele. O segundo passo será o de entender como o jornal realiza seu objetivo maior, que é o da comunicação – identificar a foto, a legenda, os mapas, os números, tabelas, manchetes, como elementos complementares e facilitadores do processo de leitura.

O mundo necessita de leitores reais, com plena capacidade de atribuir sentidos aos textos com que se encontram e busquem a compreensão da malha em que se tecem os textos e as leituras. Esta malha é o contexto globalizado e que se interage através de diferenciados elos.

Os textos dos jornais apresentam-se como objeto de leitura e desencadeador de significantes do consciente e do inconsciente, e só podem ser pensados nesse contexto onde não há causalidade linear para os fatos e nem motivações encadeadas e prontas para virem à luz na consciência do leitor, e sim, diversos e diferentes conhecimentos que se cruzam na malha que compõe, em entrelaçamentos, o texto do mundo.

Os textos, por isso, remetem a outros textos. A intertextualidade nos aponta o cruzamento de saberes que os compõem. Portanto, não existe

interdisciplinaridade real e significativa sem a manutenção das especificidades de cada campo de conhecimento que permitam trocas produtivas entre eles.

Todas as escolas que fazem parte do projeto Almanaque Escola recebem, gratuitamente, o suplemento Almanaque em sua escola para desenvolver atividades com seus alunos.

Uma vez por ano, pelo menos, dois representantes dessas escolas se reúnem em um workshop organizado pela equipe do Almanaque, da qual fazemos parte como assessora pedagógica. Na oportunidade as escolas enviam algumas atividades desenvolvidas com o Almanaque durante o ano em curso. Além de conhecerem os trabalhos que outras escolas desenvolvem os educadores têm oportunidade de sanar dúvidas quanto à utilização do Almanaque em sala de aula.

A escolha das escolas levou em conta o fato de a instituição fazer ou não parte do projeto. Era de fundamental importância que ao menos uma das turmas de crianças conhecesse o Almanaque e/ou já houvesse desenvolvido algum tipo de atividade com ele em sala de aula.

Não discutirei aqui a importância da utilização do jornal na sala de aula, muito menos suas implicações e vantagens no campo educacional, mas ressalto a importância do ato de compartilhar informações, como aconteceu nas escolas campo.

Nas *agorái*¹⁶, os gregos se reuniam para defender suas idéias. Era também nas *agorái* que os cidadãos por excelência resolviam suas contendas e derrubavam as idéias mal fundadas dos sofistas ou de algum outro cidadão. Na cultura da Grécia Antiga era essa uma boa maneira de fazer com que as idéias se propagassem – as notícias e as idéias se espalhavam e os cidadãos as discutiam de forma crítica.

16 Praças das antigas cidades gregas, onde, além de estar instalado o mercado, realizava-se as assembléias do povo.

Séculos depois, já possuindo diversos meios de comunicação – satélites, televisão, rádio, internet, revista, jornal –, o homem não forma suas opiniões nas *agorái* e, para completar, recebe inúmeras informações a todo momento. Sendo assim, grande número de pessoas não sabe o que fazer com tanta informação, ao mesmo tempo que não dispõe do precioso ócio para pensar as informações recebidas e filtrá-las.

Ao tratar a questão da publicidade – no sentido de tornar público –, inerente à comunicação de massa, Thompson afirma que “nossas maneiras de pensar sobre a política foram profundamente modeladas por um certo tipo de vida pública. Foi o modelo derivado das assembléias das cidades-estado da Grécia Clássica, no qual os indivíduos se reuniam no mesmo ambiente espaço-temporal para discutir questões de interesse comum” (1998, p. 205).

Porém, sabemos que a modernidade e a pós-modernidade tornaram impossível essa reunião em lugares compartilhados para discutir questões de interesse comum. Nas palavras de Thompson, essa publicidade mediada que hoje se pratica “é de abertura e visibilidade, de tornar disponível e visível, e essa visibilidade não mais envolve o compartilhamento de um local comum” (THOMPSON, 1998, p. 205). O local tornou-se virtual e as *agoráia* a mídia como televisão e a Internet.

A Escola Municipal Presidente Costa e Silva faz parte do projeto. Uma professora já havia apresentado o Almanaque a seus alunos. Já a Escola Municipal Ana das Neves de Freitas não pertence ao projeto, porém, alguns poucos alunos disseram conhecer o suplemento, tendo lido esporadicamente seu conteúdo.

Além do projeto, as escolas, os alunos e os pais desses alunos contam com o site www.goiasnet.globo/almanaque.com.br, no qual podem pesquisar as matérias publicadas no suplemento Almanaque, que circula

encartado no Jornal O Popular de domingo, bem como utilizar a dicas de atividades em *links do site*.

CAPÍTULO IV

O IMAGINÁRIO NO ALMANAQUE

*O mundo é grande, mas em nós ele é
profundo como o mar.*

René Maria Rilke

Os conceitos apresentados até aqui – principalmente no primeiro capítulo, dedicado a delimitar os campos temáticos que norteiam a pesquisa – irão sustentar a análise do imaginário infantil. Seguiremos os passos de Bachelard, que sugere estudar a imagem poética no momento em que ela brota da consciência (Cf. p. 24). Assim, neste capítulo, estudaremos a imagem no momento em que ela emerge das palavras das crianças – sujeitos desse estudo.

O fato de os alunos conhecerem, ou não, o suplemento Almanaque, fez com que as entrevistas fossem mais ou menos produtivas, mais ou menos significativas. O aluno que conhecia o Almanaque pode fazer comparações com uma situação ou outra. Veja qual a intuição que uma criança expressa de um dos personagens dos Quadrinhos do Almanaque (edição 719, p. 8).

Palavra 2

Letícia¹⁷ – Eu não gosto da Mariana. Ela maltrata o cachorrinho dela.

O gostar ou o não gostar não está ligado somente à cena do quadrinho, mas às várias histórias colecionadas pela Letícia. E é assim que ela expressa verbalmente o seu desgosto pela atitude da personagem, embora um bebê¹⁸ esteja isento de atitudes politicamente corretas.

Para entender, essa edição traz na capa os personagens do HQ (História em Quadrinhos), porém, a história da Mariana não mostra a garotinha maltratando seu cachorrinho. Mas em outras edições do Almanaque, a história versava sobre esse assunto, mesmo que implicitamente. Letícia é aluna de uma escola que não utiliza o Almanaque em sala de aula. A noção de bondade e maldade (o bem e o mal) está bem clara nessa cena anunciada pela Letícia.

Como vimos anteriormente, a imaginação vem antes do pensamento. É a imaginação que produz o pensamento. Bachelard já o demonstrou em cada obra dedicada aos grandes arquétipos. É ele quem nos convida a fazer o mesmo, desta vez com o imaginário infantil.

Se Bachelard busca as imagens nos poemas, percebemos, por nossa vez, as imagens nos diálogos das crianças, no momento em que a linguagem é materializada pela fala. E não são poucas as imagens suscitadas pelo Almanaque.

As imagens remetem a assuntos diversos, e esses assuntos tanto podem ser fatos do cotidiano das crianças, como histórias infantis conhecidas ou programas de televisão, ao que Thompson (1999, p. 153) aponta estudos que

17 Com o objetivo de preservar as identidades das crianças, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios.

18 Que é a personagem Mariana.

mostram a recepção e a apropriação dos produtos da mídia como processos sociais complexos.

As crianças da pesquisa deram sentido às mensagens enquanto interagiam com outras crianças e, como aponta Thompson, “com os personagens retratados nos programas”, ou com imagens e textos apresentados a elas através do suplemento Almanaque.

Vejamos como duas crianças deram sentido a um dos conteúdos apresentados no Almanaque (nº 719, p. 3):

Palavra 3

Marcos e Bárbara

Marcos – Olha esse (apontando a imagem do lixo reciclado, do texto “De gota em gota” e lendo o texto). Eu separo o lixo lá em casa. Lá em casa tem três latas de lixo, uma de papel, outra daquelas garrafinhas e outra assim... do resto do lixo, comida, assim. Quando tem comida que a gente não quer mais, a gente dá para o cachorro. Quando a comida está bem velha a gente joga na lata de lixo.

Bárbara – Lá tem um cachorro

Adulto – Lá onde?

Bárbara – Lá na minha casa, quando a gente não quer mais comida põe o resto lá no pratinho dele.

Marcos – A Nica tem 8 anos. Ela teve dois filhotinhos. Mas no total já teve uns 20.

Adulto – E o que você faz com os filhotinhos dela?

Marcos – Ah, tem vez que a gente dá. Eu falo: __Mãe, mãe, deixa eu ficar com um menininho? Mas minha mãe fala: __ Não, não.

Bárbara – Mas não pode dar não, se não ela fica com falta e depois morre.

Adulto – Você acha que ela fica triste?

Marcos – Os cachorrinhos da Nica, minha mãe deu quando eles já estavam grandinhos.

Bárbara – Deram os cachorrinhos da cachorrinha da minha prima e a cachorra começou a chorar, não queria comer, não queria beber água, não queria fazer mais nada. Aí, para a cachorra da minha prima não morrer, minha tia comprou um cachorrinho pequenininho. Não era dela. Acho que ela não pode ter mais cria não.

Marcos – É só não deixar cachorrinho macho ficar com ela, uai.

Adulto – Aí não tem filhotinhos, né?

Marcos – É. Eu deixo a Nica solta. Eu gosto de filhotinhos. Até peço para minha mãe deixar eu ficar com filhotinhos. Eu falo: __ Por favor, mãe, por favor. Mas minha mãe fala: __ Não, não, já tem a Nica aí.

Bárbara – Tem um homem lá perto de casa que é meu amigo. Ele chama Toni. Ele tem um montão de cachorros pequenininhos assim ô. Ele falou que quando eu mudar de casa, ele vai me dar um.

O diálogo das crianças nos remete a Bachelard: “Se uma imagem presente não faz pensar numa imagem ausente, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens berrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação” (2001, p. 1).

A imaginação infantil corre solta, amparada pelas imagens do suplemento Almanaque, mas não ficam presas a ele, uma vez que ocorre essa explosão de imagens.

Esses e outros objetos simbólicos, percebidos pelas crianças, serão analisados a seguir. Partiremos do quadro de assuntos abordados pelas crianças

na escola campo (Quadro 3). Porém, nos centraremos em somente três imagens¹⁹:

- Dos animais (imagens teriomorfas)
- Da comida (imagens catamorfás)
- Do sapato (estrutura mística)

A escolha dessas imagens se deu porque, além da maior incidência no imaginário das crianças, essas imagens se completam de alguma forma. Começaremos com as imagens teriomorfas.

Em todas as observações, os símbolos teriomorfos foram os que mais apareceram nas falas delas. Ao que Durand (1981, p. 63) dirá que esses são os símbolos que mais estão presentes na vida de toda e qualquer criança. Os desenhos animados e os livros infantis estão repletos de imagens de animais.

Os brinquedos, muitos deles representam ursos, coelhos, gatos. Percebemos, nas sessões de leitura realizadas para investigar o imaginário infantil, que o suplemento Almanaque está repleto de símbolos teriomorfos e que o Almanaque segue essa tendência universal e atemporal.

Durand (1982, p. 64) dirá que o animal se apresenta ao pensamento primitivo e atual “como o abstrato espontâneo, o objeto de uma assimilação simbólica”. Deste modo, testemunha a universalidade e a pluralidade de sua presença, tanto em uma consciência civilizada, como na mentalidade primitiva.

Os símbolos bestiais podem ser estudados quanto aos arquétipos, bem como quanto sua significação geral, porém, não podemos deixar passar despercebido seus caracteres particulares, os quais não estão vinculados à sua

¹⁹ Essas imagens são estudadas por Durand (1981) e serão explicitadas nos quadros 5 e 6.

animalidade. Durand explica essa idéia com as imagens do pássaro e da serpente. Estas são estudadas, por ele, através de suas qualidades não animais. O pássaro, por exemplo, é percebido junto ao símbolo da flecha (ascensão), a serpente, por sua vez, é facilmente relacionada com sementes (ciclo vegetal). Portanto, devemos levar em conta as motivações das arquetipologias apresentadas pelas crianças.

O tipo de animal escolhido tem uma significação particular, que deve ser valorizada. Adiante, duas crianças (Bárbara e Marcos) mantêm um diálogo rico em significados simbólicos. Eles escolheram, inconscientemente, um símbolo teriomorfo como objeto da discussão. A escolha de um animal doméstico, como o cachorro, demonstra um sentimento amistoso, ao contrário da eleição de um animal selvagem.

Os animais podem ser valorizados como negativos ou positivos: O passarinho está classificado como positivo, enquanto que a coruja, que também é um pássaro, pode ser símbolo negativo, assim como todas as aves noturnas – simplesmente por pertencerem ao regime noturno. As análises das falas das crianças seguem as análises antropológicas de Durand e as filosóficas de Bachelard, não deixando, no entanto, de recorrer à psicanálise infantil de Melanie Klein.

Antes de partirmos para as análises das leituras das crianças, seria oportuno delimitar alguns conceitos. Durand (1982) trabalha com dois regimes: Um noturno e outro diurno, nos quais as imagens irão se classificar conforme suas forças simbólicas. Podemos entender esses regimes nos quadros 4 e 5, bem como os complementos de ambos.

Os regimes diurno e noturno são representados através de estruturas determinadas. No regime diurno encontramos quatro estruturas esquizomorfas²⁰:

Estruturas esquizomorfas

- 1) Poder de autonomia, de julgamento, sua capacidade de abstração do meio ambiente – síndrome do gládio (do cetro e da espada).
- 2) Capacidade de fragmentar pessoas e coisas, ver a parte em detrimento do todo – complexo do gládio (do cetro e da espada).
- 3) Capacidade de isolamento dos objetos ou pessoas ocasionado pela esquematização – gigantização, imensidão (do rosto do tempo).
- 4) Pensamento por antítese (do resto do tempo).

O regime noturno apresenta duas estruturas de representação: a mística (da descida e taça) e a sintéticas (da moeda e bastão):

Estruturas místicas

- 1) Caracteriza-se pelo desdobramento e pela perseverança – continente e conteúdo.
- 2) A viscosidade de expressão se manifesta em todos os sentidos – social, afetivo, perceptivo e representativo.
- 3) Realismo sensorial.

²⁰ As estruturas esquizomorfas não nos remete à esquizofrenia e à esquizoidia, como nos lembra o substantivo esquizomorfia. Nos remete ao devaneio, que não é exclusivo das patologias, mas às estruturas da normalidade.

- 4) Miniaturização. O particular representa o todo, ocorrendo uma inversão de valores.

Estruturas sintéticas

Essas estruturas sintetizam e reúnem as contradições do imaginário. Pelo menos é o que pretende:

- 1) Harmonização com ritmos astrobiológicos²¹. Organiza as imagens musicais – sons repetitivos.
- 2) Dialética. Reconhece os contrários e os mantém assim (Filho mítico).
- 3) Historiadora com síntese e hipotipose²². Minimiza a ação do tempo.
- 4) Progressista e estilo messiânico. Pretende acelerar o tempo para dominá-lo.

A melancolia está presente nas estruturas místicas, enquanto que as estruturas sintéticas apresentam todas as contradições do imaginário. Essas estruturas (esquizomorfas, místicas e sintéticas) só podem ser entendidas dentro dos regimes Noturno e Diurno, que veremos a seguir.

21 São a raiz de todos os sistemas cosmológicos

22 Descrição viva e animada de uma ação que apresenta à vista o que pretende significar

Quadro 5

GRUPOS E SÍMBOLOS - O REGIME DIURNO DA IMAGEM (HERÓICO DAS ANTÍTESES)		
Os rostos do tempo	<u>Símbolos teriomorfos</u> ANIMAIS	<u>Animais</u> - formiga, vermes, cavalo, touro, lobo, leão, ogro – bicho papão
	<u>Símbolos nictomorfos</u> ESCURO	<u>Noite</u> - espelho, água tenebrosa, dragão, lágrimas, sangue menstrual, mãe terrível, aranha,
	<u>Símbolos catamorfos</u> QUEDA	<u>Movimento para baixo</u> – Caída, ventre, comida
O cetro e a espada	<u>Símbolos ascensionais</u>	<u>Purificadores</u> – Vertical, aves, pomba, águia, flecha, cabeça, chifre – poder
	<u>Símbolos espetaculares</u>	<u>Que ilumina</u> - Luz brilhante, branco, azul, ouro, amarelo, sol, brancura, consciência moral, olhos, olhar, atributos do poder
	<u>Símbolos diairéticos</u>	<u>Que eleva</u> – Herói, combatente, espada ou machado, porrete, técnicas de purificação – fogo, água, ar

Fonte: Durand, 1981.

- Dominante – postural
- Materiais – luminosas e visuais
- Utensílios e instrumentos – os da separação, da purificação (flechas e armas)
- Símbolos – da angústia diante da temporalidade

Quadro 6

GRUPOS DE SÍMBOLOS – REGIME NOTURNO (PLENÁRIO DO EUFEMISMO)		
Descida e taça	<u>Inversão e penetração</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Ventre digestivo e Sexual (num só) • Isomorfismo: gruta, concha, ovo, posição fetal, miniaturização humana (nos contos infantis) • Guliverização (grande símbolo – peixe) – arquétipo da guliverização = continente e o conteúdo • A noite e a morte são revalorizadas e as cores profundas • Mar – arquétipo feminilizado e maternal • Grande mãe
	<u>Intimidade, abrigo e nutrição</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Sepulcro-berço, lugar de repouso • Caverna, casa, templo, barco, nave, automóvel, avião, moto, bicicleta • Vaso, taça, leite, mel, bebidas sagradas (vinho, aguardente) • Sal, ouro • Digestão • Excremento

Moeda e bastão	<u>Cíclicos – drama agro-lunar</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Expressam-se através das narrativas históricas – mitos Círculo = tempo • 1ª medida do tempo = lua (tempo e morte) (vida e morte temporárias) • frutificação, vegetação e estações • símbolo do filho (androginato primitivo) – masculino e feminino, divino e humano. • Cerimônias iniciáticas (fogo, flagelação, sacrifício) em muitos casos se eufemizam (carnaval, quaresma, reveillon...) • Animais: <ul style="list-style-type: none"> ▪ dragão monstruoso ▪ caracol ▪ urso ▪ lebre ▪ cordeiro ▪ batráquios ▪ répteis (mais se aproxima do simbolismo cíclico do vegetal. Representa o androginato da lua – pênis) • Roda • Instrumentos de tecelagem
	<u>Esquema rítmico ao mito do progresso</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Cruz (está unida ao fogo, à sexualidade e à madeira) • Árvore (arquétipo de uma ambivalência: a verticalidade leva à idéia de progresso, de crescimento, de ressurreição. A árvore caída corresponde à coexistência, ao esquema da reciprocidade cíclica) • Música • Dança ritual

Fonte: Durand, 1981

- **Dominante** – digestiva e sexual
- **Materiais** – da profundidade (água ou terra) e rítmicas (sexualidade)
- **Utensílios e instrumentos** – os continentes, os penetrantes e os ligado aos ciclos (fricção)
- **Símbolos** – da volta e da inversão

Na análise abaixo as imagens se classificaram no regime diurno e quase que exclusivamente como símbolos teriomorfos, por serem, em sua maioria, animais. As primeiras imagens percebidas pelas crianças podem ser apreciadas abaixo:



Cérebro – Através desta imagem as crianças perceberam os símbolos da borboleta e do sapato.

Formiga – Dessa imagem as crianças extraíram o símbolo da mão poderosa, objetos fálicos (rabo, ferrão da abelha) e barata.



Vejamos como o imaginário se manifesta no diálogo de duas crianças, tendo como pano de fundo duas imagens do suplemento Almanaque.

Palavra 4

Diálogo 1 – Marcos e Bárbara

Marcos – Gostei dessa borboleta, do sapato engraçado e dos negócios assim (pesos) e dos braços

Bárbara – Essa formiga é um pouco maluca

Marcos – Parece uma mão assim (apontando para uma das antenas) e isso parece um rabo de gato (apontando para outra antena)

Bárbara – É mesmo. Tem vez que ele fica mexendo o rabo assim, ô

Marcos – Fica assim: tium, tium, tium (fazendo gestos com as mãos). Isso parece aquilo que tem atrás da abelha

Bárbara – É, o ferrão

Marcos – Não, o ferrão fica para dentro

* Nesse momento Marcos contou uma história que envolvia abelha.

Uma outra criança fala de um dos desenhos interessantes para ela:

Palavra 5

Leticia – Eu acho a formiga muito bonita. Ela faz coceguinha na mão da gente e come as baratas

Só nas falas dessas três crianças percebemos a presença de cinco símbolos teriomorfos, sendo quatro deles insetos (borboleta, formiga, abelha e barata), além do gato. Observe que alguns símbolos, como gato (rabo do gato),

barata e abelha não estão presente nas imagens do suplemento, mas se manifestam na imaginação das crianças.

Começaremos a análise pela borboleta, primeiro inseto, a qual pertence ao regime diurno, o regime das antíteses. Esse regime da imaginação não se integra à sedução feminina, pois é essencialmente masculino. Por isso, assume uma postura tenebrosa e maléfica de *Cronos* (tempo), na tentativa de combater o destino, que é a morte.

A borboleta está classificada no grupo dos símbolos teriomorfos, do rosto do tempo, embora a asa seja instrumento de ascensão. Assim com o pássaro, a abelha e a borboleta são encaradas, muitas vezes, como acessórios das asas, uma vez que as asas são o objeto da imaginação.

Classificamos a borboleta como teriomorfo e não como ascensional, por que Bachelard considera só os pássaros como aqueles capazes de realizar a imagem – a imagem “que vivemos nos sonhos profundos de nossa juventude feliz” (2001, p. 67). O que é a borboleta, então? Nada mais que um acidente irrisório. Bachelard chega a afirmar que o vôo da borboleta é somente um voejar, pois as asas exageradamente grandes e belas impedem a borboleta de voar.

A abelha também poderia ser enquadrada no mesmo esquema da borboleta. Claro, ela é um inseto! Mas o ferrão, comentado por Marcos, pertence à categoria dos símbolos ascensionais, uma vez que possui a característica dos símbolos purificadores (Cf. quadro 5, p. 88)

Os esquemas da verticalização e da elevação estão ligadas ao ideal de moral, pois são muito valorizados pelo psiquismo. O primeiro símbolo da ascensão é a asa. A ave, assim como a abelha é desanimalizada quando assume a função ascensional. Elevação e poder são sinônimos. Nos mitos, o pai assume o papel de protetor e carrega consigo os atributos da paternidade: a soberania e a virilidade.

Num sentido macro, o símbolo ascensional nos remete ao arquétipo do monarca. Já no micro, temos o corpo humano, tendo a cabeça como o símbolo maior da verticalidade. Muitos animais machos carregam chifres na cabeça – símbolo da potência.

Os chifres substituem, simbolicamente, o pênis, uma vez que é imagem de uma arma poderosa, bem como nos remete aos símbolos mágicos – varinha mágica, espada mágica (Cf. Palavra 7, p. 96). O símbolo cabeça pode ser substituído, facilmente, pelo pênis ereto, a mão ou o rabo, como o veremos abaixo.

O rabo do gato é um símbolo de poder, assim como a mão, que representa a mão da justiça. Podemos observar esses dois símbolos interligados no diálogo de Marcos e Bárbara:

Palavra 6

Marcos – Parece uma mão assim (mostrando uma das antenas) e isso parece um rabo de gato (apontando para outra antena)

Bárbara – É mesmo. Tem vez que ele fica mexendo o rabo assim

Marcos – Que fica assim: tium, tium, tium (fazendo gestos com as mãos)

Durand aponta a presença dessa simbologia no texto abaixo:

La simbólica nos muestra que el poder microcósmico está indiferentemente representado por la cabeza erguida o el pene en erección, a veces también por a la mano, com hemos dicho al hablar de la mano de justicia. En efecto, no sólo en el trofeo de caza, la cola – cuyo sentido argótico muy viril subraya el doctor Pichon. (1981, p. 133)

A mão, observada no desenho da antena da formiga, está relacionada com a mão da justiça, mais um símbolo fálico, como ficou demonstrado por Durand. E por ser também um símbolo fálico, o rabo é um símbolo ascensional, pois está ligado ao poder e ao arquétipo de purificação.

Já a formiga e o formigueiro são uma das primeiras manifestações de animalização (Durand, 1981, p. 67). O formigueiro se aproxima da serpente, que cava a terra, mas está mais próxima ainda do esquema da agitação e dos vermes, que pululam em movimentos anárquicos. A formiga, assim como os vermes, são imagens teriomorfas do rosto do tempo e pertence ao regime diurno, portanto, das antíteses.

Não podemos deixar passar despercebido a imagem das baratas que são devoradas pelas formigas. Essa imagem não aparece no suplemento, mas uma das crianças, a Leticia, faz referência a ela através da imagem da formiga. De todas as referências feitas aos desenhos, esse é o único símbolo que pertence ao regime noturno, o regime do eufemismo.

A barata é um inseto (animal), por isso está classificada junto aos símbolos catamorfos – da queda –, relacionado também ao ventre e à alimentação, pois foi transformada em nutrição, uma vez que, na imaginação de uma das crianças, a barata é alimento para a formiga.

Os arquétipos da comida (alimentação) nos remetem aos símbolos catamorfos, que nos leva aos símbolos do animal devorador. O ato de comer está ligado, desde Freud, à sexualidade. A boca, assim, é o emblema da regressão sexual. Como podemos verificar no Quadro 5 (p. 89), o ventre sexual (chamado de baixo ventre) e o ventre digestivo se confundem.

Os símbolos catamorfos apareceram de forma clara a partir dos desenhos abaixo. Quando percebemos o interesse do grupo insistimos para que continuassem, e chegamos às estruturas abaixo.



Desenho 3: edição, 718, p. 7

Palavra 7

Adulto – O que lhes lembra esses desenhos?

Bruna – Fumaça

Carlos – Estrela !

Bruna – Estrelas do céu. Tem vez que o céu fica cheio de estrelas

Carlos – Estrelas da noite

Bruna – Um monte de balões

Carlos – Cachorro quente

Bruna – Cachorro quente, uai

Carlos – Garrafa

Bruna – Violão

Carlos – Doce

Bruna – Tambor de tocar assim tum, tum, tum

Carlos – Osso, guitarra

Bruna – Cachorro

Carlos – É para comer, estou com uma fome

Bruna – Muitas verduras

Carlos – Pipoca, cinema

Bruna – É, cinema

De todas as imagens presentes no Almanaque, as que mais chamaram atenção das crianças foram as imagens ligadas à comida - símbolos catamorfos. Só por isso essa análise já estaria classificada como prioritária e foram analisada junto à simbologia durandiana e bachelardiana.

Os símbolos ligados à comida estão, assim, associados ao símbolo da caída (pecado, proibição). Na cultura judaico-cristã os demônios são representados como anjos caídos (Cf, Bíblia, livro do Apocalipse, 12, 7-12). Eles teriam desobedecido a Deus e receberam como castigo, a expulsão do paraíso. O ventre se apresenta como o microcosmo, eufemizado, do abismo, sinônimo da queda moral.

O olfato junto à cinestesia reforça o caráter nefasto da imagem do intestino. O cheiro da comida pode sufocar, causar náuseas, repugnância, que também apresenta seu lado negativo. Durand (1981, p. 112) insiste no caráter negativo do ventre digestivo e da alimentação. Estes estão ligados à mastigação, também em seu aspecto negativo – mastigação sádica.

O símbolo carnal (carne sexual) representa o animal que está em nós. E nos remete ao mito bíblico de Adão e Eva, que também está centrado no símbolo do intestino – simbolismo da intimidade. A carne deve ser temida, pois esta traz consigo a aliança secreta com a temporalidade e a morte.

Bachelard, que também estuda a intimidade do espaço interior, diz que a casa é o símbolo da intimidade por excelência, isso se tomada em sua complexidade e particularidades. As imagens ligadas à intimidade e proteção da casa, e mais precisamente os cantos da casa se mostram ricos em devaneios da infância, ao que Bachelard dirá que a casa de nossa infância habita em nós.

Percebemos a ligação destes símbolos da intimidade nas falas das crianças:

“Eu separo o lixo lá em casa. Lá em casa tem três latas de lixo...” (Cf. p. 82)

“Lá na minha casa, quando a gente não quer mais comida” (Cf. p. 82)

“Tem um homem lá perto de casa que é meu amigo... Ele falou que quando eu mudar de casa ele vai me dar um cachorro. (Cf. p. 83)

“Ele voltou para casa feliz com a espada” (Cf. p. 102)

Bachelard (2000, p. 84) nos lembra que toda grande imagem simples – como é exemplo a casa – revela um estado de alma. Tanto é que a continuação da Palavra 3 (Cf. p. 82), a Bárbara descreve sua nova casa, na qual ainda não vive, mas já a reconhece como sua:

Adulto – Você vai mudar? Para onde você vai?

Bárbara – Sabe ali perto do novo Carrefour? Eu vou mudar para lá. Estão reformando uma escola lá e também estão colocando asfalto.

...

Bárbara – Minha mãe e minha tia vão para lá (referindo-se à casa nova). Aí vai ser assim, é uma casa grandona, mais ou menos daqui até ali, aí vai colocar um murinho e um portãozinho, porque vai ser a casa da minha tia e a casa da minha mãe. Quando quiser ir na minha tia é só abrir o portãozinho e ir lá.

Bachelard lembra que a psicologia lança mão do tema *casa* para entender o comportamento das crianças. Basta pedir que uma criança desenhe sua casa. Não temos o desenho, mas a descrição da casa da Bárbara, por ela mesma, o que nos proporciona uma análise simbólica ainda mais rica.

A casa da Bárbara é uma casa “grandona”²³. Esse adjetivo está ligado ao substantivo imensidão, uma das categorias filosóficas do devaneio, estudadas por Bachelard. A imensidão não está na casa ou em qualquer outro objeto – uma vez que o imenso não é objeto. Está, sim, em nós. Bachelard dirá que a imensidão está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna à solidão.

Sem dúvida, o devaneio alimenta-se de espetáculos variados, mas por uma espécie de inclinação inerente, ele contempla a grandeza. E a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito (Bachelard, 2000, p. 190).

A casa “grandona” denota uma imensidão interior, simbologia característica da infância. É o contrário da miniaturização, mas mesmo assim, a busca da intimidade se faz necessário. Só na casa encontramos refúgio. Na casa, assim como na caverna, podemos descansar. Assim como no Mito da caverna de Platão (1949, p. 317 – 362), não podemos permanecer ali. O lugar de refúgio se constitui numa passagem, numa ascensão – a noite dá lugar ao dia e vice-versa.

Uma viagem ao interior de outro símbolo da intimidade, o intestino – microcosmo do abismo –, é deveras assustador. A sombra do que pode ser um labirinto, nos remete aos grandes arquétipos do medo. Durand associa esse labirinto à boca dentada, ao ânus e aos órgãos sexuais femininos – entrada para o labirinto infernal.

23 Não iremos analisar se a criança ainda não é capaz de avaliar a dimensão espacial, e sim se o que ela entende como grande no contexto da fala.

Do símbolo da intimidade passemos para os objetos mágicos, que aparecem com freqüência na imaginação infantil. A partir da história “Um presente mágico” (edição 718, p. 6), as crianças falaram sobre seus possíveis objetos mágicos e onde poderiam levá-las, a exemplo do que fez com a protagonista da história de Augusta Faro, colaboradora do Almanaque.

Pudemos perceber a grande influência que objetos como tapete mágico exercem no imaginário infantil. Lembremos que o tapete mágico pertence à literatura oriental, e chegou até nós através da obra *Mil e Uma Noites*, que inclui a história de *Aladin e a lâmpada maravilhosa*.

Além de objetos mágicos como a tradicional varinha de condão, muitas crianças se apoiaram na história lida para dizerem que gostariam de possuir uma bota, um sapato ou uma sandália que as levariam para os mais diversos lugares, como visitar um parente.

Os calçados possuem uma força simbólica muito forte, pois estão ligados ao ato sexual. Pertencem à estrutura mística, do continente – o pé que deverá estar dentro do calçado é o conteúdo. Os calçados pertenceriam ao regime noturno da imagem se, contudo, não estivessem ligados a objetos mágicos.

A história *Um presente mágico*, de Augusta Faro suscitou, no imaginário das crianças, diversos objetos mágicos. A história tinha como ilustração uma menina de cor preta, e que pode ser apreciada abaixo. Seus cabelos enrolados e sua cor deram o que falar em ambas as turmas de crianças. Uns diziam que ela era bonita, outros que não gostavam de sua cor. Com certeza esse seria um tema rico para discutir diversas questões como as inúmeras diferenças entre as pessoas numa sociedade.

Vale ressaltar que o desenho foi criado pela ilustradora Adriana Mendonça que apresenta em seu trabalho uma preocupação em trabalhar a diversidade cultural, mais notadamente a raça negra.



Desenho 4 – Edição 718, p. 6

No desenho podemos ver o tamanco que seria um objeto mágico. Porém, as crianças não param nesse símbolo que já estava dado pelo Almanaque e buscam outros elementos mágicos como varinha de condão, tapete mágico, outros calçados.

Ainda dentro dos símbolos mágicos temos a história de Letícia. Ela escreveu Romãozinho e sua espada mágica, num dos grupos focais. Ela escreveu a história, espontaneamente, utilizando objetos mágicos e cenas fantásticas, demonstrando o quanto as imagens são fortes e presentes. Segue abaixo a história imaginada e escrita pela Letícia.

Palavra 8

Romãozinho e sua espada mágica

Um dia Romãozinho estava brincando e viu três pedaços de madeira e um parafuso no chão. Pensou, pensou e descobriu que poderia fazer uma espada. E fez.

Quando a espada estava pronta, Romãozinho pensou no que fazer com aquela espada. Resolveu combater dragões e outros bichos ferozes.

Um dia estava passeando e se perdeu na floresta. Lá viu dragões, onças, tigres e outros animais ferozes. Lembrou que estava com a espada. Os animais estavam se aproximando, e como o Romãozinho era um menino esperto, pegou a espada, lutou com os animais e venceu.

Ele voltou para casa feliz com a espada. Foi treinar luta com a espada e ela falou com ele. Disse que era mágica. Ele levou um susto e olhou para trás, pensando que era uma pessoa. Quando olhou de novo para frente, a espada tinha sumido. Romãozinho foi encontrar a espada despedaçada no chão. Ainda bem que deu para consertar. E Romãozinho viveu muito feliz com a espada.

A história apresentada acima foi escrita depois que Leticia e mais quatro crianças leram o Almanaque (edição 720, p. 8). O quadrinista Jorge Braga, criador do quadrinho que influenciou Leticia, tinha objetivo claro de protestar contra a poluição emitida pelos veículos automotores. Porém, a imagem que ficou fixada na imaginação dela foi o poder e a magia da espada empunhada pelo protagonista da história – Romãozinho.

Foi necessária uma lógica imaginativa para que a história de Romãozinho e sua espada mágica fosse escrita. Muitas vezes se confunde pensar, usar a razão, com imaginar. Existe um abismo muito grande entre um e outro. As imagens não aceitam idéias totalmente definidas, além do mais, é a imaginação que grava as imagens em nossa memória.

A imagem da espada mágica pode ter sido gravada anteriormente à leitura do Almanaque, como também pode ter sido suscitada por ele. O fato é que nunca saberemos. Mas uma coisa é certa: a leitura do Almanaque possibilitou uma viagem ao mundo do imaginário, através do devaneio.

A história se inicia com a expressão “um dia...”. Poderia ser também: “certo dia...”, ou “era uma vez”. Assim, iniciam diversos contos

fantásticos. E não poderia ser diferente com a narração da história de Leticia. A narração de um mito não deve ser traduzido, mas compreendido, pois carregam suas significações.

Uma das funções do mito é repetir e não apenas contar. Percebemos essa repetição em *Romãozinho e sua espada mágica*. Para melhor entender a sincronia que nos sugere a repetição em um mito, transcrevemos a mesma história abaixo, mas desta vez destacando, em negrito, as repetições. Somente a palavra espada aparece 11 vezes.

Romãozinho e sua espada mágica

Um dia Romãozinho estava brincando e viu três pedaços de madeira e um parafuso no chão. **Pensou, pensou** e descobriu que poderia fazer uma **espada**. E fez.

Quando a **espada** estava pronta, Romãozinho **pensou** no que fazer com aquela **espada**. Resolveu **combater dragões** e outros **bichos ferozes**.

Um dia estava passeando e se perdeu na floresta. Lá viu **dragões**, onças, tigres e outros **animais ferozes**. Lembrou-se que estava com a **espada**. Os animais estavam se aproximando, e como o Romãozinho era um menino esperto, pegou a **espada**, lutou com os animais e venceu.

Ele voltou para casa feliz com a **espada**. Foi treinar luta com a **espada** e ela falou com ele. Disse que era mágica. Ele levou um susto e olhou para trás, pensando que era uma pessoa. Quando olhou de novo para frente, a **espada** tinha sumido. Romãozinho foi encontrar a **espada** despedaçada no chão. Ainda bem que deu para consertar. E Romãozinho viveu muito feliz com a **espada**.”

O símbolo da espada eufemiza-se quando é apresentada como mágica, uma vez que expressa sua vontade através da fala, afirmando ser mágica. O desaparecimento misterioso da espada confirma o símbolo da inversão. E por estar na categoria de mito, pertence ao regime noturno. O termo

mito corresponde à “narração de determinada fé religiosa ou mágica, à lenda e suas considerações explicativas, ao conto popular ou à narração romanesca” (Strongoli, 1983, p. 46).

As estruturas sintéticas, que já estudamos, estarão sempre presentes nos mitos, nas fábulas e nas lendas. Walter Benjamin (2002, p. 58) vem nos enriquecer com suas palavras a respeito das leituras dos contos de fadas. Diz ele: “Seguramente, os pequenos se divertem mais com o animal que fala de forma humana e age racionalmente do que com o texto mais rico de idéias”.

Benjamin leva em conta os contos maravilhosos que, assim como os mitos, carregam consigo incontáveis idéias reais e/ou imaginárias. Essas idéias, por sua vez, merecem ser percebidas como imagens e, como tais, devem ser estudadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é formado o universo das representações de imagens simbólicas mediado por imagens publicadas no suplemento Almanaque, do Jornal O Popular? Partindo desta pergunta, tínhamos como objetivo captar do imaginário infantil, tendo como instrumento de análise o suplemento Almanaque. Este proporcionou o encontro das crianças com a magia, por meio das imagens suscitadas nas leituras dos *quadrinhos*, das seções do *Era uma vez*, e das demais seções do Almanaque.

A pesquisa empírica nos possibilitou entender como as representações se apresentam. Esse entendimento se deu ao mesmo tempo em que respondíamos a pergunta: "Como as imagens e o sujeito se constituem e de que maneira o sentido os atravessa no momento em que se confrontam?".

Os símbolos apreciados – teriomorfos, catamorfos (ambos classificados no regime diurno), bem como as estruturas místicas do continente e do conteúdo, classificado no regime noturno, nos possibilitaram conhecer as estruturas do imaginário infantil. As classificações em regimes foram necessárias somente para apreciarmos o imaginário impregnado nas palavras das crianças.

A percepção das imagens, bem como a interação que as crianças têm com as imagens, se dá no dia-a-dia também da sala de aula, enquanto as crianças constróem novos conhecimentos. Assim, a imagem está presente muito

antes da idéia se formar na cabecinha delas. E depois que a idéia se forma, a imagem materializa-se, como pudemos constatar, nas palavras das crianças.

Bachelard dirá que parece que as imagens têm vida. Nós, por nossa vez, afirmamos que as imagens ganharam vida na imaginação das crianças. Podemos encontrar, nas palavras delas – enumeradas em sete – a força simbólica das imagens.

O exercício para captar as imagens simbólicas, nas palavras das crianças, levou-nos até às imagens imaginadas – no ato da imaginação. Assim, foi possível examinar as imagens que em cada discurso apresenta-se com nova roupagem.

Quando uma criança percebe a imagem, ela o faz de modo único. Nos diversos diálogos, que algumas vezes se resumiram em monólogos, podemos encontrar exemplos de como as crianças perceberam as imagens sugeridas pelo Almanaque.

Se perceber é tornar algo presente a si com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre em seu lugar num horizonte de mundo, a percepção não pode contemplar somente o aqui e o agora. O que está além do imediato também interessa à percepção.

Através das representações de suas imagens, as crianças deram a conhecer suas imagens particulares. Mas os arquétipos estudados são atemporais e universais, o que nos permite afirmar que a pesquisa também tem esse caráter de universalidade. Apesar de cada criança ter devaneios únicos, estes permanecem universais.

O suplemento Almanaque é mais um jornal brasileiro que vai para a sala de aula. Assim, as crianças dos estados de Goiás e Tocantins, analisam, semanalmente, seu conteúdo e interage com o mesmo. É de fundamental

importância que isso seja feito, uma vez que o Almanaque é um meio de comunicação voltado para o público infantil.

Escolher e analisar somente três imagens simbólicas foi uma ação arbitrária, pois sabíamos que qualquer análise que fizéssemos nos daria uma amostra do imaginário infantil. Assim, escolhemos analisar os símbolos que apareceram com mais força no decorrer da pesquisa.

Os símbolos teriomorfos e os catamorfos fazem parte da vida das crianças, seja pela falta, seja pela presença. A falta, a necessidade do alimento foi percebido nas seções de grupos focal através de expressões diversas. Quando estávamos analisando conteúdo do Almanaque (edição 717, p. 7), um dos grupos estava mais interessado no lanche que iríamos oferecer, do que no conteúdo das sessões.

Quando o objeto é representado à consciência de forma indireta, essa representação se dá pela imagem, e somente através dela. É o que Durand denomina de representação indireta. A imaginação infantil só pôde ser entendida através dessa representação indireta.

Porém, as imagens ligadas aos animais, eufemizados ou não, assim como os símbolos catamorfos são ontológicos, estão ali desde sempre, sem, contudo se desgastarem, uma vez que fazem parte dos quatro grandes arquétipos de anunciados por Bachelard – água, terra, água e ar. Aliás, todas os símbolos, em especial os estudados aqui têm suas raízes nos grandes arquétipos, que estão enraizados no inconsciente humano e, a partir deles, se formam todas as imagens em nossa mente.

Assim, qualquer arquétipo que estudarmos chegaremos aos grandes arquétipos. Não sairemos, também, das indicações dos regimes diurno e noturno, organizados por Durand.

Chegamos, assim, ao fim desta pesquisa sem, contudo, colocar um ponto final. Temos consciência de que o estudo do imaginário não pára por aqui, vai além, e pode abranger outras áreas além da fenomenologia, antropologia e psicanálise.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER. Max. *A dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

AGOSTINHO, Santo. *De Magistro*. Tradução de Angelo Ricci. São Paulo: Victor Civita, 1973.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Tradução de Mário da Gama Cury. 3. ed. Brasília: Ed. da UNB, 1999.

ARRIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). <http://www.anj.org>. Acesso em 10 jun 2000.

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Tradução de Juvenal Hahne Júnior. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

_____. *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *A água e os sonhos*. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *A psicanálise do fogo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *O ar e os sonhos*. Tradução de Antonio de Padua Danesi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARBOSA, Elyana. *G. Bachelard: O arauto da pós-modernidade*. Salvador: Universitária Americana, 1993.

BENJAMIM, Walter. *Reflexões: A criança, o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.

BÍBLIA SAGRADA, 35ª ed. Tradução dos originais mediante versão dos monges de Maredsous (Bélgica), pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1982.

CAPALBO, Creusa. *Fenomenologia e ciências humanas*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1973.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento*. 3 ed. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973

DEL PRIORI, Mary (org). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

DURAND, Gilbert. *Las estructuras antropológicas de lo imaginário: Introducción a la Arquetipología General*. Madri: Taurus, 1981.

_____. *A imaginação simbólica*. Tradução de Liliane Fitipaldi. São Paulo: Cultrix - EDUSP, 1988.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vol. 2, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (org). *Textos em representações sociais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

JAPIASSÚ, Hilton. *Para ler Bachelard*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

KLEIN, Melanie. *A Psicanálise de crianças*. Tradução de Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro, 1997.

KUCINSKI, Bernardo. Imprensa e democracia no Brasil. *Universidade e Sociedade*, São Paulo. n. 15, p. 6 – 10, fev. 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão, a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.

MATTELART, A. e Michèle. *História das teorias da comunicação*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1990.

_____. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O visível e o invisível*. 4. ed. Tradução de José Artur Gionotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MORAN, José Manoel. *Mudanças na Comunicação Pessoal: gerenciamento Integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

NOSELLA, Paolo, *A escola de Gramsci*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

OROZCO GÓMEZ, Guilherme. Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. *Comunicação & Educação*, São Paulo. n. 10, p. 57 – 68, set./dez. 1997.

PACHECO, Elza Dias (org). *Televisão, criança, imaginário e educação*. Campinas: Papirus, 1998.

PESQUISA ANDI – OS JOVENS NA MÍDIA. *Avaliação do comportamento editorial de revistas e suplementos dirigidos ao adolescente*. Síntese das edições de março de 1997 a dezembro de 1998. Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI). Edição especial, s.l, p. 20. 1998.

_____. *O desafio da AIDS – A mídia no fogo cruzado da sexualidade, da prevenção e da questão de gênero*. Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI). Brasília, p. 10, Jan/dez. 1999.

PLATÃO, *A República*. 6º ed. Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

PIAGET, Jean. *A Linguagem e o pensamento da criança*. Tradução de Manuel Campos. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973.

_____. *A formação do símbolo na criança*. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. e Inhelder, Barbel. *A psicologia da criança*. 13. ed. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

SANTOS, José Milton. Recepção midiática e produção de sentido. *Escola de comunicação – comunicação e cultura*, s/l, p. 47–51, s/d.

SANTOS, Lulu e MOTTA. *Certas coisas*. Música. Faixa 7, n. 398422647-2 Videolar/ Warner Music Brasil. s/d. 1 CD-ROM.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Formación del profesorado em la sociedad de la información*. Segovia, Universidad de Valladolid. 1998, p. 33 – 44.

SOUSA, Solange Jobim. *Infância e linguagem*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.

SOUZA, Mauro W. (org.) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

STRONGOLI, MARIA Thereza de Q. G. *Contribuição para o estudo das estruturas profundas do imaginário infantil*, 1983. 297 p. Dissertação (Mestrado em Educação) USP. São Paulo.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 2. ed. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, Vozes, 1999.

VIGOSTSKY, Lev Semenovicth. *Pensamento e Linguagem*. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VON FEILITZEN, Cecilia e CARLSSON, Ulla (org). *A criança e a mídia: imagem, educação, participação*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo e Maria Elizabeth Santo Matar. São Paulo: Cortez, 2002.

WOOD, David. *Como as crianças pensam e aprendem*. Tradução de Marcelo Brandão Apolla. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ANEXOS

ANEXO 1

Solicitação

Venho por meio desta solicitar a autorização da direção para trabalhar com um grupo de alunos (turma C do ciclo I), matriculados nesta unidade escolar – Escola Municipal Ana das Neves de Freitas.

O trabalho que pretendo desenvolver tem o objetivo de tentar apanhar e apreender o imaginário infantil na leitura de textos e imagens do Suplemento Almanaque, uma vez que o tema de minha dissertação é: *O imaginário infantil na recepção de textos e imagens do Suplemento Almanaque do Jornal O Popular*.

Segue abaixo o cronograma das sessões, nas quais pretendo realizar oficinas e entrevistas com os alunos.

Elaine Cáceres

Goiânia, 10 de junho de 2002.

Data	Período	Atividades
11/06/2002 (3º feira)	Das 15:15 às 17:15	1º contato – fita VHS
12/06/2002 (4º feira)	Das 15:15 às 17:15	Entrevistas/questionários
18/06/2002 (3º feira)	Das 15:15 às 17:15	Oficina com Almanaque
19/06/2002 (4º feira)	Das 15:15 às 17:15	Oficina com Almanaque
25/06/2002 (3º feira)	Das 15:15 às 17:15	Grupo focal
26/06/2002 (4º feira)	Das 15:15 às 17:15	Grupo focal
06/08/2002 (3º feira)	Das 15:15 às 17:15	Grupo focal
07/08/2002 (4º Feira)	Das 15:15 às 17:15	Grupo focal

ANEXO 2

Solicitação

Venho por meio desta solicitar a autorização da direção para trabalhar com um grupo de alunos (turma C do ciclo I), matriculados nesta unidade escolar – Escola Municipal Presidente Costa e Silva.

O trabalho que pretendo desenvolver tem o objetivo de tentar apanhar e apreender o imaginário infantil na leitura de textos e imagens do Suplemento Almanaque, uma vez que o tema de minha dissertação é: *O imaginário infantil na recepção de textos e imagens do Suplemento Almanaque do Jornal O Popular*.

Segue abaixo o cronograma das sessões, nas quais pretendo realizar oficinas e entrevistas com os alunos.

Elaine Cáceres

Goiânia, 10 de junho de 2002.

Data	Período	Atividades
10/06/2002 (2º feira)	Das 13:15 às 15:15	1º contato – fita VHS
12/06/2002 (4º feira)	Das 13:15 às 15:15	Entrevistas/questionários
17/06/2002 (2º feira)	Das 13:15 às 15:15	Oficina com Almanaque
19/06/2002 (4º feira)	Das 13:15 às 15:15	Oficina com Almanaque
24/06/2002 (2º feira)	Das 13:15 às 15:15	Grupo focal
26/06/2002 (4º feira)	Das 13:15 às 15:15	Grupo focal
05/08/2002 (2º feira)	Das 13:15 às 15:15	Grupo focal
07/08/2002 (4º Feira)	Das 13:15 às 15:15	Grupo focal

ANEXO 3

Artigos 12, 13 e 17, Convenção sobre Direitos da Criança

Artigo 12 – A criança deve ter direito de expressar opinião

1. Os Estados Partes assegurarão à criança que estiver capacitada a formular seus próprios juízos o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados com a criança, levando-se devidamente em consideração essas opiniões, em função da idade e da maturidade da criança.
2. Com tal propósito, se proporcionará à criança, em particular, a oportunidade de ser ouvida em todo processo judicial ou administrativo que afete a mesma, quer diretamente quer por intermédio de um representante ou órgão apropriado, em conformidade com as regras processuais da legislação nacional.

Artigo 13 – A criança deve ter direito à liberdade de expressão

1. A criança terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e idéias de todo tipo, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou por qualquer outro meio escolhido pela criança.
2. O exercício de tal direito poderá estar sujeito a determinadas restrições, que serão unicamente as previstas pela lei e consideradas necessárias:
 - a) para o respeito dos direitos ou da reputação dos demais, ou
 - b) para a proteção da segurança nacional ou da ordem pública, ou para proteger a saúde e a moral públicas.

Artigo 17 – A criança deve ter acesso a informações...

Os Estados Partes reconhecem a função importante desempenhada pelos meios de comunicação e zelarão para que a criança tenha acesso a informações e materiais procedentes de diversas fontes nacionais e internacionais, especialmente informações e materiais que visem a promover seu bem-estar social, espiritual e moral e sua saúde física e mental. Para tanto, os Estados Partes:

- a) incentivarão os meios de comunicação a difundir informações e materiais de interesse social e cultural para a criança, de acordo com o espírito do Artigo 19;
- b) promoverão a cooperação internacional na produção, no intercâmbio e na divulgação dessas informações e desses materiais procedentes de diversas fontes culturais, nacionais e internacionais;
- c) incentivarão a produção e a difusão de livros para crianças;
- d) incentivarão os meios de comunicação no sentido de, particularmente, considerar as necessidades lingüísticas da criança que pertença a um grupo minoritário ou que seja indígena;
- e) promoverão a elaboração de diretrizes apropriadas a fim de proteger a criança contra toda informação e material prejudiciais ao seu bem-estar, tendo em conta as disposições dos Artigos 13 e 18.

ANEXO 4
Suplemento Almanaque
Edição 717

ENCARTE DO JORNAL O POPULAR | JORNAL DO TOCANTINS

almanaque

DOMINGO, 2 de junho de 2002

www.opopular.com.br/almanaque

Almanaque
ESCOLA
www.opopular.com.br/almanaque/escola

Yes!

Nós temos
quadrinhos!



Os quadrinistas do Almanaque como você nunca viu!

E mais: aprenda a desenhar o Cabeça Oca, a Mariana e o Romãozinho. [4 e 5



Repórter mirim

Aqui, o repórter é você!



Simone Ala

Raquel Rodvalho já entrou para a turma!

Responda: você curte ler, escrever e vive de olho nas novidades que rodam por aí? Então, que tal participar da página do *Repórter mirim*? Além de ver seu texto e nome publicados aqui, você ainda vai ganhar um livro de presente da Editora Ática (só vale para autores de textos publicados, viu?)

Anote aí o que fizer

Escreva para o *Almanaque* e peça a sua carteirinha de repórter mirim. Basta enviar os seguintes dados:

- Nome completo

- Data de nascimento
- Nome do pai e da mãe
- Escola e série que cursa
- Endereço completo com CEP

Mande sua cartinha pelo correio (Rua Tomas Edison Qd. 7 Setor Serrinha CEP 74835-130 Goiânia Goiás), via fax (62 255-7513) ou, ainda, por e-mail (almanaque@opopular.com.br)

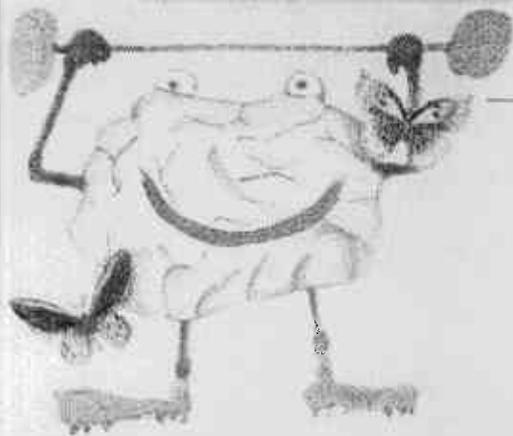
Se quiser, pode mandar o seu trabalho junto com os dados. Você não paga nada para fazer a carteirinha! Ela vai para a sua casa, pelo correio.

Sai da frente que lá vem o rinoceronte

■ Ainda que pareçam desajeitados, os rinocerontes são bastante ágeis e rápidos apena de tão grandes. O indiano, por exemplo, pode alcançar 46 quilômetros por hora.

■ As girafas dormem apenas meia hora por dia, embora também costumemurar soneca enquanto estão de pé, deixando torbar o pescoço. Mesmo quando se deitam, com o pescoço dobrado, elas só dormem cerca de três minutos de cada vez.

Jordana C. Câmara Costa
Repórter mirim nº 24.847/96-GO



Agite esse cérebro!

Você sabia que o cérebro é como um músculo que precisa ser exercitado?

A perda da memória não é consequência natural da velhice e pode ser combatida com o contínuo exercício do cérebro. Quando você põe a mente para trabalhar, estimula a produção de neurotrofina, um nutriente-chave do sistema nervoso, que ajuda a manter as células cerebrais vivas.

Dizem que um ótimo exercício para o cérebro é a leitura. Então, vamos *de-vo-rar* livros, revistas, gibis, jornais...

Luiz Paulo Gomes

Repórter mirim nº 25.524/01-GO

Coisa de formiga

■ Por que as formigas trombam umas com as outras quando andam? Para se comunicar,oras! A anteninha delas funciona como um nariz. Pelo cheiro, reconhecem quem é da mesma colônia e quem está carregando alimentos.

■ A maior árvore do mundo é a *Squocendron giganteum*, que pode chegar a mais de 100 metros de altura e vive cerca de três mil anos. A madeira desta árvore poderia construir 80 casas de 5 cômodos

Murilo Moreira Zanetti

Repórter mirim
nº 24. 687799-GO



almanaque
Editado por J. Câmara & Lins SA.
edição nº 719

Editora
Valéria Belém
(062) 250-1198 e 255-6021

Diagramação: Larissa Vilhota
e Rogério Miranda
Ilustrações: Adriana Mendonça

Encarte dos jornais
O POPULAR e
Jornal do Tocantins





TEM GENTE QUE VIVE PROMETENDO: DIZ QUE GOSTA DE PRESERVAR O MEIO AMBIENTE, MAS NA HORA DE CUMPRIR, PODE ESQUECER! ANTES QUE O NARIZ FIQUE GRANDE COMO O DO PINÓQUIO, SIGA O EXEMPLO DE UMA MENINADA QUE NÃO FICA NO BLA BLA BLA.

Antes que a água acabe

ELAINE FREITAS

Certo dia, Rafaela Câmara, de 11 anos, desenvolveu um projeto sobre a água e percebeu que esse recurso natural pode acabar. Preocupada, botou a boca no mundo para evitar o problema! "Fico me imaginando sem árvores, oxigênio ou passando fome por algo que po-

demos evitar", conta. A menina acha que a preservação da natureza começa pela criança. "Quando o filho cobra dos pais, eles acabam fazendo", defende.

Carolina Martins Moura, 10 anos, que também ajuda a cuidar da natureza, concorda com Rafaela: "O futuro é nosso, não podemos achar que a responsabilidade é só dos adultos". Preocu-

padas, as duas resolveram participar da Conferência Criança Brasil no Milênio, que reúne a menina para falar justamente sobre o meio ambiente (*Veja quadro*).

Enquanto Rafaela acha que maltratar o meio ambiente é uma forma de dar corda à violência e de causar a fome, Carolina também fica de olho na Floresta Amazônica e nos índios: "Nossa

cultura vem dos índios e é preciso preservá-la", opina. E os bichos? Também fazem a menina perder o sono. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), um quarto dos mamíferos do planeta está ameaçado de extinção. O mesmo relatório também mostra que 40% da população da Terra já sofre com a escassez de água.



Carolina e Rafaela dão a dica: reciclar o lixo e economizar água é dever de todos!

De gota em gota

A preservação deve começar em casa. Afinal, segundo a advogada Cláudia Valle Galli*, meio ambiente é tudo o que nos cerca, podendo ser natural ou construído pelo homem. Veja as dicas de Cláudia, Rafaela e Carolina:

 Ao lavar as mãos, pegue o sabonete e só então abra a torneira.

 Quando escovar os dentes, deixe a torneira fechada.

 Se vir um conhecido lavando a calçada com mangueira, peça para trocar por uma vassoura.

 Carregue sempre um saco de lixo

 Aperte só uma vez a válvula do vaso sanitário para não gastar água

 É preciso evitar copos ou pratos descartáveis e reciclar papel, alumínio e outros materiais. A coleta seletiva deve começar em casa: separe o lixo orgânico do reciclável e exija dos governantes que eles também façam a coleta seletiva.

*CLAUDIA é especialista em Direito do Ordenamento do Território, Urbanismo e Meio Ambiente pela Universidade de Coimbra

Entre nessa conferência

 Você também pode participar da Conferência Criança Brasil no Milênio (CCBM). Basta ter entre 6 e 13 anos de idade.

 Quem participa das conferências ajuda a criar a Agenda 21 Infantil, que é um documento sobre o meio ambiente.

 Nos eventos, a meninada se divide em 12 ou mais grupos. Cada um discute um assunto diferente. A galerinha também participa de oficinas e apresentações sobre ecologia.

 Nos dias 8 e 9 de junho, no Festival Internacional de Cinema Ambiental, na cidade de Goiás, esses tratados serão discutidos por outras crianças, que poderão legitimá-los.

 Peça para seu pai fazer sua inscrição. Informações e inscrições na OPA: (62) 223-9995 e no site www.ccbm.com.br



Ah, ah!
Ah, ah!
Ah, ah!

A dupla dos quadrinhos

ALMANAQUE TEM UMA TURMINHA QUE APRONTA TODAS AS DOMINGOS. QUEM SÃO OS RESPONSÁVEIS POR ESSE AGITO? JORGE BRAGA E CHRISTIE QUEIROZ. AGORA VOCÊ VAI MERGULHAR NO MUNDO DESSES QUADRINISTAS DO BARULHO!

Christie, o Cabeça Oca

Nome - CHRISTIE QUEIROZ DE QUEIROZ
Idade - 29 anos
Onde nasceu - Goiânia, Goiás
O que gosta de fazer por ele mesmo - "Adoro passear e fazer pizza."
Como nasceram seus personagens - "Um dia - eu estava na época - estava pensando na frente do computador quando minha mão me bateu e eu era um personagem. Ai surgiu o meu

primeiro personagem. Depois vieram o Pião, meu melhor amigo; a Vânia, que na verdade é minha esposa e, finalmente, a Mariana, inspirada na minha filha."
■ O começo de tudo - "Resolvi ser quadrinista por influência da turma da Mônica, desenhos criados por Mauricio de Sousa, de quem sou superfã."
■ De olho no futuro - "Podem esperar! Quero lançar revistas, livros e produtos com meus personagens."

Fotos Sebastião Nogueira



O jeitinho de cada um



CABEÇA OCA - É um garotinho sapeca de quase seis anos. Não deixa a coitada da Vânia em paz! Vive inventando brincadeiras e, como muitos meninos, quer ser super-herói.

VÂNIA - Inteligente, morre de raiva das brincadeiras sem graça do Cabeça Oca. Mas não fica chateada por muito tempo.



MARIANA - É o melhor amigo do Cabeça Oca. Estão sempre brincando e estudando juntos. Quer ser espertinho, mas não é muito inteligente.

MARIANA - Um bebezinho de quase dois anos que está descobrindo o mundo. Transforma tudo o que vê em brinquedo. A prima Isabela, seu bonequinho Dedê e o cachorrinho Empadinha estão sempre por perto.



PAPAI CABEÇA OCA E DONA REGINA - São os pais do Cabeça Oca e da Mariana. Eles ficam malucos com as armações e bagunças dos filhos.

O Romãozinho de Jorge Braga

■ Nome - **JORGE DOS REIS BRAGA**
■ Idade - 45 anos
■ Onde nasceu - Patos de Minas, Minas Gerais
■ Jorge por ele mesmo - "Um menino peralta que se recusa a crescer e ficar sério como os adultos. Sonhador, colecionador de gibis, louco por cinema, apaixonado pelos clássicos Disney. Já do Meinino Malbaquinha do Ziraldo. E, acima de tudo, que crê em Deus e acredita que o céu é uma espécie de Disneylândia sem fila!"
■ Como nasceram seus personagens - "O primeiro personagem foi Badião, mas ele era um personagem para adultos. Como criando gibis, achei que a garotada gostaria de ter um personagem regional - esse foi o Romãozinho, inspirado na minha infância. Depois de circular em revista e descansar um tempinho, ele voltou, desta vez no Almanaque."
■ De olho no futuro - "Estou com a cabeça cheia de idéias para o futuro do Romãozinho, só não abro o jogo para ninguém colocar o olho gozô! Acho que ele pode sair do cerrado e fazer coisas diferentes, com viagens no tempo, por exemplo."

O jeitinho de cada um



JUJU E FLAVINHO.
Inspirados nos filhos de Jorge

ROMÃOZINHO - Garoto travesso, inteligente, que vive discutindo temas como ecologia e o futuro do mundo. Nada a ver com o capetinha folclórico da Região Centro-norte do Brasil



TICO E ZICO - Amigões de Romãozinho. Inspirados nos amigos de infância de Jorge Braga.

TURMA DA RUA DE BAIXO

Bieu e Maninho vivem aprontando poucas e boas com Romãozinho e seus amigos.

Na boca da galera

Qual o personagem que você mais curte? Por quê?

Album de família



"Curto a Mariana porque ela fala tudo atrapalhado! Minha mãe diz que, quando eu era bem pequena, falava igual a ela."

Amanda Hummel Margon, 8 anos

Sebastião Negreiros



"Gosto do Romãozinho. Ele é divertido e inteligente."

Victor da Cunha Costa Pinto, 11 anos



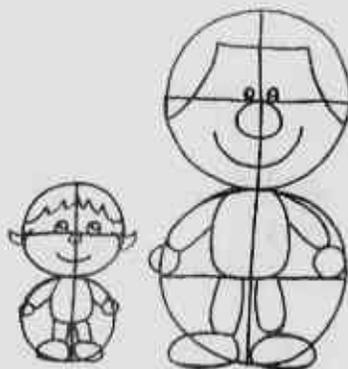
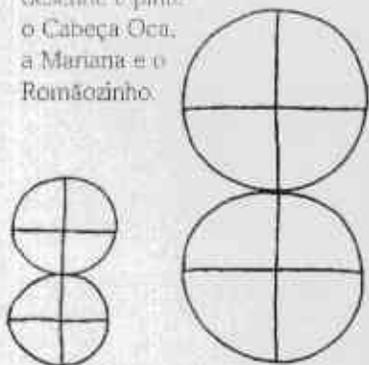
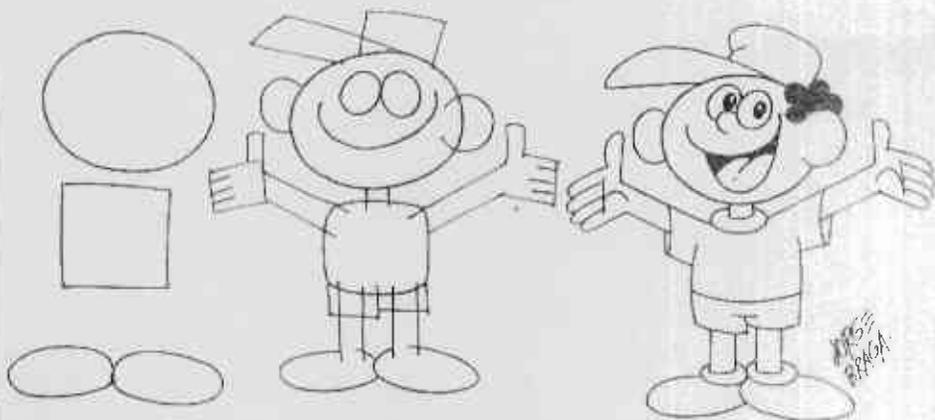
Simonne Aka

"Prefiro o Cabeça Oca. Ele é muito engraçado. Adora quando ele inventa coisas."

Gabriel Peixoto Oria, 12 anos

Aprenda a desenhar os personagens

Lápis, papel e borracha na mão! Os quadrinistas do *Almanaque* vão dar uma canja para os leitores e ensinar um jeito fácil, fácil, de desenhar alguns personagens. Siga os modelos, desenhe e pinte o Cabeça Oca, a Mariana e o Romãozinho.





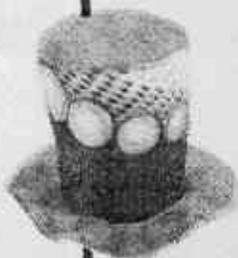
Vamos mostrar o verde-amarelo por aí?
Prepare-se para torcer nesta Copa do Mundo!



Lenço
R\$ 3,00



Corneta
R\$ 2,00

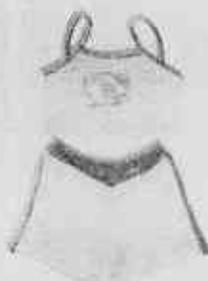


Chapéu grande
R\$ 7,99
Chapéu pequeno
R\$ 6,99



Bandana
R\$ 12,00

Chaveiro
R\$ 2,00



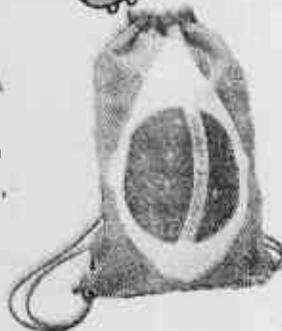
Conjunto feminino
R\$ 12,00



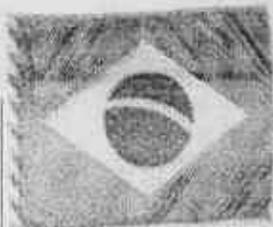
Camiseta oficial (Nike)
tamanhos entre 6 e 12
R\$ 69,00



Sunga infantil
R\$ 22,00



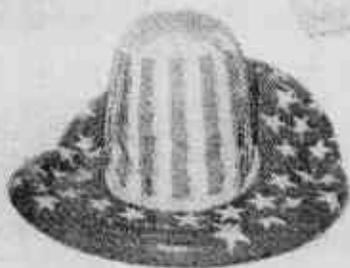
Mochilinha
R\$ 15,00



Bandeira
R\$ 2,00



Luvas da seleção
R\$ 3,99



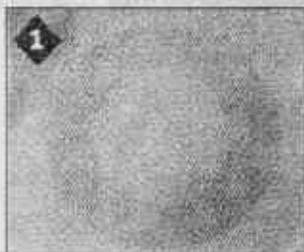
Chapéu inflável
R\$ 5,00



Bandeirola
R\$ 2,00



Lojas pesquisadas: Cara de Anjo, Camelódromo de Campinas, Alto Verão, Bazar do Estudante, Ri Happy, Bonkers Brinquedos



Chapeluco da **Copa**

Para quem não quer gastar muito e ainda ser original, a pedida é fazer este chapéu maluco e torcer pelo Brasil de cabeça feita!

Material

- Cartolina amarela e verde
- Cola e tesoura

Hora de Fazer

■ Tire a medida da circunferência da sua cabeça e risque um círculo na cartolina. Depois, risque outro por fora, a 10 cm do primeiro. Recorte os

dois. Esta será a aba do seu chapéu (foto 1).

■ Corte três tiras verdes e três amarelas medindo 40 X 2 cm cada. Cruze uma por cima da outra intercalando as cores e grampeie o centro onde todas se encontram (foto 2). Encaixe esta parte dentro do círculo e cole as pontas na parte inferior

da aba (foto 3).

■ Arremate com bandeirinhas, franjas, bolas e o que mais a sua criatividade mandar. Depois, é só juntar a animação com essa cartola doida e torcer a valer. Dá-lhe, Brasil, sil, sil!

ELIANE VARASCHINI

Com apenas
R\$ 0,60
você faz o
chapeluco!



Trocar correspondência

"Hello, hansonmaniacos! Temos 13 anos. Se o grupo Hanson fez uma manobra radical na vida de vocês, escrevam para nos MIMBop para todos!"

Marielle, Geanny e Giully

Av. Lineu Machado Qd. 27 Lt. 2
Vila Canaã
CEP 74000-000 Goiânia - GO

"Gostaria muito de fazer parte da sua turma de amigos. Não importa a sua idade, mas a nossa amizade! Tenho 14 anos."

Darlaine Xavier Batista

Rua Murici nº 15 Bela Vista I
CEP 76350-000 Rubiataba - GO

"Espero você escrever para começarmos uma amizade legal! Tenho 14 anos."

Áldinéia de Mello Araújo

Rua 21-B nº 153 Setor Alto dos Buritis
CEP 77410-410 Gurupi - TO

"Garotas e garotos que queiram ter uma nova amiga, escrevam-me! Tenho 14 anos."

Denise de Carvalho

Av. Paranaíba nº 1080 Centro
CEP 77410-060 Gurupi - TO

"Ola, garotada! Tenho 12 anos e curto de montar fazer novas amizades. Gostaria muito de me corresponder com vocês. Espero carinhos!"

Carolinne Antunes de Oliveira

Rua Cel. Pedro Nunes nº 148 Centro
Cep 75650-000 Montinhos - GO

"Querem ser meus amigos? Então não deixarem para escrever. Tenho 13 anos e já estou esperando!"

Joslaine Redino

Av. Paranaíba nº 975 Centro
CEP 77403-050 Gurupi - TO



Intercâmbio
postal



5

Dia Mundial do Meio Ambiente e da Ecologia

7

Dia da Liberdade de Imprensa

8

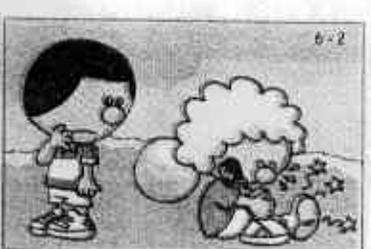
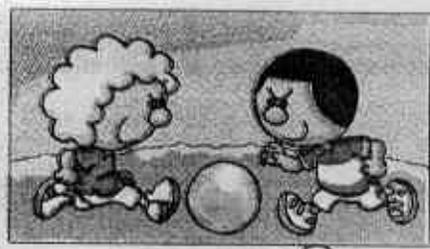
Dia do Citricultor



Datas da semana

COBRIÃO

Criação e Arte: Genete Queiroz



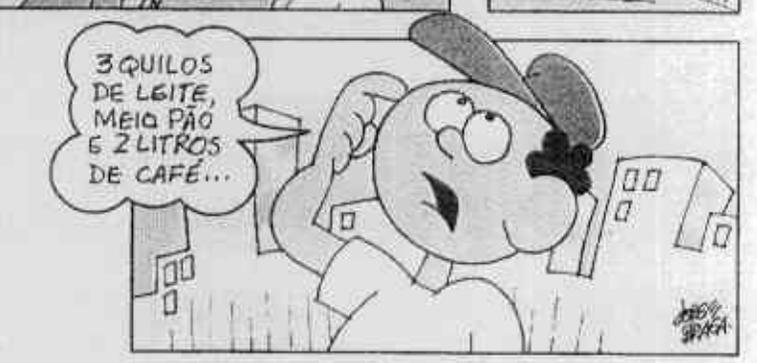
MOZÃO

Criação e Arte: Christine Queiroz



RO MÃO ZINHO

Criação e arte: Jorge Braga



ANEXO 5
Suplemento Almanaque
Edição 718

almanaque

DOMINGO, 9 de junho de 2002

www.opopular.com.br/almanaque

Almanaque
ESCOLA
www.opopular.com.br/almanaque/aulas

Quer namorar comigo?



VOCÊ ACHA QUE A GALERA SÓ PENSA EM FICAR? NANANINA! NAMORAR DIREITINHO, SERIO MESMO, TAMBÉM ROLA ENTRE A GAROTADA: 14 E 9

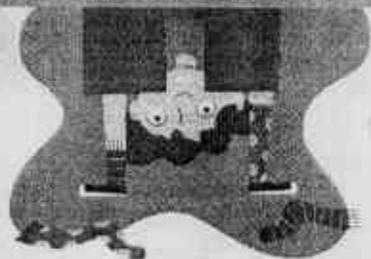


Essa é boa

Concurso

Escrevendo o Futuro - Você gosta de escrever? Faz 4ª ou 5ª série em alguma escola pública? Então, converse com seu professor e prepare uma reportagem, poesia ou texto de opinião para o concurso Escrevendo o Futuro. Olha os prêmios: computador, verba para comprar material escolar, coleção de livros e apoio financeiro para os estudos. Os professores também ficam na boa: ganham bolsas para cursos e computador. E a sua escola pode receber um computador e apoio para melhorar ou implantar uma biblioteca.

Inscrições: até 19 de julho
Endereço: Rua Dante Carraro, 68, Pinheiros, São Paulo - SP, Cep 05422-060
Informações: 0800 771-9310 ou www.cenpec.org.br ou www.itaub.com.br



Livro

O Mundo de Rep - Rep é um menino que, na verdade, se chama Renato Paulo. Só que ele tem mania de misturar tudo... até o próprio nome. Ele é capaz de criar bolas de sabão colondas e, para isso, colocar tinta guache na banheira! Já deu para perceber que Rep é cheio de ideias, né? Mas ele não usava esta criatividade para estudar e andava tirando notas ruins. Até que um dia descobriu que suas misturas também serviam para ajudar na escola.

Autor: Gilberto Dimenstein
Editora: Melhoramentos
Páginas: 32
Quanto custa: R\$ 9,90

Site

Menino Maluquinho - "Não saiam de casa sem antes falar comigo!" É assim que começa o site do Menino Maluquinho.

Se você acessar o link *profissão*, vai descobrir qual é a profissão comemorada no dia. No ícone *livro* há um túnel do tempo onde você pode ver o que aconteceu no passado.

O site também tem histórias em quadrinhos do Menino Maluquinho, piadas, frase bem legais e muitas reportagens!



Endereço:
www.meninomalquinho.com.br

Dica

Meu Diário - Sítio do Picapau Amarelo - Esse é um diário bem diferente. Personagens do sítio falam sobre vários assuntos a cada página: férias, frutas, monstros, bichos de estimação, música e, é claro, as asneiras que Emilia adora. Ao lado, você pode escrever sua opinião (ou desenhar) sobre cada assunto falado. Tudo bem colorido!

Meu Diário - Sítio do Picapau Amarelo
Editora: Globo
Preço: R\$ 14,90

Agito

10ª SBPC Jovem - A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência vai agitar Goiânia! Este evento vai reunir ciência e artes, com espaço para a galera que tem entre 7 e 20 anos. A garotada de 7 a 15 anos poderá curtir contadores de histórias, espetáculos de dança e coral, além de uma estação de ciência interativa e um planetário inflável.

Onde: Campus 2 da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás
Quando: 7 a 12 de julho de 2002
Inscrições: no site www.10jy.br ou através da sua escola.

Bancas

Revista Princesas Disney - Que tal aprender a fazer uma roupa de princesa com papel crepom? Além de trabalhos manuais, esta revista traz também histórias em quadrinhos com as personagens Aurora e Cinderela e dois papéis de carta para começar uma coleção.

Editora: Moving
Quanto custa: R\$ 4,50



Repórter
mirim

De onde vem o futebol?

O futebol é praticado no mundo inteiro. Prova disto é a Copa do Mundo: quase todos os países participam das competições que se realizam de quatro em quatro anos. Surgido na Inglaterra, lá pelo

ano de 1863, o futebol foi regulamentado com a criação da Football Association, considerada a primeira associação do gênero.

Uma versão ainda mais antiga sobre o surgimento do

futebol vem de Florença, cidade italiana. Lá recebia o nome de pallone (balão). Nesse esporte duas equipes, formadas por 27 jogadores cada, marcava um ponto toda vez que a bola conseguia

atravessar uma barricada de madeira protegida por três guardiães. O pallone deixou de existir no século 18.

Kauê Paulino Rodrigues
Repórter mirim nº 26.018/02-GO

Troca-troca

Quanto tempo um rio leva para renovar suas águas? Veja aí:

O quê	Tempo para a renovação
Rio	12 dias (da nascente à foz)
Atmosfera (vapor d'água)	sete dias
Oceano	três mil anos
Geleiras	oito mil anos

Marvin M. Vaz Fernandes
Repórter mirim nº 22.566/98-GO

Um beijinho doce

Os beija-flores vão de um lado a outro numa velocidade incrível. Com isso, gastam muita energia, então precisam se alimentar. Quando beijam as flores eles estão, na verdade, sugando o néctar, uma substância açucarada que é a sua refeição favorita.

Na primavera os beija-flores iniciam a reprodução. Para conquistar uma namorada, o macho exhibe sua plumagem colorida e brilhante, fazendo malabarismos. A fêmea constrói, com palha e paina, um ninho em forma de tigela. Então, ela põe seus ovos (geralmente dois) e cuida dos filhotes, alimentando-os com insetos e néctar.

Quer ver um beija-flor de pertinho? Veja esta dica:

- Misture de quatro a seis partes de água com uma de açúcar e coloque em garrafinhas.
- Coloque as garrafinhas com água açucarada no quintal ou no jardim da casa.
- Troque a mistura a cada dois dias. Assim, algum beija-flor passará a fazer parte de sua família.

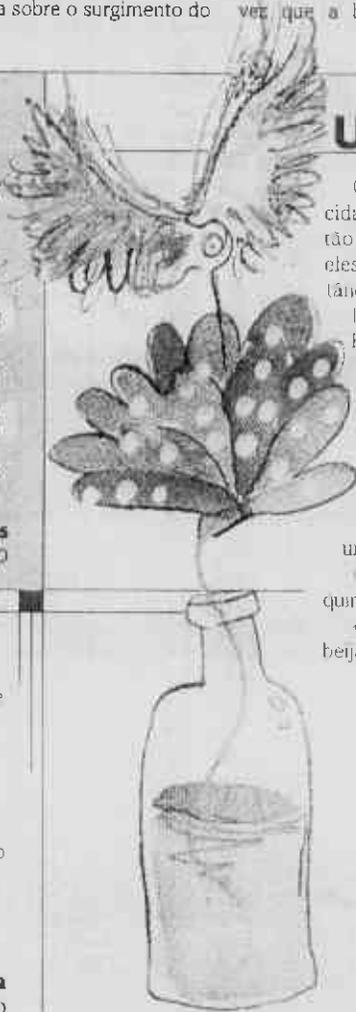
Débora F. dos Santos
Repórter mirim nº 25.958/01-GO

Um dia vai nascer

■ Algumas sementes são capazes de germinar depois de guardadas por muito tempo. A do trigo nasce até dezesseis anos depois de formada. Há também uma espécie de feijão que pode germinar mesmo após suas sementes serem guardadas por dois séculos. É mole?

■ O fermento do pão é feito de fungos que se multiplicam com grande rapidez. Eles se alimentam do amido que existe na farinha. Ao ser decomposto, o amido deixa gás carbônico como resíduo. Esse gás forma bolhas na massa, fazendo-a crescer e tornando-a leve e macia.

Bruna Godoi de Oliveira
Repórter mirim nº 25.415/01-GO



Não estrague a diversão! Brincar com bombinhas e foguetes é superperigoso. Se um deles explodir na sua mão ou perto dos seus olhos, pode causar queimaduras e cegueira.

ICAR? QUE NADA! HÁ QUEM PREFIRA NAMORAR SÉRIO, DIREITINHO -
PRESENTAR O NAMORADO AOS PAIS, FAZER TUDO JUNTO... QUER VER COMO É?

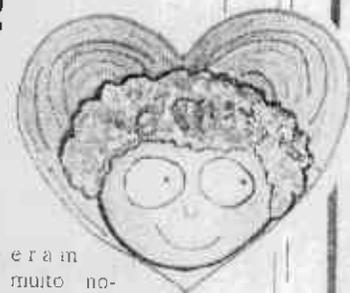
É sério! É namoro!

ELAINE FREITAS

Seus amigos estão por aí, curando, paquerando... E você? Sentado no sofá da casa da sua namorada. Parece um saco, é? Mas quem namora sério acha que vale a pena trocar uma diversão com os amigos por uma companhia ga-

rantida. É o que pensa Ralf de Castilho Suckow, de 14 anos. Há oito meses ele namora Alexandra Pereira de Castro, também de 14. E ainda quer namorá-la por muito, muito tempo!

Tudo começou quando os dois tinham 12 anos e eram superamigos. A amizade foi ficando cada vez mais colada. Até que ele disse que queria namorá-la. Pronto! Surgiu um novo casal. Mas como os dois



era in-
muito no-
vos, resolveram
não contar a novidade para
os pais. Depois, perceberam
que esconder não valia a pena.

Namotaram, brigaram, ficaram inimigos. Agora, estão juntos novamente. A mãe da menina já conhecia Ralf e aprovou o namoro na hora. Desta vez, tudo rola na maior clareza. "Prefiro não esconder nada. Minha mãe confia nele", conta Alexandra. Na escola, estão sempre juntos. Afinal, os dois estudam na mesma sala! "Até comecei a estudar mais, incentivado por ela", conta Ralf.

Isso sim, pode ser chamado de namoro sério. Mas, para a psicóloga Ângela Baiocchi, existem vários tipos de namoro certo: "Para alguns, pode ser a idéia de casar com a pessoa escolhida. Para outros, uma relação de fidelidade e respeito, mesmo sem a vontade de casar. Nesse caso, é muito legal, pois a menina aprende a ter responsabilidade." O duro é que há quem pense que namorar é ser dono do outro. Aí, a história fica perigosa.

Ralf e Alexandra assumem o namoro numa boa e fazem planos para o futuro



USE NISSO

...e ou não a pena namorar sozinho? Nossos entrevistados contam:

Desvantagens

"Tenho companhia garantida para shows e festas, fiquei mais responsável e mais sério. Também estou mais carinhoso."

Ralf

"Fiquei mais carinhosa e responsável em relação a ele. Também acho que morar em casa é mais legal. É bom ter apoio da família."

Alexandra

"Acho que é preciso namorar uns vinte dias para ver se vale a pena e depois apresentar o namorado para os pais."

Paula

vantagens

"A gente acaba se afastando um pouco dos amigos, mas procuramos todos juntos para não sumirmos de..."

Alexandra

"Meus amigos acham que estou deixando de conhecer outras garotas legais, mas não me importo com isso."

Ralf

"Conheço pessoas que não agüentam namorar por muito tempo, pois não gostam de ficar presas. Quando estamos namorando, temos de ter mão de outras garotas."

Hugo



...que é preciso ter para namorar sério, de acordo com Ralf e Alexandra?

- Confiança
- Simplicidade
- Amizade
- Carinho
- Amor
- Apoio dos pais



Amar é sempre bom

Quem namora sério fica preso em casa, com a namorada? Nada disso.

Ralf diz que, como tem amigos em comum com Alexandra, todo mundo passava junto e é uma diversão só. Alexandra não o impede de sair sozinho com os amigos - e ela também tira um tempinho para se divertir com as amigas. "Acho que, mesmo namorando, temos de curtir nossa vida. Só quero que ele me conte antes", afirma.

Os amigos de Ralf ficaram meio surpresos: nunca imaginaram que ele namoraria por tanto

tempo! Somando tudo, os dois namoram há mais de um ano e meio.

O casal adora namorar sério, mas acha que a maioria da galera de 13, 14 anos, não pensa do mesmo jeito. "As meninas querem namorar sério enquanto os meninos gostam de ficar com pessoas diferentes", conta Alexandra. A menina acha que é preciso ser responsável para namorar: "É horrível fazer cenas de ciúmes na frente dos outros ou ficar o tempo todo abraçando e beijando", critica. Com essa responsabilidade, a

dupla pretende ir longe.

Para a psicóloga Ângela Baiocchi, namorar sério na adolescência é responsabilidade, sim! E prepara o jovem para os relacionamentos da vida adulta. "Ser amado é sempre bom, em qualquer idade", defende. Ela também acha que a menina adora namorar, mas às vezes passa por uma fase de "querer dar um tempo". E os garotos, será que eles não gostam de namorar sério? "Na verdade, eles querem ficar com muitas meninas para descobrir mais coisas!", explica a psicóloga.

Nem sempre dá certo

Nem sempre o namoro sério dá certo ou acaba bem. Paula Machado Vieira e Hugo Leonardo Rocha Lima Spenciere, de 13 anos, sabem disso. Eles tentaram, mas não deu. Paula acha que ela errou na idade: começou a namorar Hugo aos 12 anos e, claro, sua mãe pensou que ainda não era hora. Agora que cresceu um pouco mais, Paula espera a pessoa certa para namorar. "Se eu encontrar alguém que valha a pena, vou apresentar aos meus pais", conta Hugo também pensa assim: "Quando gostar de alguém, vou querer namorar sério. Por enquanto, estou apenas conhecendo pessoas diferentes", conta Hugo. Ele acha que, para os garotos, é mais fácil convencer os pais. "Minha mãe me deixa namorar. Ela gostava de Paula e até queria ajudar. Isso namoro", lembra. Mesmo não dando certo, a dupla tem certeza de que é melhor encarar o namoro - sogros, cunhados e tudo mais - de frente. Mas, enquanto não pinta a pessoa certa, é melhor esperar e conhecer mais gente.

Um presente mágico

Chegou o niver da menina. No-ve anos inteirinhos!

— O que você quer ganhar, Ju? — perguntou vovó.

— Muita coisa, vó! Uma boneca mágica, uma bike voadora, um quadro de giz para dobrar até caber na sacolinha e uma máquina que só fotografa estrelas.

— Puxa, Ju, onde vou achar essas coisas lindas? — intrigou-se vovó.

— Nem sei, vó, mas gostaria!

Nesse momento, bateram na porta. Era um velhinho maltrapilho, descalço, com longas barbas brancas e um chapéu de ponta dos mais esquisitos.

— Aqui mora Ana Júlia? — perguntou.

— Sim, senhor. Quer falar com ela?

— Quero, sim. Tenho um presente, acho que vai gostar.

O velhinho carregava um saco recheado e sujo. Parecia não haver nada lá dentro. O estranho visitante entrou, sentou-se num banquinho e bebeu água enquanto esperava a aniversariante. E ela veio, pulando, feliz:

— Bom dia, o senhor tá bom? — perguntou, educada, a menina.

— Tudo jóia! Olhe dentro do saco, aí tem seu presente — foi a resposta.

Ju, ansiosa, pegou o farrapo de pano e procurou... Mas só havia papéis velhos. Por fim, surgiu um par de tamanco. Bonitinhos, de pontas viradas, branco com florzinhas.

— Calça, Ju! — pediu o visitante.

Ela colocou nos pés, ficou certinho.

— Que lindo! Obrigado, o senhor fica para o parabéns?

— Hoje não, depois volto — despediu-se ele, indo embora.

Ju mostrou o presente para o pai. Os tamanquinhos que havia ganho de um velhinho pedinte. Nessa, perceberam que havia um bilhete ali. E dizia:

"Ana Júlia. Esse tamanco é mági-

co. Quando calçá-los, feche os olhos, pisque três vezes. Logo chegará onde quiser."

Ana Júlia fez como o velho ensinou e desejou ver o mar. Num segundo estava cara-a-cara com ondas brancas de espuma num lindíssimo mar azul. Adorou! Depois quis ir à casa da tia Cida. Foi. Quis visitar a fazenda, o tamanco levou. Desejou ver a cidade do alto, conseguiu voar muito tempo, deslumbrada de estar nas alturas sem asas. Quis ir à China. Adorou ver tanta gente, plantas diferentes e palácios dourados. Resolveu voltar.

— Vovó, que delícia ter um tamanco que me leva onde quero.

— Tem razão Ju, maravilha pura! Gostaria de ter um também.

Ju era puro encantamento!

— Vovó, quero ir até a uma estrela bem brilhante.

Nesse instante o despertador cantou. Hora de ir à escola! Ju acordou radiante! Tivera um esplêndido sonho no dia de seu aniversário. Ficou pensativa: como um velhinho fraquinho e tão pobre teria esse presente maravilhoso? Contou o sonho para vovó enquanto se aprontava.

Vovó ouviu e disse:

— Viu, Ju, a aparência da pessoa nem sempre mostra o poder que ela tem. Quem imaginaria que um mendigo teria o maior presente de todos?

Ju ficou deslumbrada, meditando: como as pessoas são cheias de surpresas! Fazia 9 anos e

descobria as belezas da vida, a riqueza das pessoas.

Jamais esqueceria esse sonho de aniversário! E o que ele ensinara sobre as pessoas, sobre a vida. Vovó disse:

— Viu, Ju, as aparências enganam muitas vezes. Não é, menininha?



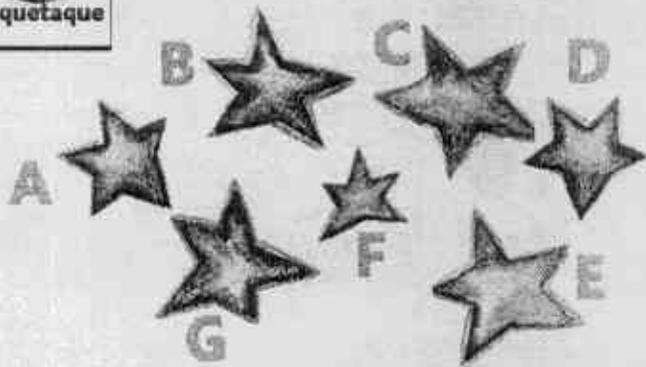
ERA UMA VEZ



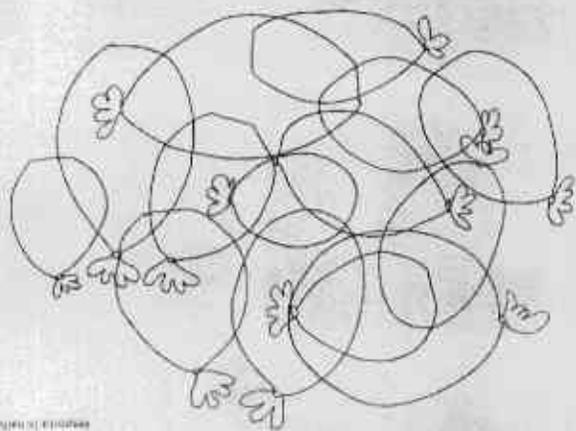
AUGUSTA FARI FLEURY



★ Ana Júlia viajou pelas estrelas.
Será que ela encontra duas iguazinhas?



A festa de Ana Júlia tem balões, claro! Quantos são?



O que Ana Júlia não vai servir na festa?



9

Dia do Porteiro
Dia do Tenista

12

Dia dos Namorados

13

Dia de Santo Antônio
Dia do Turismo



Troca tudo

"Tenho álbuns do KLB e do cantor Daniel. Troco por qualquer material da dupla Sandy & Júnior. Estou esperando! Entrem em contato, ok?"

Katrhuynne Karlla Rodrigues

Rua 3 n° 75 Vila Frões Criméia Leste
CEP 74655-260 Goiânia - GO

Trocar correspondência

"Se você procura um amigo verdadeiro, já encontrou! Tenho 14 anos. Espero cartas."

Carlos Henrique Sousa

Rua Couto Magalhães s/n°
CEP 77730-000
Pequizeiro - TO

"Pessoal que curte o Almanaque, quero ser amiga de todos!"

"Tenho 11 anos, gosto de conhecer pessoas, sou apaixonada pelo Harry Potter Meninas e meninas! espero suas cartinhas para sermos amigas!"

Fernanda do Carmo Rabelo

Rua 1-A n° 350 Setor Aeroporto
CEP 75650-000
Moinhos - GO

Almanaque responde

"Almanaque, sou sua fã de coração! Gosto demais do Cabeça Oca e quero muito ganhar um desenho dele para deixar a minha casa ainda mais alegre e bonita. O Intercâmbio Postal e muito legal e espero que continue assim sempre, curto muito! Espero ganhar o desenho. Um grande beijo!"

Jaqueline Adôrno Patriota

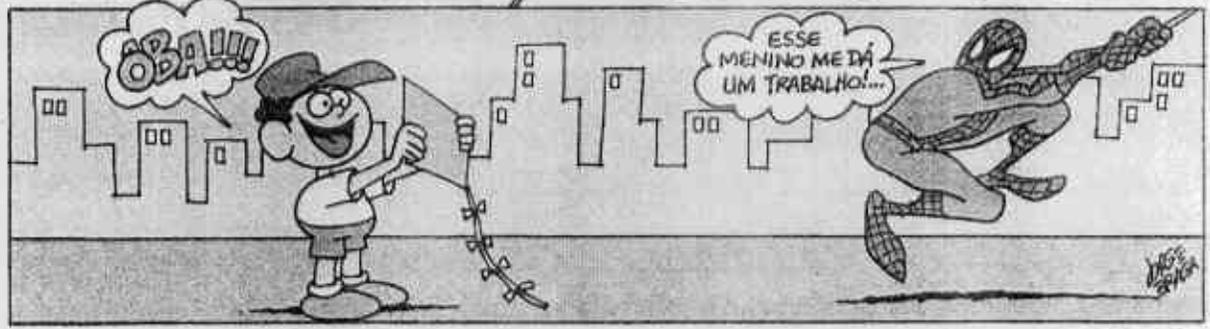
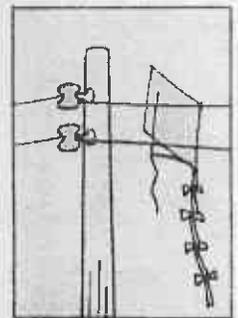
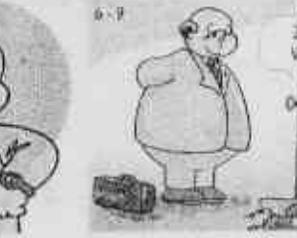
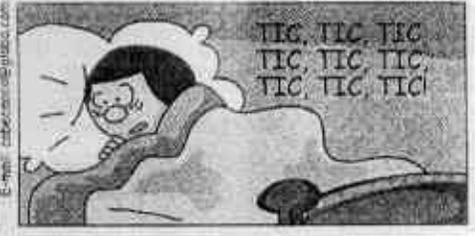
Rua C-72 Qd 147 Lt 18 n° 99 Setor Sudoeste
CEP 74303-110 Goiânia - GO

Legal, Jaqueline, você é fã mesmo! E faz de verdade e assim: participa, opina e acompanha as publicações do jeitinho que você está fazendo. A seção *Intercâmbio Postal*, por exemplo, é toda dos leitores - quem manda carta a vê publicada,

na certa. Só não dá para esquecer de citar a idade e o endereço completo. O Christine Queiroz manda aquele beijo e avisa que está pensando num jeito de atender ao seu pedido e a outros que chegam iguais ao seu. Um grande beijo!

O santo do coração

Falou em Santo Antônio, lembrou de casamento? Mas ele também é considerado o santo das causas difíceis e ainda responsador (ajuda a encontrar objetos perdidos). É vale tudo para conseguir uma graça! Há quem pendure o santo de cabeça para baixo, cozinhe-o no feijão e até tome a imagem do menino Jesus que ele carrega. A simpatia para descobrir a futura paixão é famosa, aí vai: corte alguns papeizinhos e escreva um nome em cada, dobre-os e coloque-os no sereno, na véspera do dia de Santo Antônio. O papelzinho que abrir é o do escolhido! Mesmo quem não acredita se diverte!



ANEXO 6
Suplemento Almanaque
Edição 719

almanaque

ENCORTE DO JORNAL O POPULAR / JORNAL DO TOCANTINS

DOMINGO, 16 de junho de 2002

www.opopular.com.br/almanaque

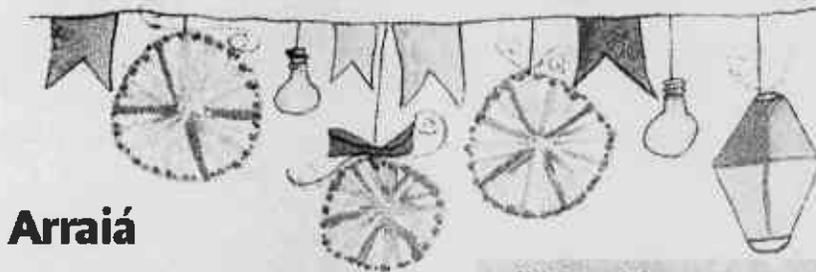
Quem tiram do espirango as margens plácidas de um para flores e verde



Almanaque
ESCOLA
www.opopular.com.br/almanaque/

Sem medo de errar o hino

Você engasga na hora de cantar o Hino Nacional? Palavras como florão, lábaro e impávido dão um nó na sua cabeça? É hora de entender direitinho nosso hino e soltar a voz com vontade! ¶ ¶ ¶ ¶



Arraiaí

Arraiaí da Rosa Mística - Prepare sua roupa caipira e a maquiagem. Ah, e não se esqueça da animação para brincar até dizer chega, uai! Essa festa tradicional tem quadrilhas, muitas brincadeiras - pescaria, touro mecânico, cama elástica, argola. Além de comidas e bebidas típicas.

Arraiaí da Rosa Mística
Onde: estacionamento do Goiânia Shopping, Rua T-10, Setor Bueno, Goiânia
Quando: de 20 a 23 de junho, às 20 horas
Ingresso: 1 real
Informações: (62) 285-5720



Vídeo

Dragonball Z - O Combate Final - Uma experiência científica faz voltar à vida o terrível Broly - o super sayajin que se tornou um assassino incontrolável. Goten, Trunks e Kurilin vão enfrentá-lo numa batalha trada!

Distribuição: Grupo Paris Filmes
Duração: 46 minutos



Livros

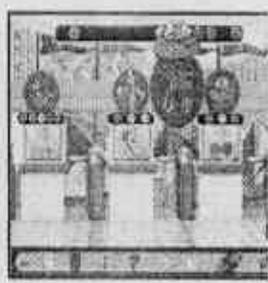
A Sétima Torre - A Queda - Você gosta de livros cheios de magia, como *Senhor dos Anéis* e *Harry Potter*? Então, vai curtir esta novidade: Tal é um menino que vive na escuridão, em um castelo. Apesar do escuro, vive normalmente até que seu pai desaparece e sua mãe fica doente - daí ele precisa encontrar uma Pedra do-Sol para que seus pais não sejam rebaixados para uma ordem inferior. Complicado? Que nada, o livro é fácil de ler e tem criaturas fantásticas, mestres e guerreiros.



A Sétima Torre - A Queda
Quem escreveu: Garth Nix
Editora: Nova Fronteira
Quanto custa: 22 reais

CD ROM

Matematrix 1 - Prepare-se para ir supermercado sem sair de casa! Afinal, lá você aprende muita coisa de matemática sem perceber. Por isso o Matematrix traz um cheio de atividades para a galera - comparação de preços, pagamentos e trocos estão nessa.



Quem fez: Objetivo Multinídia
Onde encontrar: Livrarias hipermercado
Quanto custa: 29 reais

Dica

Festa sem pengo - Festa junina é uma delícia. Mas já pensou se a sua diversão acabar em acidente? Para que a festa aconteça numa boa, a Defesa Civil e o Corpo de Bombeiros prepararam uma cartilha que fala tudo sobre bombinhas, foguetes e outros fogos.

Cartilha de Prevenção de Acidentes com Fogos
Quanto custa: grátis
Como pedir: sua professora deve ligar para (62) 526-1811

Teatro

Luas e Luas - É teatro, galera! E conta a história de uma princesinha doente, que quer a Lua de presente. Ela acha que é mole, mas nem o Conselheiro, nem o Matemático Real conseguem capturar o satélite, deixando a rainha em desespero! Mas, eis que surge um personagem especial, que resolve tudo com magia, diálogo e até a ajuda da platéia!



Luas e Luas
Onde: Zabriskie Teatro, Rua 148, nº 248, Setor Marista, Goiânia.
Quando: hoje, às 17 horas
Telefone: (62) 242-1542
Ingresso: inteira a R\$ 5,00; meia a R\$ 2,50

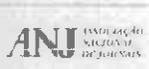


almanaque
 Criado por: Câmara & Irmãos S.A.
 Edição nº 719

Editora
 Valéria Belém
 (062) 250-1198 e 255-6022

Diagramação: Rogério Miranda e Juliana Santos
Ilustrações: Adriana Mendonça

Encarte dos jornais **GOPULAR** e **Jornal do Povo**



Repórter
mirim

Vamos pular!

Correr, pular, nadar, andar de bicicleta são ótimas maneiras de se divertir, você não acha? Além do mais, essas atividades fazem muito bem à saúde!

Quando se fala que para ter uma vida saudável é preciso se exercitar, não significa que somos obrigados a nos matricular em academias. Existem várias maneiras de agitar o corpo.

Criança sabe melhor do que ninguém como queimar energia se divertindo, mas tem gente que se esquece disso e passa dias e dias de frente para a TV,

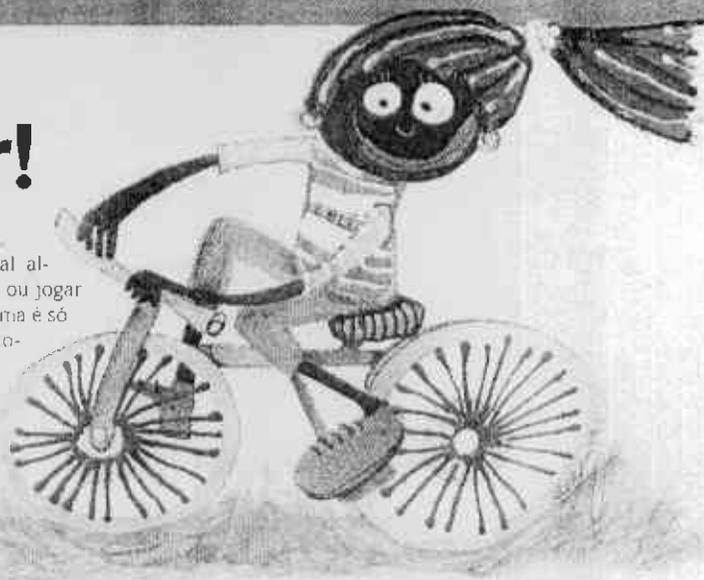
sem correr, sem suar.

Olha, não há mal algum em assistir TV ou jogar videogame. O problema é só fazer isso, o tempo todo! A atividade física é muito importante em qualquer idade. É por isso que a educação física faz parte do currículo escolar.

Os exercícios ativam a circulação e fortalecem os músculos. Se você não

puder praticar algum esporte, chame os amigos para brincar, correr, pular.

Breno Moreira Zanetti
Repórter mirim nº 24 686/99-GO



De olho na lata



Os alimentos que comemos devem ser bem escolhidos. É muito importante verificar a data de validade e comprá-los sempre em lugares confiáveis.

Algumas dicas para manter uma boa higiene alimentar são essas aí:

- Escolha alimentos fresquinhos, da hora.
- Lave muito bem os alimentos que são consumidos crus.
- Carnes devem ser bem cozidas, principalmente as de porco.
- Beba somente água filtrada ou fervida.
- Lave bem as mãos antes das refeições.

Anderson F. Rauber
Repórter mirim nº 26.027/02-GO

Escolha o seu papel

A invenção do papel foi decisiva para a evolução da escrita. Essa criação, datada do ano 105, é atribuída a um chinês.

A primeira fábrica de papel do mundo foi instalada em Valência, Espanha, por volta do século 12. A partir daí ele passou a ser fabricado em todo o continente europeu, espalhando-se pelo mundo.

Hoje, graças à tecnologia, podemos encontrar todo tipo de papel, desde o mais simples ao mais sofisticado. Com isso, temos ao nosso alcance livros, jornais e revistas de ótima qualidade. Vamos ler, pessoal!

Amanda Karla C. Rêgo
Repórter mirim nº 25 919/01-GO

O coco vai longe

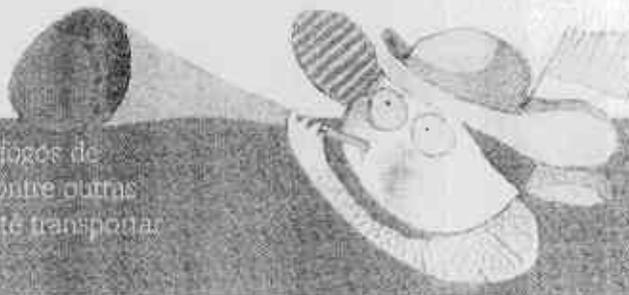
O coco veio da Indonésia e da Malásia. Mas os europeus tiveram contato com ele na África - acharam tão bom que o adotaram como fonte de alimento duradouro (já que ele contém água e polpa e pode se conservar por até três meses).

Você sabia que o coco bóia? Deve ser por isso que ele está espalhado no mundo viajando através dos mares.

Gustavo Corrêa Rêgo
Repórter mirim nº 25 917/01-GO

FESTA
SEM
PERIGO

Troque as bombinhas, os traques e os fogos de artifício por cometas, bandalhas e encontre outras formas de se divertir. Você sabia que até transportar esses materiais é muito perigoso?





VOCE SABE CANTAR O HINO NACIONAL INTEIRINHO, SEM ERRAR UMA SÓ PALAVRA? NÃO VALE COLARI NÃO SABE? FICA TRISTE, NÃO! MUITA GENTE GRANDE TAMBÉM SE ENROLA COM ELE. MAS É SEMPRE TEMPO DE APRENDER...

Hino na boca e no coraço

RITA ACIOLI (PESQUISA PEDAGÓGICA)

Vários jogadores da Seleção Brasileira também apanham na hora de cantar o hino. Não acredita? Fique ligado nos jogos e observe.

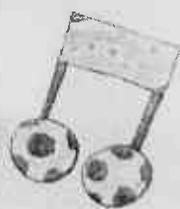
Tudo bem que o hino brasileiro é meio comprido e tem umas palavrinhas difíceis, mas nem por isso vale desanimar. Ele é um importante símbolo nacional e brasileiro que se preze não pode deixar a peteca cair!

A música do hino brasileiro foi criada, em 1831, por Francisco Manuel da Silva. A letra pintou em 1909, obra de Joaquim Osório Duque Estrada. Isso mesmo! A música já existia e foi tocada pela primeira vez em público no dia 7 de abril de 1831. Só em 22 de agosto de 1922 a terra foi declarada oficial.

Pesquisa sem preguiça

No pré já cantava o hino, mas sempre achei as palavras difíceis. Só sei cantar o teirinho quando acompanho a letra, por causa de palavras como braço, retumbante e outras.

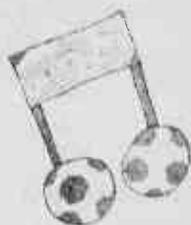
Sebastião Nogueira



Vamos cantar e entender

Para aprender, nada melhor que exercitar... Ahah! Prepare as cordas vocais e mande ver. Você também vai entender melhor o hino depois de conferir o que algumas palavras significam.

calmas, serenos	Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o braço retumbante, e o Sol da liberdade, em raios fulgidos, brilhou no céu do Pátria nesse instante.	que não tem pavor	Gigante pela própria natureza, és belo, és forte, impávido colosso, e o teu futuro espelha essa grande Terra adorada. Entre outras és tu, Brasil, ó Pátria amada!
barulhento	Se o <u>penhor</u> dessa igualdade conseguimos conquistar com braço forte, em teu seio, ó liberdade, desafia o nosso peito a própria morte!		Dos filhos deste solo és mãe Pátria amada, Brasil!
brilhantes			Deitado eternamente em berço ao som do mar e à luz do céu <u>fulgurante</u> , ó Brasil, florão do iluminado ao sol do Novo M
garantia	Ó Pátria amada, <u>idolatrada</u> , salve! salve!		Do que a terra mais garrida, teus risonhos, lindos campos têm mais flores: "nossos bosques têm mais vida", "nossa vida" no teu seio "ma
adorada			
vivo, ardente	Brasil, um sonho intenso, um raio vívido de amor e de esperança à terra desce, se em teu formoso céu, risonho e límpido, à imagem do cruzado resplandece.	brilhas	alegre, vistosa
transparente, claro			decepciona, hor. que



oração

er!

algo gigantesco, imenso

ca,
grosso,
grandeza
mil,
!

gentil,

co esplêndido,
u profundo,
América,
undo!

la",
s amores"

o bonita em forma de
fica no centro de algo

Ó Pátria amada,
idolatrada,
salve! salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
o lâbaro que ostentas estrelado,
e diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado

bandeira

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
verás que um filho teu não foge à luta,
nem teme, quem te adora,
a própria morte.
Terra adorada, entre outras mil,
és tu, Brasil, ó Pátria amada!

pedaço de
paí pesado

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada, Brasil!



As margens de um córrego

WOLNEY UNES

Por que a gente não entende com a facilidade toda a letra do *Hino Nacional*? É que existem várias maneiras de dizer a mesma coisa. Pode ser de uma forma direta e simples ou de um jeito mais elegante. Tem gente que prefere dar voltinhas. Pois os poetas gostam de falar as coisas de um jeito diferente.

Com nosso hino acontece exatamente isso. Quem escreveu sua letra foi um poeta, que quis falar do Brasil de um jeito, bem elegante e solene. Por exemplo, logo no início do hino, o autor quis dizer que o grito de d. Pedro I, que marcou a independência

do Brasil, foi testemunhado pelas margens do córrego Ipiranga. Tinha um monte de gente lá, mas o poeta achou interessante falar das margens calmas do córrego.

Além disso, essa poesia foi escrita há muito tempo, mais de duzentos anos. De lá para cá, algumas palavras não são tão usadas, por isso tem gente que nem as conhece mais. É o caso de penhor e lâbaro, por exemplo. Hoje a gente dita segurança e bandeira mesmo.

Muitas coisas que são bonitas a gente precisa se esforçar para descobrir. E com a poesia acontece isso: quanto mais a conhecemos, mais descobrimos sua beleza.

Você se engasga para cantar o Hino Nacional?

"Tem hora que engasga na segunda parte, mas não acho complicado. É questão de aprender mesmo."

Caique Crahn, 12 anos

Aprendi a cantar o hino quando tinha 4 anos. Hoje não engasgo mais porque aprendi cedo.

Zahar Mohamad



Ana Beatriz Peres, 11 anos

Livro

Compreendendo os Hinos Brasileiros - Você acha difícil cantar alguns hinos do Brasil? E entender o significado das palavras difíceis? Quer saber tudo sobre os autores do hino e outras curiosidades? Está tudo explicadinho neste livro

Compreendendo os Hinos Brasileiros

Wayne Tobelem dos Santos

Editora: Vozes

Preço: R\$ 12,00

Caipira dança cançã?

CANÇÃ, DANÇA COUNTRY, ITALIANA E DE VÁRIOS OUTROS PAÍSES. DE UNS ANOS PARA CÁ, MUITAS ESCOLAS APOSTAM NESSAS NOVIDADES PARA INCREMENTAR A FESTA JUNINA.

RITA ACIOLI
PESQUISA PEDAGÓGICA

Junho tem festa para comemorar Santo Antônio, São João e São Pedro. Clubes, escolas e ruas ficam coloridas com bandeirolas e lotadas com barraquinhas que divertem e atizam a gula.

Atenção! A quadrilha vai começar! Todo mundo espera a sanfona, o triângulo e a zabumba entrarem em ação.

Bagunçaram a festa

O escritor e folclorista Bariani Ortêncio não gosta nadinha do que vê nos arraiais modernos. Ele explica: "É preciso manter a tradição das festas juninas. Hoje, as músicas são diferentes, a caracterização dos personagens não é a mesma. Até ridicularizam o homem do campo que nos sustenta! Tem muita influência americana. Músicas axé e country tomaram conta das nossas festas juninas".

Já a pedagoga Eliana Graziani pensa de outra forma. Ela acredita que "a festa

De repente, um som mecânico torna conta do pedaço. Lá vem música country! A quadrilha entra e, em vez de vestido caipira, as meninas usam calça jeans, cinto com medalhão, blusa com franja e botas de cowboy. Os meninos também vestem camisas e calças no estilo country.

Pois é. As festas juninas já não são mais as mesmas. Onde estão a fogueira, o mastro e as quadrilhas caipiras tradicionais?

junina também é momento de se mostrar a cultura de outros países". No Colégio Ávila, onde trabalha, mais de dez tipos de dança são apresentadas no dia da festa. Faz coro com ela a professora do Colégio Santa Clara Mônica Pureza: "A quadrilha veio da França assim como outras danças. O folclore brasileiro é uma mistura e a gente pega um pouquinho de cada país para a nossa festa junina, sem esquecer o lado caipira".

E você, de que lado fica?

Quadrilha bem brasileira

A quadrilha teve origem nos salões franceses, lá pelo século 18. A corte portuguesa a trouxe para o Brasil - no início, ela era uma dança de abertura nos grandes bailes nobres. Com o passar do tempo, deixou os salões e foi para o

meio do povo, que

modificou as evoluções e músicas. Foi justamente a população rural brasileira quem mais curtiu a novidade e adaptou os passos da quadrilha. Alguns nasceram inspirados no dia-a-dia da vida do campo: olha a cobra! Caminho da roça!



FESTA JUNINA DEVE TER OUTRAS DANÇAS ALÉM DE QUADRILHA E FORRÓ?

NÃO!

"Não gosto de outras danças, porque não tem nada da nossa cultura. A quadrilha tradicional é muito mais divertida e gostosa de dançar".



Arthur Melo, 11 anos

"Gosto mais da quadrilha tradicional porque ela faz parte do nosso folclore. É mais divertida e tem tudo a ver com o nosso País".



Nathália Moreira, 11 anos

SIM!

"Prefiro danças diferentes da quadrilha tradicional, pois assim conhecemos a cultura de outros países. As tradicionais são repetitivas e enjoativas".



Danne Hellen Oliveira, 11 anos

"Prefiro outros tipos de danças, como a country, que tem umas roupas legais. A quadrilha tradicional não tem mais graça".



Camila Palma, 10 anos



Você faz

Jogo do caipira

EHÊ! TREM BÃO, SÔ! FESTA JUNINA É UMA FESTA SÔ! FOGUEIRA, PIPOCA, QUADRILHA, QUENTÃO... E MUITAS BRINCADEIRAS. O QUE CÊ TÁ ESPERANDO PRA COMEÇÁ A BRINCÁ TAMBÉM?

ELIANE VARASCHINI

A dica de hoje é barata e divertida: um boneco caipira feito de sucata.

Material

- Caixa de sapato
- Papel crepom ou restos de lã
- Cartolina branca

- Canetinhas coloridas
- Cola e tesoura
- Bolinha de pingue-pongue
- Chapéu de palha

Hora de fazer

■ Escolha um dos dois personagens e vários lã!

■ Recorte na cartolina um círculo de tamanho suficiente para tampar o fundo da caixa (que será a frente do brinquedo), desenhe nele o rosto do caipira. Não é preciso desenhar o nariz, só marque o lugar dele. Faça o cabelo com papel crepom ou com lã e cole na cabeça (foto 1).

■ No lugar onde seria o nariz, recorte um

buraco grande o suficiente para a bolinha de pingue-pongue entrar com folga. Agora, cole o rosto no fundo da caixa (foto 2).

■ Recorte o buraco do nariz na caixa também. Divida ao meio o chapéu e cole-o no alto da caixa.

■ Termine fazendo os detalhes. No caipira não pode faltar o bigode e o lenço xadrez no pescoço. A

caipirinha leva a farda com laçolés nas mangas ou florão no chapéu.

■ Brincar é tão fácil quanto fazer!

■ Pendure a caixa decorada e marque o lugar de onde cada um deve arremessar a bola de pingue-pongue. Cada jogador tem seis chances para acertar o buraco do nariz. Entrou, é ponto. Ganha quem fizer mais!



Foto: Zuhair Anjumad



Datas da semana

18

Dia do Quirico

20

Dia do Revendedor

21

Dia da Mícia



22

Dia do Orquídeio

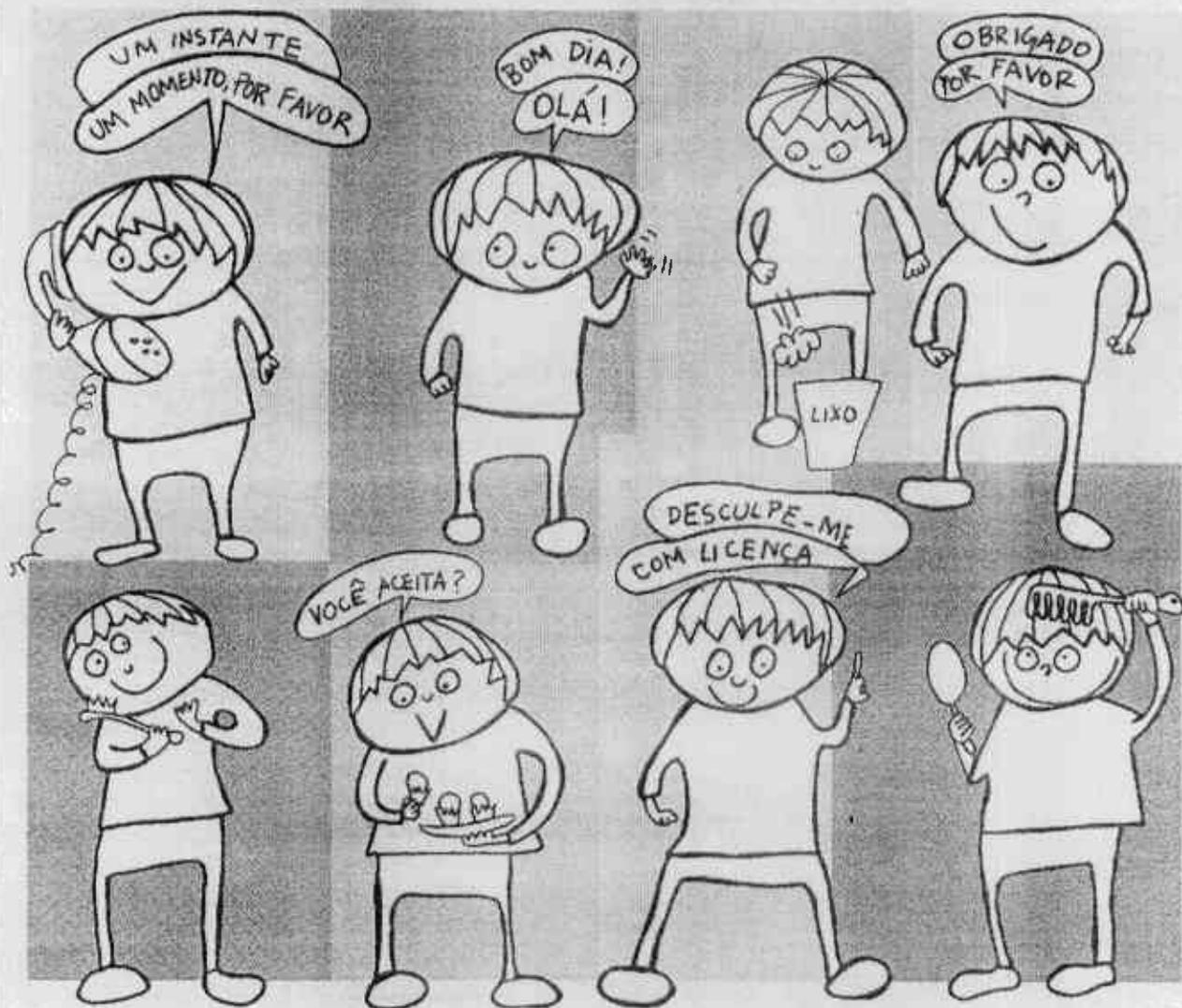


ANEXO 7
Suplemento Almanaque
Edição 720

almanaque

DOMINGO, 23 de junho de 2002

www.opopular.com.br/almanaque



Você é educado?

Algumas palavrinhas mágicas ajudam a viver bem!

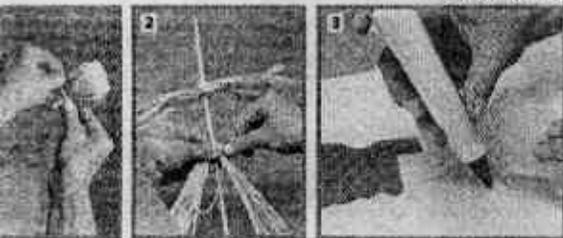
E você? Faz parte da turma que é
bem-vinda em qualquer lugar ou tem fama
de mal-educado? [4 e 5



**STITCH
NAS TELAS**

Um ser esquisito e muito danadinho invade os cinemas no próximo fim de semana. [7

Zuhair Mohamad



spantalho na festa



ELIANE VARASCHINI

Um espantalho divertido vai para o arraial. O melhor de tudo você ainda não sabe. é baratinho e fácil de fazer.

Material

- Palhas de milho secas
- Barbante
- Cola e tesoura
- TNT ou juta
- Espetinho de madeira

Hora de fazer

- Com algumas palhas forme uma bola que será a cabeça do espantalho. Prenda-a na ponta do espeto usando o barbante (foto 1)
- Desfie palhas para usar como braços e

- pernas. Amarre um feixe delas na parte superior do espetinho formando os dois braços. Com dois outros feixes faça as pernas, prendendo-os em V. Use o barbante para amarrar tudo (foto 2).
- Recorte a roupa do espantalho no

- material escolhido e use cola para unir as partes (foto 3)
- Desenhe o rosto do espantalho, vista a roupa e coloque um chapéu. Pronto! Invente outros detalhes e saia por aí enfeitando tudo.



Trocar Correspondência

"Oi, amiguinhos! Tenho 9 anos e gostaria de conhecer vocês que têm entre 9 e 12 anos. Escrevam!"

Andressa M. de Castro Lobo
Rua C-165 nº 542 Apto. 101
Jardim América
CEP 74275-170 Goiânia - GO

"Se você quer ter um novo amigo, aqui estou. Tenho 14 anos e já espero a sua carta."

Moisés Santana
Rua N-1 Qd. 2 Lt. 6 nº 43
Setor Novo Horizonte



CEP 77413-110
Gurupi - TO

"Tenho 13 anos e gostaria de fazer novas amizades. Vamos nos corresponder?"

Suzy de A. Santos
Rua D Qd. 14 Lt. 7 nº 2302
Vila Íris - CEP 77413-470
Gurupi - TO

"Pessoal, vamos trocar correspondências? Tenho 14 anos e

só estou esperando a sua carta chegar para responder, bem rapidinho."

Denise de Carvalho
Av. Paraíba nº 1080 Centro
CEP 77410-060 Gurupi - TO

"Garotos e garotas, vamos ser amigos? Escrevam para mim. Tenho 13 anos."

Fátima M. de Oliveira
Rua N-1 Qd. 2 - Lt. 6 nº 43
Setor Novo Horizonte
CEP 77413-110
Gurupi - TO

Repórter
mirim

Receita de vida feliz

A família é a base de tudo. Ela nos ajuda a crescer. É claro que nem todas são iguais, mas sempre deve haver união, diálogo, compreensão, respeito e muito amor. Pais e filhos precisam viver em perfeita harmonia e colaborar para a felicidade e a união da família.

Na família todos têm seus direitos e deveres. De que maneira você está colaborando para que eles sejam respeitados? Pense nisso!

José do Carmo de F. Pereira
Repórter mirim nº 25 479/01-GO

Os bichos sem-teto

O desmatamento é um dos assuntos mais sérios dos dias de hoje. Quem desmata não tem consciência do mal que causa à natureza e ao mundo.

Um grande exemplo a seguir é o de algumas empresas que usam madeira como matéria-prima e fazem o replantio das árvores que derrubam. Só tem um probleminha: as árvores são replantadas mas os animais que vivem nas florestas desmatadas ficam sem habitat. Para onde eles vão? Para muitos lugares impróprios. Uns correm para as cidades, outros ficam perdidos e a maioria morre.

Viu no que dá desmatar? Caso sério!

Yuri Lopes da Rocha
Repórter mirim nº 25 431/01-GO

Mestre cuquinha

Com estas dicas você pode ajudar a mamãe na cozinha:

■ Tem sal demais na comida? Não esquenta! Basta pingar algumas gotinhas de limão e deixar ferver mais um pouco. Outra dica é colocar alguns pedaços de batatinha e cozinhar um tempinho. O excesso de sal passará para a batata.

■ Folhas como alface, couve, brócolis e outras exigem muita limpeza mais cuidadosa para evitar que bichinhos desagradáveis façam parte de sua refeição. Para isso, depois de lavar bem as folhas, mergulhe-as por alguns minutos em água salgada ou com vinagre. Isso faz com que qualquer inseto seja rapidamente eliminado.



Laura Rodrigues
Repórter mirim nº 23.524/98-GO

O gênio por trás do celular

Quem será que inventou o celular?

Vou explicar: em 1973, o americano Martin Cooper levantou uma caixa desajeitada de fios, circuitos e baterias até o ouvido e fez a primeira chamada particular de um telefone de mão. Ele é reconhecido como o pai do celular e continua pesquisando novas tecnologias para melhorar a comunicação. E como tem melhorado!

Você já percebeu que os celulares estão cada vez menores e mais leves?

Murilo Moreira Zanetti
Repórter mirim
nº 24.687/99-GO



Gaieira bem informada sabe que o melhor é ficar bem longe de bombinhas e fogos de artifício. A brincadeira pode acabar mal! Mas se você vir alguém que se queimou com fogos, o certo é lavar o ferimento com água corrente ou gelada e depois não colocar nada sobre a pele. Cubra apenas com um pano limpo e procure um médico.

FESTA
SEM
PERIGO



Arroto, não!

TEM COISA PIOR QUE OUVIR UM ARROTO, VER ALGUÉM COM O DEDO NO NARIZ OU SER OFENDIDO E NÃO OUVIR UM "DESCULPE"? EDUCAÇÃO É TUDO QUANDO O ASSUNTO É CONVIVER.

ELAINE FREITAS

Deptamento pessoal". Bárbara Venâncio Gouveia, de 12 anos, pendurou essa mensagem na porta de seu quarto - para todo mundo ver e perceber que ela não aceita ter sua privacidade invadida. A menina pensa assim: cada um tem seu espaço. Porta de quarto fechada, para ela, é sinal de que toc-toc é essencial!

Bárbara não levanta apenas a bandeira da privacidade. Ela também acha que cada pessoa tem seu jeito de ser e isso deve ser respeitado. "Tenho muitos amigos e respeito a todos", conta. Para a menina, o certo é aprender a ter educação em casa e na escola.

Não atrapalhar a vizinhança, cumprimentar as pessoas, deixar a visita escolher a brincadeira e o programa de TV, usar as palavras mágicas por favor, obrigado, desculpe e com licença. Tudo isso, mais do que boas maneiras, são princípios básicos de educação que Bárbara, Lúcio Felipe Ribeiro, de 11 anos, e Nathália Sarah Costa Louly, de 12 anos, adoram seguir. E acham feio, horrível mesmo, quando alguém parte para a grosseria.

Lígia Marques, professora de etiqueta em São Paulo, diz que etiqueta e boas maneiras são sinônimos. "Significam um conjunto de regras criado pela sociedade para tornar o convívio entre as pessoas mais agradável!". Lígia garante: etiqueta não tem nada a ver com frescura. É uma questão de educação!



Sebastião Nogueira



Tud

Sebastião Nogueira

exemplos", re
Nathália na
casa. Deixar m
tratar a todos.
Bárbara nã
para por si m

faça bonito

Ninguém perde por ser educado. Aliás, ganha muitos elogios! Fique de olho nas dicas:



Conserve a casa e a mobília - nada de pés na parede ou despencar no sofá



Evite fazer bagunça em casa

Fale certo ao telefone: "Um momento, por favor" é a frase exata antes de chamar alguém.



Bata na porta do quarto das pessoas antes de entrar.



Almorce e jante com a televisão desligada. Não fale de boca cheia!

Na internet, tome cuidado para não contar a ninguém seu endereço, telefone ou outros dados particulares.



Sai fora, mal-educado!

Barbara já teve problemas com um certo vizinho: ele descontava tudo que sentia nos outros. "Mandava a gente calar a boca, não podia falar, só brigava." E uma coleguinha? Ela queria ser mal-educada até com os professores: "Presenciei brigas feias, pois ela se acha a melhor que todos", lembra Bárbara. Já você, nunca conheceu alguém assim? Lúcio lembra de uma menina que só faz grosseria, vive de mau humor e se intromete até com os amigos do irmão, dizendo que é a dona de tudo", conta.

Histórias de gente mal-educada não faltam. Tem a da filha de síndico que se considera síndica também e quer mandar em tudo e todos. E a do menino que acusou a empregada de desaparecer com um objeto da casa e, quando descobriu que ela não era culpada, nem pediu desculpa porque ela era "a empregada". Lúcio fica indignado só de lembrar.

Nathália acha gente falsa muito mal-educada. E conta: "Conheci uma menina que era um anjinho na frente dos adultos, mas quando estava só com a gente, sai de baixo".

Começa em casa

Uma das primeiras coisas que aprendi foram as palavrinhas mágicas, que uso sempre", diz Lúcio.

A professora de etiqueta Ligia Marques diz que é assim mesmo que deve ser: os pais precisam ensinar as crianças da boa educação às crianças o mais cedo possível. "Mas não dá para mandar fazer e não dar o exemplo", explica.

"Ajudo a nossa empregada em casa a arrumar o quarto", explica. "Devemos ensinar a ela a educação."

"Ela faz o direito a sua parte. Mas ela não sabe que é preciso incentivar os outros a fazer a mesma educação. Um dia desses, uma colega de escola jogou um papel no chão. Bárbara deu um toque, mostrando as lixeiras da sala de aula.

Lúcio também fala para seus vizinhos não jogarem boia no portão e outras coisas do tipo. Às vezes eles escutam. Outras, não. Mas ele não desanima!

O que aconteceria se todos aprendessem, desde cedo, a ter educação? "Tudo seria melhor", falam, quase juntos, Lúcio, Bárbara e Nathália. Até a violência diminuiria, arrisca a galera. E todos acham que os pais devem dar o exemplo.



Simone Maia



Trate as visitas com educação, inclusive seus amigos: deixe que eles escolham as brincadeiras e sirva um lanchinho.



Use as palavrinhas mágicas.

por favor, obrigado, com licença e desculpe-me.



Cumprimente professores, diretores e funcionários da sua escola.



É bom ser um pouco vaidoso. Use roupas e tênis limpos (e sem chulé), penteie o seu cabelo.



Prenda o copo quando estiver comendo. Não jogue lixo nas ruas, economize água e energia, proteja as árvores. Cuidar do meio ambiente também é uma forma de ser educado!



Cuide bem da boca: dentes limpinhos e hálito bom são superimportantes!



Não jogue lixo nas ruas, economize água e energia, proteja as árvores. Cuidar do meio ambiente também é uma forma de ser educado!

LIVROS

Não Fale de Boca Cheia

Com várias ilustrações, você vai conhecer a melhor maneira de organizar a bagunça em casa, falar ao telefone, conviver com os irmãos, cumprimentar os outros, cuidar do material escolar. São muitas dicas, mas você vai ver que não são nada difíceis de fazer!



Não Fale de Boca Cheia - e Outras Dicas de Etiqueta para Crianças

Editora: Mundo Cristão Kids

Autoras: Suzana Doblinski e Albertina Costa Ruiz

Preço: 20 reais

Eu & os Outros e Meu Coração Perguntou I e II

Pensamentos de sabedoria, histórias superlegais e muitas, muitas dicas para melhorar sua relação com os outros e viver num mundo mais feliz. No fim dos livros a descoberta: para estar bem com os outros é preciso estar numa boa consigo mesmo.

Eu & os Outros - Melhorando as Relações

Editora: Ática

Autoras: Lilliana Jacocca e Michele Jacocca

Preço: R\$ 14,90



Meu Coração Perguntou I e II

Editora: Vozes

Autora: Selma Said

Preço: R\$ 22,00 cada

Tem ET na Terra!

A mensagem apareceu de repente, nas telas de televisão, visores de celular e monitores de computador:

"Não errem novamente!"

A confusão estava armada! Presidentes de países se reuniram, sem entender o que acontecia. Quem poderia invadir todos os meios de comunicação dessa forma? E o que aquela mensagem queria dizer?

- É uma ameaça, uma declaração de guerra disfarçada! - defendeu o presidente dos Estados Urtigas, país que adorava uma guerrinha.

- Sei não... - ponderou o recém-eleito presidente do Tinhoso Leste, fã da paz - Acho mais fácil ser um aviso, para nos prevenirmos.

- Mas, do quê? - todos se perguntavam, confusos.

A pergunta rolava na boca e na cabeça de todos.

Dado também queria entender o que acontecia. Mas seus dez anos não facilitavam na hora de conversar com os adultos. Cansa-

do de não ter respostas, o menino resolveu perguntar aos bichos e plantas da matinha se eles sabiam do que se tratava.

- Você quer saber a verdade? - perguntou o lobo.

- Claro! - afirmou Dado.

Uma incrível transformação aconteceu. As orelhas do lobo desapareceram, as quatro patas encolheram e o pêlo sumiu. De repente, um outro ser surgiu na frente de Dado. Parecia homem, parecia bicho, mas não era nem uma coisa nem outra.

- Me acuda, Nossa Senhora! - Dado sentia as pernas moles.

- Ei, garoto, fica triel! Sou um Denosiano, do planeta Deno. Estou em missão na Terra como outros que vieram para ajudar vocês e impedir o pior.

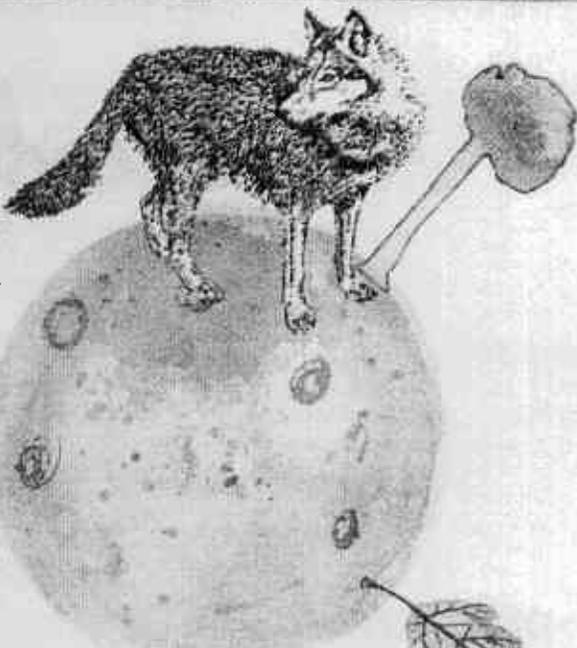
- Pior que ser invadido por ETs? - duvidou Dado.

- Senta aí e respira fundo, porque vou contar uma história meio comprida e até difícil de acreditar, mas que é pura verdade! - falou o ET.

Sentado, Dado escutou o denosiano:

- Denosianos e terráqueos são de um mesmo planeta de origem. Vivíamos todos em Marte, que tinha água, plantas, animais e muita riqueza. Mas começamos a tirar mais da terra do que ela tinha para dar, estragamos tudo e ainda guerreamos entre nós.

- o ET enxugou uma lágrima e continuou - Depois que tudo em Marte ficou seco, vimos o grande erro cometido e decidimos começar novamente, em outro lugar. Alguns de nós foram para Deno e outros vieram para cá. Nossos corpos se adaptaram à nova realidade nos planetas colonizados, por isso sou diferente de você.



Dado nem piscava, de boca aberta. O denosiano continuou:

- Agora vimos que vocês começaram a repetir os mesmos erros do passado e, como somos uma raça umã, viemos avisar do perigo. Mas parece que nossa mensagem não foi clara. Muitos estão confusos.

- É que o homem nem sempre enxerga o que está bem na frente do seu nariz - conseguiu falar Dado - Mas, agora que sei de tudo, vou explicar para todos!

- Que bom! - festejou o ET - Mas, para que ninguém duvide da sua palavra, vou deixar com você um livro de história: 'Marciana'. Quem o abrir assistirá, como se estivesse presente, todo o drama do passado. Você agora é nosso porta-voz!

- Pode confiar em mim! - concordou Dado.

Dado foi embora com o livro debaixo do braço e uma missão pela frente: explicar a mensagem dos denosianos e convencer a todos de que só unidos poderiam evitar a morte da Terra. Tarefa difícil, mas não impossível!



ERA UMA VEZ



VALÉRIA SELEN





Essa é boa



Cinema

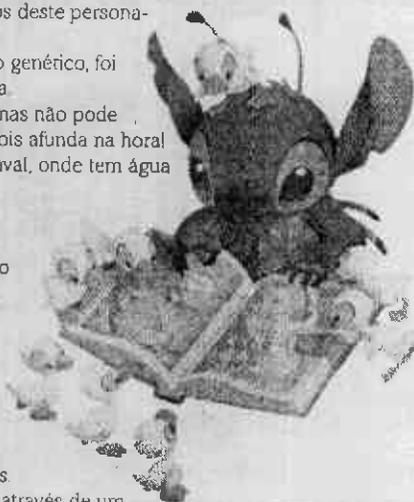
Lilo & Stitch - Já pensou se um alienígena feioso fosse parar na sua casa? Lilo, uma garota havaiana de 5 anos, recebe essa visita maluca! A menina, que tem complexo de ninguém-me-ama-ninguém-me-quer e resolve adotar o bichinho. Mas ela nem desconfia que Stitch é um fora-da-lei procurado pela polícia em seu planeta de origem!

Lilo & Stitch
Quem produziu:
Estúdios Disney
Estreia: 26 de junho

O que é que Stitch tem?

Veja os detalhes exóticos deste personagem:

- Ele é um experimento genérico, foi criado por um cientista.
- É resistente ao fogo, mas não pode nem entrar na água, pois afunda na hora! E vai parar logo no Havaí, onde tem água até dizer chega...
- É a prova de balas.
- Possui uma visão apuradíssima e audição também. Entende milhares de idiomas. Tem grande capacidade de usar o cérebro.
- Tem estilo de vida noturno e vive, de preferência, em árvores.
- Emite ondas de rádio através de um par de antenas que existe em sua cabeça.



Mostra Multicultural Milton Santos

Quando: Grupo Laheto (quadrilha com perna de pau) - dia 26, às 21 horas.
Show de Catira - dia 26, às 21 horas.
Grupo Gwaya - dia 27, às 10 horas.
Local: Praça Universitária (ao lado do prédio do curso de Medicina).
Entrada: Franca.
Informações: (62) 202-1280



Arraial

I Grande Arraial de Goiânia - Shows, Concurso Nacional de Contadores de Histórias, Concurso de Quadrilhas, Festival de Catira. Tudo isso vai acontecer no Grande Arraial de Goiânia, na Estação Cultural. E não pára aí! Tem pau-de-sebo, peacaria, nega-maluca, comidas típicas, barraca de promessas e simpatias.

I Grande Arraial de Goiânia
Quando: de 27 a 30 de junho
Onde: Estação Cultural (Antiga Estação Ferroviária)
Horário: a partir das 18 horas
Preço: não paga para entrar. Os jogos e comidas têm vários preços.

Dica

Mostra Multicultural Milton Santos - Mostra cultural é coisa de adulto? Ih, você está por fora, hein? Tem evento para a garotada também! Essa mostra será realizada entre os dias 24 e 27 de junho e traz atividades legais para a galernha: apresentação do grupo Laheto, que é uma quadrilha com perna-de-pau (para morrer de rir), show de catira feminina com meninas entre 8 e 19 anos (para se emocionar) e apresentação do Grupo Gwaya de contadores de histórias (para viajar sem sair do lugar).

A fogueira de São João

São João é o santo mais festejado do País. Conta-se que, quando ele nasceu, sua mãe, Isabel, acendeu uma fogueira e mandou erguer um mastro para avisar Maria (mãe de Jesus) da novidade, pois haviam combinado assim. Hoje, o auge da festa é exatamente o momento de pular a fogueira e fazer um pedido em cada salto, esperando que o santo escute.

Simpatia? São João também tem. Em meio copo de água coloque uma clara de ovo, cubra com um lenço branco e sobre ele coloque uma tesoura aberta em forma de cruz e um terço bento. Depois da meia-noite você terá o resultado. Veja a imagem que a clara formou: se aparecer um avião, por exemplo, é sinal de viagem, se for uma igreja, lá vem casamento!



Datas da semana

24

Dia do Caboclin
Dia de São João

26

Dia do Combate às Drogas

29

Dia do Papa
Dia do Pescador
Dia da Telefonista

Crônica e Arte: Cristiano Queiroz

© 2002 OVA PRODUÇÕES

VOLTA AQUI, CABEÇA! TÁ NA HORA DO SEU BANHO!

AAAAA

PÁRA DE ME MOLHAR!!

905

NÃO! NÃO! SOCORRO!!!

EU NÃO QUERO! ME SOLTA!

ADORO TOMAR BANHO! MAS O QUE EU GOSTO MESMO É DO RITUAL!

6 23

Crônica e Arte: Cristiano Queiroz

© 2002 OVA PRODUÇÕES

É CADÊ A CARNINHA QUE ESTAVA AQUI? HEIN? CADÊ? CADÊ?

10

O GATO COMEU!

QUE DULOSO! NEM DEIXO PA MAJANA!

RO MAO ZI NHO

CRÔNICA E ARTE: LUIZ DE BRAGA

EU QUERIA VIVER NA IDADE MÉDIA...

COMBATER DRAGÕES FUMEGANTES.

COF COF

COF

CERTAS COISAS TIRAM TODO O ROMANTISMO DA HISTÓRIA.

LUIS DE BRAGA

ANEXO 8
Suplemento Almanaque
Edição 721

almanaque

DOMINGO, 30 de junho de 2002

www.opopular.com.br/almanaque



Brincando de comidinha?

Da brincadeira à realidade é um pulinho - basta querer. Aprender a se virar na cozinha é divertido e, claro, muuuuito gostoso! [445]

Anakin voltou...

Apaixonado, o rapaz só arranja confusão no episódio 2 da saga Star Wars - *O Ataque dos Clones*. [77]





É DE ARREPIARI O BRASIL ENTRA EM CAMPO EM BUSCA DO PENTA BEM CEDINHO - PREPARE A BANDEIRA, A CAMISA VERDE-AMARELA E TORÇA ATÉ DIZER CHEGA. A COPA CHEGA AO FIM, MAS O QUE ELA TROUXE DE BOM NINGUÉM VAI ESQUECER.

A Copa acabou, o que ficou de bom?

Lembre-se que tudo começou em 31 de maio - foi um mês inteirinho de torcida, sofrimento ou alegria para 32 países que participaram do maior torneio de futebol do mundo! Com o jogo de hoje, podemos contar 64 partidas e mais de 150

gols! Entre cartões amarelos, faltas e pênaltis, os torcedores também descobriram várias coisas, inclusive sobre os países que sediaram a Copa

O que os torcedores mirins aprenderam na Copa?



Fotos: Simone Ala



Carolina Ribeiro de Queiroz, de 12 anos

"Os jogadores do Brasil tiveram espírito de luta. Desde o início da Copa até o final, eles se desenvolveram muito e ficaram mais unidos. Descobri que isso é importante."



Thiago Pegorari Zoccoli, 14 anos

"Conheci muita coisa da cultura da Coreia e do Japão, países que sediaram a Copa. Deu para saber como as pessoas agem por lá. No futebol, vi que não existe favorito. Um time fraco pode batalhar e chegar lá. Aliás, muitos, considerados fracos, foram bem longe."

"Aprendi que nem sempre os mais fortes ganham. Muitas seleções pequenas surpreenderam. Acho que os times que se consideram muito fortes acabam perdendo, porque se acham estrelas. Enquanto isso, os times mais fracos só preocupam em jogar futebol."

Estevão Elias Barbosa Lopes, 12 anos

"Esta Copa teve muitas seleções que foram uma surpresa, pois chegaram nas finais embora ninguém acreditasse. Acho que, para qualquer time ganhar, é preciso ter disciplina. O time do Brasil estava muito unido, mas fal-

rou mais disciplina nas primeiras fases e também um pouco mais de tática. Aprendi que a tática e a disciplina são importantes, além da união do grupo."

Yuri Franco Guimarães de Castro, 11 anos

Trocar correspondência

"Oi! Tenho 6 anos e gosto de escrever cartinhas. Escreva uma para mim!"

Daniella A. de Oliveira
Rua da República Qd. 4 Lt. 14
Bairro Capuava
CEP 74450-050 Goiânia - GO

"Ei, você aí! Está esperando o que para me escrever e se tornar meu amigo? Tenho 14 anos e já estou esperando!"

Josiane Redivo
Av. Paraná nº 975 Centro
CEP 77403-050 Gurupi - TO

"Tudo bem, pessoal? Ficaré ainda melhor se começarmos a trocar correspondências. Tenho 14 anos."

Odorico Guilherme Veloso
Rua Santana nº 4 Centro
CEP 76550-000 Porangatu - GO

"Tenho 14 anos e procuro novos amigos. Que tal ser um deles?"

Prometo responder sua carta!
Aldinéia de Melo Araújo
Rua 21-B nº 153
Alto dos Buritis
CEP 77410-410 Gurupi - TO



troca postal



almanaque

Editado por J. Câmara & Irmãos SA
Edição nº 718

Editora
Valéria Belém
(062) 250-1198 e 255-6022

Diagramação: **Rogério Miranda**
e **Lu Santos**

Ilustrações: **Adriana Mendonça**

Encarte dos jornais:
O POPULAR e
Jornal do Tocantins





Repórter
mirim

O calor que vem do centro

O centro da terra é como uma bola de fogo: tem metais e outros materiais incandescentes. Essas substâncias são formadas por elementos cujos átomos têm núcleos muito quentes e agitados, que se desgastam e soltam calor. Esse fenômeno é conhecido como energia geotérmica.

Ela sobe para a superfície em forma de vulcões, gêiseres e fontes de água quente. Em alguns estados brasileiros formam piscinas naturais de temperaturas muito agradáveis. Dizem que essas águas têm poder curativo para algumas doenças.

Carollne Antunes S. de Oliveira

Repórter mirim nº 26.059/02-GO



Galo é bom de briga

O galo tem hábito diurno, mas canta ao amanhecer para avisar ao galinheiro que está vivo e que, portanto, continua no comando. Quem manda no pedaço é ele!

Fique de olho e observe como é raro encontrar dois galos no mesmo galinheiro. Dizem que dá confusão! Se houver muitas galinhas até dá para colocar mais de um galo mas, ainda assim, acredite, só um sobreviverá. E que eles disputam a liderança do pedaço e acabam brigando feio!

Bruna Godoi de Oliveira

Repórter mirim nº 25.415/01-GO



Se eu fosse presidente...

Se eu fosse presidente do Brasil, construiria um País melhor. Sem violência, sem drogas, sem miséria, sem fome... Nosso País teria muitos bosques grandes, onde se pudesse respirar ar puro. Eu melhoraria a saúde e a educação, construindo mais hospitais e escolas. Diminuiria os impostos. No meu País as crianças não trabalhariam. Todas estariam na escola e aprenderiam a ter uma profissão.

Se eu fosse presidente do Brasil jamais trairia o povo que me elegeu. Faria mais os convidaria para fazer parte da minha equipe de trabalho, pois só assim construiríamos um País justo.

O mundo precisa melhorar e nós podemos mudá-lo. É só começar!

Anna Beatriz A. Vital

Repórter mirim nº 24.528/99-GO

Dinheiro jogado fora

O brasileiro não joga lixo no lixo! Joga em qualquer lugar, menos onde devia. Resultado: lixo é sinônimo de doenças. E você sabia que o lixo é um indicador do desenvolvimento de uma nação? Quanto mais desenvolvida a economia de um país, mais lixo ele produz, pois as pessoas estão consumindo mais.

Nos Estados Unidos, a indústria de reciclagem fatura alto todo ano. No Brasil, com a reciclagem de apenas 1% do lixo, os números são pequeninhos.

O pior é que quase 70% do lixo coletado em nosso País é jogado a céu aberto. Boa parte vai para grandes terrenos, isso quando chega a ser coletado. Calcula-se que 30% do lixo fica espalhado pelas ruas das grandes cidades brasileiras. Basta andar por aí para vermos todo tipo de sujeira espalhada pelo chão. Vamos mudar essa história?

Luiz Paulo Gomes

Repórter mirim nº 25.524/01-GO



Mestre-cuquinha em ação!



VOCÊ SÓ COLOCA OS PÉS NA COZINHA PARA COMER? ENTÃO, AINDA NÃO DESCOBRIU COMO É LEGAL INVENTAR E FAZER COISAS GOSTOSAS... QUEM JÁ É MESTRE-CUCA EM CASA DÁ A RECEITA PARA CURTIR ESSE ESPAÇO.

LINE FREITAS

A barriga de Abrão Hene Vieira Filho, de 12 anos, não parava de roncar quando a mãe não estava em casa. Ele ficava sozinho e sempre esperava alguém chegar para preparar um lanchinho. Cansado de sentir fome, o garoto resolveu botar a mão na massa: "Comecei a cozinhar por necessidade, agora faço por prazer", diz o menino. Abrão se inspira no

pai, um verdadeiro mestre-cuca e já está de olho no futuro - se algum dia morrer só, fome não vai passar.

Abrão garante que, com uma receita na mão, faz muitas coisas: bolos e molhos, por exemplo. Ele só não acertou fazer café e arroz, mas nem se importa porque, na verdade, gosta é de inventar. Até criou um prato, o picadinho do Abrão. Vão nele bife picado, cebola, mo-

lho de tomate e arroz, bem misturado. Certa vez misturou pão, manteiga, achocolatado em pó e leite condensado. Só que a invenção não ficou muito boa.

Abrão faz questão de lembrar que sempre tem o maior cuidado ao acender o fogo: "Fogão não é brinquedo", avisa.

Menino tem de aprender a cozinhar?

Abrão acha que sim e se importa com os comentários maldosos de algumas colegas, dizendo que cozinhar é coisa de menina. Malcov Machado, de 12 anos, também acha que me-

nino deve cozinhar. "Quero aprender para ficar mais fácil no futuro", diz.

A primeira coisa que Malcov fez foi um crepe. "Minha mãe fazia, eu gostava tanto que tive de aprend-

er", conta. A companhia da mãe foi essencial para ajudá-lo a fazer o famoso crepe. Mas, agora, ele faz tudo sozinho.

Quando começou sua aventura como mestre-cuca, **Maria Cândida** da Silva Lima, de 11 anos, tinha a preciosa companhia da mãe, que mostrava as medidas, o tempo, a temperatura certas. Agora, ela faz tudo sozinha: bolo de cenoura, de laranja, de fubá... "Nem sempre vou ter um adulto para cozinhar para mim. E adoro fazer coisas gostosas!", garante.

Maria Cândida se preocupa até com os ingredientes que usa. "Uma vez, minha mãe queria comprar alguns ovos e eu não deixei, pois eles estavam armazenados de forma errada", conta.



Um bom cozinheiro faz assim

Antes de entrar em ação, fique de olho nestas dicas para se tornar um mestre-cuquinha nota 10!

Organização

Antes de começar a fazer qualquer receita, leia-a primeiro e veja se você tem tudo que vai precisar.



Pegue as vasilhas e ingredientes necessários.

Quando acabar, lave tudo que tiver usado.



Sirva seu quitute em um prato bem bonito. Não se esqueça de fazer um suco gostoso para acompanhar!



Cuidados



Evite mexer com facas e ligar o fogo ou forno sem a ajuda de um adulto.



Vire o cabo das panelas para o interior do fogão para evitar acidentes.



Use luvas antitérmicas.

Cuidado ao ligar aparelhos elétricos na tomada (batedeira, liquidificador). Chame um adulto para ajudar.



Higiene

Lave as mãos antes de entrar na cozinha. Arregace as mangas e prenda os cabelos.



Use um avental para não sujar a roupa.

Quando estiver preparando um prato, não coloque os dedos na boca.



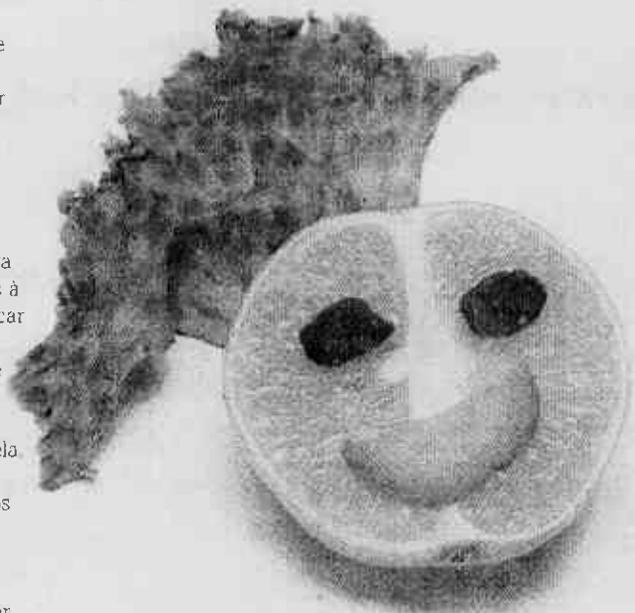
Crepe do Malcov

INGREDIENTES:

- 1 copo de leite (200 ml)
- 1 copo de farinha de trigo (200 ml)
- 4 colheres de açúcar
- 2 gemas de ovo

Hora de fazer:

- Bata todos os ingredientes por 2 minutos na batedeira ou de 5 a 7 minutos à mão, até a massa ficar homogênea.
- Unte uma frigideira e despeje massa suficiente para preencher o fundo dela. Deixe fritar. Quando estiver mais ou menos sólido, vire a massa e não deixe que ela se queime.
- Coloque o que quiser por cima. Malcov gosta de colocar açúcar, chocolate ou chantili.



Arte: André Rodrigues/ Foto: Yáéria Lopes

Bolo Carioca do Abrão

INGREDIENTES:

- 3 copos de farinha de trigo
- 3 ovos
- 2 copos de açúcar refinado
- 1 xícara de manteiga de leite
- 1 colher de fermento em pó
- 1 copo de leite

Hora de fazer:

- Bata o açúcar com as gemas. Coloque os outros ingredientes.
- Bata as claras em neve em separado e acrescente por último à mistura.
- Leve ao forno. Se quiser, acrescente achocolatado em pó.

Bolo de Cenoura da Maria Cândida

INGREDIENTES:

- 3 cenouras médias
- 4 ovos
- 2 xícaras de trigo
- 2 xícaras de açúcar
- 1 xícara de óleo
- 1 colher de fermento em pó
- 1 pitada de sal

Hora de fazer:

- Bata os líquidos e as cenouras no liquidificador por alguns minutos, até a massa ficar homogênea.
- Misture, em uma vasilha, o açúcar e a farinha de trigo.
- Unte a forma, jogue a massa e leve para assar.



Essa é boa

Vídeo

Triste e Suja - Docinho, a mais geniosa das Meninas Superpoderosas, se rebela: ela não quer mais tomar banho. Mas percebe a importância de água e sabonete quando começa a ficar sujinha demais. Este vídeo também vem com outros episódios - neles, o Macaco Loco está mais doido que nunca: *Mais uma do Macaco Loco* e *Trabalho de Macaco Loco*. Ao todo, são dez desenhos das meninas que combatem o crime na hora do recreio!

Triste e Suja - As Meninas Superpoderosas
Warner Home Video
Duração: 125 minutos
Para todas as idades

CD

ÁZ - Este disco é de duas duplas - ou será um quarteto? Bem, são dois garotos e duas garotas que, por sinal, cantam direitinho e têm entre 13 e 17 anos. Neste disco de estreia, a galerinha canta músicas que já foram sucesso, como *Splash Splash*, *Filme Triste*, *Quatro Semanas de Amor*, entre outras. Anote os nomes da galeria: Raphael, Diana, Lillian e Thiago.

Gravadora: Abril Music
Preço: 22 reais

Site

PA Kids - Neste site, você pode andar à vontade por um supermercado e parar em alguns lugares para jogar e se divertir. Também vai conhecer personagens que mais parecem legumes e frutas. Você pode até colocar roupas bem transadas neles e ler historinhas educativas. Outra boa pedida é conhecer as moedas do mundo todo e ainda visitar o quarto do Pãozinho.

Endereço: www.pakids.com.br

Cantinho da Criança - Entre no www1-fal.com.br, clique no ícone Cantinho da Criança. Lá você vai encontrar receitas deliciosas. E também aprender a fazer um castelo com bolachas.



Curso

Curso de teatro nas férias - Quem vai dar as aulas é o ator e diretor João Bosco Amaral. No curso, você aprende o básico sobre arte teatral e, no final, os alunos apresentarão um espetáculo e receberão diploma de participação.

CURSO DE TEATRO
Quando: Segundas e terças do mês de julho, das 15 às 17 horas
Onde: Teatro Yguá, Centro Cultural Martim Cerereê, Rua 94-A, Setor Sul, Goiânia
Quanto custa: 10 reais
Quem pode: quem tem entre 8 e 15 anos



Livros

Fogãozinho - Você quer aprender a cozinhar sem mexer com fogo? Então, este livro é a pedida: ele tem receitas de coisas bem fáceis, que não precisam de fogão ou faca. Por exemplo, uma mousse de laranja para bater no liquidificador. O livro também tem histórias que falam sobre comida e são tão gostosas quanto as receitas.

Fogãozinho
Autores: Maria Stella Libanio
Christo e Frei Betto
Editora: Mercuryo jovem
Preço: 22 reais



O Livro do Nó na Língua - "Eu vi três tigres trigêmeos com três pratinhos de trigo e três croquetes de tripa tragando um pobre galato." Difícil de falar? Essa e outras histórias de rimas e brincadeiras com palavras estão neste livro superdivertido de Ciça.

O Livro do Nó na Língua
Autor: Ciça
Ilustrações: Zélio
Editora: Nova Fronteira
Preço: 18 reais



Culinária para Crianças - Este livro tem algumas receitas que devem ser feitas por adultos. Mas também traz dicas deliciosas para você fazer, como salada de frutas com iogurte e mel, baguetes recheadas e até biscoitos com caras engraçadas. As receitas foram escolhidas por crianças. À venda na Tok&Stok.

Culinária para Crianças
Editora: Manole
Preço: 15 reais

AS FÉRIAS JÁ CHEGARAM! SPIRIT E ANAKIN SKYWALKER TAMBÉM. FIQUE POR DENTRO DOS LANÇAMENTOS QUE PROMETEM LOTAR O CINEMA EM JULHO:



Essa é boa

Star Wars - Episódio 2: Ataque dos Clones

Mais um filme da saga Star Wars está na área. A história é a seguinte: os episódios 4, 5 e 6 foram feitos nos anos 70 e 80 e fizeram o maior sucesso. Dezesesseis anos depois foi lançado o episódio 1, *A Ameaça Fantasma*, e agora o episódio 2 entra em cartaz.

Ataque dos Clones mostra um Anakin Skywalker jovem, dez anos após o fim do episódio 1. No primeiro filme, ele era apenas um menino, mas os mestres Jedi, ao descobrirem seu potencial (de se tornar um cavaleiro Jedi) o deixam ser treinado pelo mestre Obi-Wan.

A missão de mestre e aluno é proteger a senadora Amidala. Mas o jovem Anakin se apaixona pela moça, mesmo sendo proibido qualquer tipo de relacionamento aos Jedi. Que confusão! Juntando o namoro proibido e sua trágica história pessoal, Anakin acaba indo para o lado negro da força Jedi.

Anakin Skywalker ou Darth Vader?

- ★ A primeira aparição de Anakin acontece quando ele tem 9 anos. A mãe do garoto conta que o menino não tem pai. Ele simplesmente nasceu.
- ★ No primeiro filme, Anakin abandona sua mãe e seu planeta natal, Tatooine, para se transformar num cavaleiro Jedi - um sonho antigo.
- ★ Ele se torna um poderoso Jedi no segundo filme e vira cavaleiro negro no terceiro. Este filme ainda não foi feito, mas sabe-se que Anakin se transforma no malvado Darth Vader, que aniquila os demais mestres Jedi e ajuda o imperador Palpatine a acabar com a república e ganhar o reino do mal.
- ★ No quarto episódio, ele é o braço direito do imperador malvado. Luke Skywalker e o capitão Han Solo tentam acabar com as forças do mal e explodem a estação do imperador.
- ★ Com raiva, Darth Vader segue Luke Skywalker e, no final, conta que é seu pai.
- ★ Outra batalha feia entre o bem e o mal acontece no sexto e último episódio. Darth Vader se arrepende de tudo e morre nos braços do filho!

Star Wars: Ataque dos Clones
Produtora: 20th Century Fox Film
Estréia: 1º de julho
Site: www.starwars.com (em inglês)
Para todas as idades

Spirit - O Corcel Indomável

Spirit conta a história de um cavalo garanhão orgulhoso, forte e livre. Ele é capturado pela cavalaria americana - mas consegue fugir com o índio Pequeno Rio, que o leva para sua aldeia. Muita coisa acontece... Spirit se apaixona por uma linda égua malhada, chamada Chuva, e fica amigo de Pequeno Rio. Mas continua em sua luta por liberdade enfrentando um grande adversário, o coronel da cavalaria dos Estados Unidos.

Cavalos... quem são eles?

- 🐾 Eles têm narinas grandes para facilitar a respiração. Também têm olfato apurado, ouvido sensível e boa visão.
- 🐾 Comem cereais e plantas.
- 🐾 Além de correr bastante, as pernas do cavalo servem como arma.
- 🐾 Existem três tipos de cavalos: os leves, os pesados e os pôneis. Os leves pesam menos de 600 quilos e os grandes podem

pesar mais de 900 quilos. Os pôneis só têm 1,50 metro de altura e pesam menos de 360 quilos.

- 🐾 A gestação da égua dura entre 10 e 14 meses.

Spirit - O Corcel Indomável
Produtora: Dreamworks
Estréia: 5 de julho
Site: www.dreamworks.com/spirit
Para todas as idades

Fotos: Fox Film





VA JOGAR BOLA LÁ FORA! AQUI NÃO!



VOU EMBORA DE CASA! NÃO POSSO FAZER NADA DO QUE GOSTO!



É VERDADE QUE VOU SENTIR SAUDADE DE UM MONTE DE COISAS.



DO BOLO DA MAMAE, DO SUCO DO PAPAÍ, DA MARIANA QUEBRANDO MEUS BRINQUEDOS, DE SENTAR NO TAPETE DA SALA E VER OS JOGOS DA COPA...



MINHA NOSSAI! A FINAL É HOJE!



AI, ELE DISSSE QUE SÓ NÃO FUGIU PORQUE LEMBROU QUE A FINAL DA COPA ERA HOJE!



OLHA SÓ O QUE O PAPAÍ TROUXE PRA VOCÊ! UMA CAIXA DE LÁPIS DE COR!

VIVA! PESENTE PA MAIANA!



LÁPIS! MUITO, MUITO!

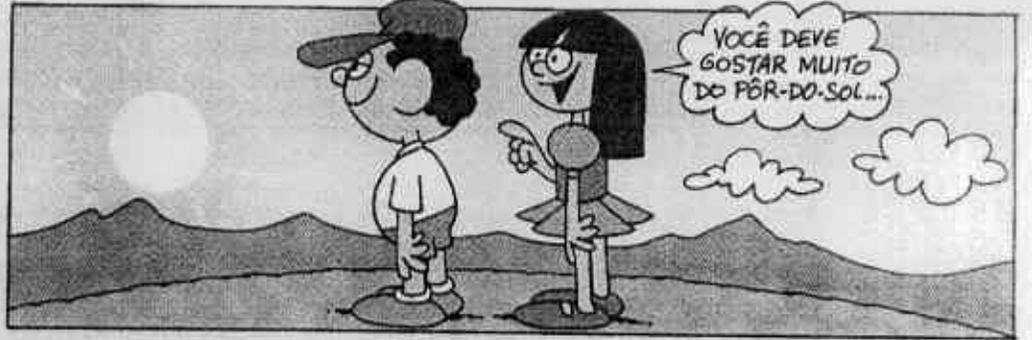
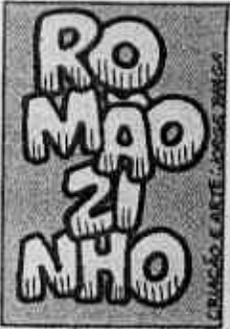


MARIANA? MARIANA?

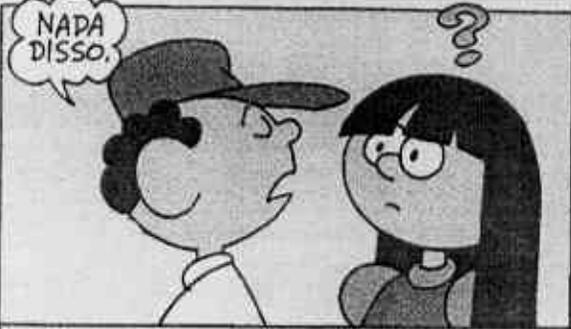


COM ESTES LÁPIS VOCÊ VAI PODER DESENHAR E PINTAR NO CADERNO QUE O PAPAÍ COMPROU E QUEM SABE SE TORNAR UMA GRANDE DESENH...

AI, AI, AI! NA PAREDE NÃO, MARIANA!!!



VOCÊ DEVE GOSTAR MUITO DO PÔR-DO-SOL...



NADA DISSO.



SÓ ESTOU TENTANDO SENTIR A ROTACÃO DA TERRA.

Anexo 9

Coleta de dados I

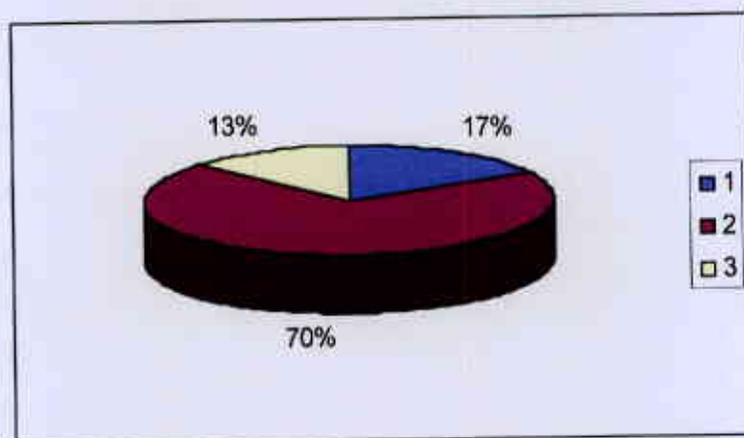
Identificação dos Personagens que Compõem o Grupo Considerado na Pesquisa – Onde se pode conhecer as características aparentes do grupo.

1. Quem são?

Dois grupos de alunos:

a) Escola Municipal Presidente Costa e Silva (escola 1) Turma C-2

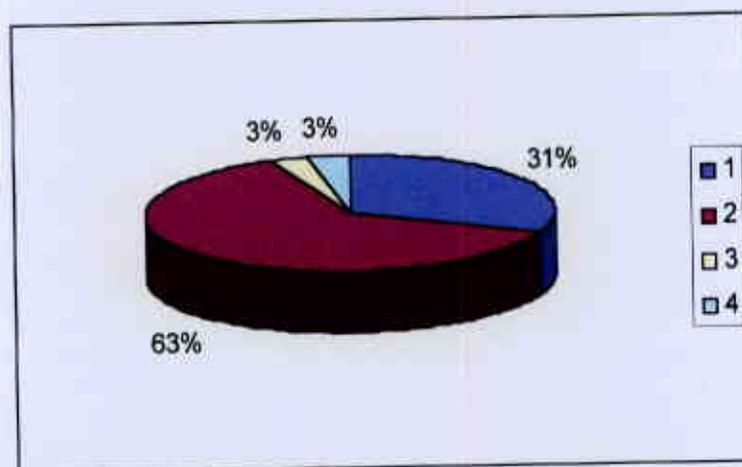
Local: Vila Redenção (Região Sul de Goiânia)



1. 4 alunos com 7 anos = 17,4%
 2. 16 alunos com 8 anos = 69,6%
 3. 3 alunos com 9 anos = 13%
- Total de alunos = 25

b) Escola Municipal Ana das Neves de Freitas (Escola 2) Turma C1

Local: Parque das Laranjeiras (Região Sudoeste de Goiânia)



1. 10 alunos com 7 anos = 31,2%
2. 20 alunos com 8 anos = 62,4%
3. 1 aluno com 9 anos = 3,2%
4. 1 aluna acima de 9 anos (20 anos) = 3,2%

◆ Total de alunos – 32 = 100%

Coleta de dados II

Atividades desenvolvidas que auxiliaram as sessões nas escolas

- 1ª atividade – apresentação do Almanaque através de fita VHS

Edição 717

- 2ª atividade – Contar (de forma escrita) uma história que aconteceu com você (real ou imaginária)

<p>Criança 1</p>	<p>Era uma vez uma menina que estava esperando o natal chegar. Ela queria um montão de presentes.</p> <p>Chegou o Natal e a menina foi lá no Papai Noel e pediu uma boneca linda e o Papai Noel falou:</p> <p>_ Eu trago, comporte-se bem.</p> <p>E a menina falou:</p> <p>_ Está bem, Papai Noel, vou me comportar bem</p> <p>O papai Noel falou:</p> <p>_ Então ta, tchau linda.</p> <p>E a menina respondeu:</p> <p>_ Tchau Papai Noel, não esqueça o meu presente, tchau.</p> <p>Quando chegou a noite de natal a mãe da menina falou:</p> <p>_ Minha filha, vista este vestido.</p> <p>A menina gritou com a mãe: _ Não!</p> <p>A mãe falou: _ Você não vai para a noite de Natal. Fique de castigo.</p> <p>A menina sentou na cama e começou a chorar. A mãe, com muita raiva, trancou a porta do quarto da menina e foi para a sala comer panetone, peru e tomar vinho.</p> <p>O irmão maior da menina levou um pedaço de peru para ela, mas tentou abrir a porta, mas estava trancada. Tinha uma janela e o irmão entrou pela janela e deu o peru para ela. Ela disse obrigada</p> <p>O Papai Noel pensou no que ela tinha feito com a mãe, mas perdoou a menina e trouxe a boneca.</p>
-------------------------	---

Criança 2	“Um dia meu pai me colocou na cama para dormir. Minha mãe estava lavando roupa no rio. Aí eu saí do quarto e fui no rio onde minha mãe estava, mas fui na direção de um balde de água e derramei o balde de água em mim.”
Criança 3	“Era uma vez um cachorrinho muito custoso e levado. Ele vivia na rua. Os carros corriam atrás dele. Ele tinha o sonho de ter um dono. O sonho se realizou e ficou muito feliz para sempre.”
Criança 4	“Eu vi minha avô contando para minha mãe que lá no centro tinha acontecido um acidente de um carro e um táxi. Um morreu e o outro sobreviveu. A cabeça dos dois sangrou muito. Chamaram a ambulância e os homens os colocaram lá dentro e levaram ao médico. Ficou internado algum tempo e depois foram para casa.”
Criança 5	“Eu mesma caí de moto lá em Senador Eu abracei as muletas do meu pai na minha perna. O homem veio na contra-mão. Eu me machuquei e fui para o Hugo.”
Criança 6	“Ontem eu saí para uma pizzaria. Vi um colega meu e uma colega minha. Andei, andei, andei... e fui parar no mesmo lugar. Andei de novo e cheguei lá em casa, graças a Deus.”
Criança 7	<p>Texto 1: “O cinema demorou muito – uma hora. Aí o filme começou: A nova onda do imperador.”</p> <p>Texto 2: “A Ana Carolina e todos da turma C fugiram para o Sul. Lá tem gelo, e um bloco de gelo despedaçou. A gente estava num bloco de gelo e o tubarão quebrou o bloco. A Ana Carolina e a Rafaela caíram no outro bloco e os pés da Ana Carolina ficaram na água e o tubarão quebrou o bloco e a Ana Carolina, apaixonada pelo tubarão, se casou cm ele.”</p>
Criança 8	<p>Era uma vez uma menina que se chamava Clara. Ela era muito bonita. Um dia um menino que se chamava Kalebe viu ela e disse que era uma princesa. Um dia apareceu uma menina que se chamava Ana Carolina. Ela se apaixonou pelo Kelebe. A Clara ficou com ciúmes. E aí a mãe da Clara apareceu e ela falou:</p> <p>_ A minha filha estava namorando!</p> <p>E o Kalebe falou:</p> <p>_ Eu não gosto mais de você. Gosto mais da Clara do que de você</p>

Criança 9	<p>“Um dia eu e duas colegas – Taynara e Ana Paula – fomos comprar laranjinha e um rapaz falou assim para nós: _ Não quer dar uma pegadinha não? Nós corremos e a Taynara falou que ia desmaiar”</p>
Criança 10	<p>“Um certo dia o colega do meu pai foi acidentado. Ele estava de moto e um carro fechou a moto dele.”</p>
Criança 11	<p>“Era uma vez uma menina que se chamava Karolina. Ela era tão bonita, inteligente e forte e vivia alegre. Ela era apaixonada por um menino que se chamava Bruno. Um dia ele conheceu uma garota bonita. E a Karolina ficou sabendo que o Bruno estava apaixonado pela menina que se chamava Dalila. Ela também estava apaixonada pelo Bruno”.</p> <p>“Era uma vez uma menina que se chamava Ana Karolina. Ela era bonita, inteligente e educada. Karolina era apaixonada por um menino chamado Lucas que também era apaixonado por ela.”</p>
Criança 12	<p>“Era uma vez um garoto muito sapeca. Ele não obedecia a mãe. Ele cassava briga com meninos maiores. Um dia ele brigou e se quebrou todinho.”</p> <p>“No recreio, Quando eu vou brincar de pique-prega, eu sempre arranjava (batia) a cabeça nesse negócio aqui (desenho de uma trave de futebol). É que eu vivo muito alegre na sala. E também já passei por muito sofrimento e eu tenho uma vida muito boa mesmo. Mas tem vezes que eu sou um pouco teimoso e custoso!”</p>
Criança 13	<p>“Era uma vez dois inventores. Eles inventaram tanto que não sabia mais o que inventar. Eles pensaram, pensaram, e inventaram uma pista de skate. Fizeram uma loja de skate e venderam tudo. Depois foram para pista de skate.”</p>
Criança 14	<p>“O dedo vivia machucado. Um dia uma menina chamada Nayane, que era muito sapeca e gostava de brincar com faca. Sempre quem saía machucado era o dedo. Coitado, vivia sempre cortado. Mas um dia a Nayane aprendeu que mexer com faca não é bom. Aí ela parou de mexer com faca e viveu feliz para sempre</p>
Criança 15	<p>“Quando eu tinha 5 anos minha tia me trancou no quintal e eu chorei e chorei. Eu tinha que tirar foto e me alegrar.</p> <p>Um grande dia minha tia arrumou um namorado e ele foi morar com ela.</p>

	Um dia eles se separaram e depois voltaram de novo. Um grande dia ele resolveu se separar de vez e nunca mais voltaram.”
Criança 16	“Um dia eu estava muito triste por que eu estava sozinha no quarto, sem nada para fazer. Depois de um tempo fiquei muito feliz por que meu irmão me chamou para sair”
Criança 17	“A Natália foi comprar um leite, tinha uma descida no caminho e ela caiu e machucou o joelho e caiu o dente dela. Quando ela caiu a mãe e as amigas dela pensaram que era mentira.”
Criança 18	“Ontem meu irmão pegou na minha mão. Ele nunca pega na minha mão. Por isso esse foi o dia maiôs feliz da minha vida”
Criança 19	<p>“Era o dia da mãe de Thaís ir para o trabalho – ela trabalhava de noite. Thaís ficou muito triste por que ia ficar só com seu irmão, por que seu pai ia estudar. Nesse dia seu pai chegou mais cedo e trouxe uma caixa.. Thaís olhou dentro da caixa. Era um cãozinho. O nome dele era Babi. Thaís ficou com medo porque um dia um cão mordeu ela. Se passaram uns dias e a Thaís não teve mais medo.</p> <p>Passaram os anos e a Thaís ganhou um papagaio. A Thaís viveu com o papagaio até ele morrer. Só restou o cão. E na primavera de 2002 o cachorro foi atropelado. A Thaís chorou, o irmão chorou e a mãe chorou.”</p> <p>“Um dia a minha tia (professora) estava me ensinando e meu professor de Educação Física Chamou a gente para ensaiar quadrilha. Eu dancei com a Andressa só por que faltou homem e teve de dançar mulher com mulher. Eu fui o homem.</p>
Criança 20	<p>“Era uma vez um cavalo que só ficava triste numa fazenda de um homem que queria vender ele para comprar comida. Eles foram dormir e no outro dia chegou um menino e comprou o cavalo. Eles foram participar de uma corrida e ‘ganharam’ em primeiro lugar.</p> <p>O cavalo foi para a fazenda do menino. Lá ele comia muito e fez muitos amigos. O menino fez uma casa para o cavalo com a ajuda de seu pai e o cavalo gostou da casa, da fazenda e de seus amigos.</p> <p>O cavalo foi visitar a represa, depois a cachoeira. Ele gostou de tudo e os amigos gostaram do cavalo.”</p>

- 3ª atividade - Observe os quadrinhos e diga o que você pensa (Cabeça Oca Pág.8)

Criança 1	A história é legal. não gostei do que o cabeça oca fez se minha amiga machucar eu ajudo
Criança 2	A história é muito engraçada. Não é certo fazer isso. Eu pegaria alguma coisa para tampar o machucado dele
Criança 3	Não acho que o Cabeça Oca fez certo, quando uma pessoa machuca a gente tem de ajudar.
Criança 4	A historia foi engraçada. Se meu amigo cair eu ajudo ele a levantar
Criança 5	Achei legal a história, mas o Cabeça não devia fazer isso com o amigo dele.
Criança 6	Achei o Cabeça Oca muito injusto. Eu iria chamar a mãe dele.
Criança 7	Legal a história. Mas o que ele fez não foi legal. Chamaria o pai ou a mãe dele.
Criança 8	O Cabeça não agiu certo. Eu colocaria remédio nele. Ele não foi mau, só quis ser engraçado.
Criança 9	O que o cabeça Oca fez não foi legal. Eu levaria ele para o médico.
Criança 10	A história é super legal. Quero continuar lendo. Mas não faria isso com meus amigos.
Criança 11	Gostei da história, mas o Cabeça Oca não foi gentil. Ele deveria ter levado a caixinha de pronto-socorro para o menino.
Criança 12	“Achei engraçadinho. Cabeça Oca está brincando bola.”
Criança 13	Eu iria por remédio nele.
Criança 14	O cabeça foi muito mau. Ele tinha que ajudar o amigo dele
Criança 15	Não gostei o que o Cabeça oca fez. Eu ajudaria meu amigo a levantar e levava água para lavar o machucado dele

- 4ª atividade - A partir dos textos lidos no Suplemento Almanaque escreva ou desenhe uma história.

Criança 1	Formiga: eu estava na casa da minha colega e a formiga me picou. ela pediu à avô dela um litro de álcool e matou a coceira. minha mãe foi me buscar e me levou para casa. minha avô e eu tomamos um banho e fomos dormir”
Criança 2	Sonho: “Era uma vez Rafaela e seus gatinhos. Rafaela estava brincando com seus gatinhos. Sua mãe deu dinheiro para ela comprar pão e pães de queijo. Rafaela comeu todo o lanche . Quando a mãe da Rafaela chegou ela se escondeu e a mãe dela trancou a Rafaela no quarto. Mas ela pulou a janela. A mãe da Rafaela abriu o quarto e a Rafaela estava brincando com seu amigo.”
Criança 3	Sonho: “Sonhei que era muito rica. Tinha uma casa muito bonita, com 3 Quartos, 1 banheiro em cada quarto e um corredor, uma cozinha, sala de televisão, sala de estar, sala de jogos, área enorme com piscina. E tinha só uma filha muito bonita e um marido.”
Criança 4	Formiga: “Eu estava na minha casa e aí a formiga me picou e eu joguei um restinho de álcool que tinha na casa da minha avô. Aí sarou e fiquei em paz.”

Edição 718

- 5º atividade – Leitura do texto “Um presente mágico”, do Almanaque
- 6º atividade – Conversar sobre o texto e colher opiniões sobre o assunto tratado no texto (anexo 3)
- 7º atividade – Responder as perguntas:
 - a) Qual seu objeto mágico?
 - b) Onde ele vai lhe levar?
 - c) O que você vai fazer lá?

Criança 1	a) Piranha (prendedor de cabelo) b) Na clínica do dr. Cleiton (veterinário) c) Morar lá
Criança 2	a) Patins b) Floresta c) Transformar essa floresta num jardim
Criança 3	a) Tapete mágico b) Fazenda c) Ver a casa dos meus avós
Criança 4	a) Caderno b) Lugar certo c) Aprender o que é certo
Criança 5	a) Vareta b) Para a escola c) Estudar
Criança 6	a) Varinha mágica b) Floresta c) Ver os animais
Criança 7	a) Tamanco b) Goianópolis c) Visitar minha tia
Criança 8	a) Roupa nova b) China c) Ver as florestas, animais, a copa, as baleias
Criança 9	a) Bicicleta b) Marrocos c) Andar com ela
Criança 10	a) Chapéu b) Em Minas Gerais, onde meu avô mora c) Já fui uma vez lá, mas quero ir mais uma
Criança 11	a) Carro mágico b) Praia

	c) Banhar no mar
Criança 12	a) Farinha mágica b) Espaço c) Passear
Criança 13	a) Vassoura mágica b) Norte c) Conhecer o lugar
Criança 14	a) Tapete mágico b) EUA c) Ver minha tia
Criança 15	a) Helicóptero b) No sítio do pica-pau amarelo c) Ver a Emília, o Pedrinho, o Saci e a Bruxa
Criança 16	a) Bota b) Em São Paulo c) Para ver minha avô
Criança 17	a) Tapete mágico b) China c) Ver os chineses
Criança 18	a) Tamanco mágico b) Tocantins c) Ver minha avó
Criança 19	a) Roupa mágica b) Japão c) Conhecer a língua japonesa
Criança 20	a) Flor b) Jardim c) Olhar as flores
Criança 21	a) Bota b) Numa praia c) Nadar
Criança 22	a) Baralho b) Goiânia

	c) Vou ser um mágico
Criança 23	a) Barco mágico b) Jardim c) Viver feliz
Criança 24	a) Varinha mágica b) Maranhão c) Ver minha avó
Criança 25	a) Cama b) Em outros países c) Olhar
Criança 26	a) Tamanco mágico b) Brasília c) Ficar com meu irmão
Criança 27	a) Sandália b) Goianira c) Comprar sapatos
Criança 28	a) Panela mágica b) Floresta c) Ver os ninhos de passarinho
Criança 29	a) Tapete mágico b) Sítio do pica-pau Amarelo c) Ver a Emília, o Pedrinho, a Narizinho e experimentar os bolinhos da tia Anastácia.
Criança 30	a) Um vestido que eu vou ganhar b) No mundo das nuvens c) Conhecer um príncipe
Criança 31	a) Tapete mágico b) Vai me levar onde eu quiser, na China c) Ver a Copa
Criança 32	a) Bicicleta b) Para minha casa c) Ficar lá

Criança 33	a) Tênis b) Em Brasília c) Por que minha tia mora lá
Criança 34	a) Tapete b) Lua c) Ver o jeito que é lá
Criança 35	a) Tapete mágico b) Marrocos c) Viajar (influência da novela O Clone, da TV)

- 8ª atividade - A menina quer ganhar uma bake voadora, um quadro de giz para dobrar até caber na sacolinha e uma máquina que só fotografa estrelas:
 - a) Esses presentes existem?
 - b) Qual seria a reação das pessoas se você pedisse presentes como esses?
 - c) Essa é a Ju, personagem da história. O que você acha dela?
 - d) O velhinho bateu na porta da casa de Ana Júlia, sentou-se e bebeu água. Quem abriu a porta para ele? A pessoa que abriu a porta tratou-o com respeito e educação?
 - e) Ana Júlia recebeu o velhinho bem? Como você faria?
 - f) Ana Júlia convidou o velhinho para sua festa de aniversário. Você faria o mesmo? Por que?
 - g) Se Ana Júlia chegasse a uma estrela brilhante, o que aconteceria lá:
 - h) Como um velhinho fraquinho e tão pobre teria esse presente mágico:
 - i) O tamanco foi o maior presente que Ju ganhou. Se você pudesse escolher, qual seria seu presente?

- j) A Vovô disse: Viu Ju, as aparências enganam muitas vezes. Você acha que as aparências enganam?

Edição 719

- 9º atividade – Descreva seu sonho (ao som de Bach – concertos de Brandemburgo)

Criança 1	Sonho: era uma vez um doutor que se chamava cleiton. um dia minha tia levou a nossa gata sofia pra lá. eu achei ele tão bonito, que eu me apaixonei por ele. eu adorei ele.
Criança 2	Sonho:“Meu sonho é ter um cachorro, por que o minha cachorra morreu. Um carro passou por cima dela.”
Criança 3	Sonho: “Era uma vez Rafaela e seus gatinhos. Rafaela estava brincando com seus gatinhos. Sua mãe deu dinheiro para ela comprar pão e pães de queijo. Rafaela comeu todo o lanche . Quando a mãe da Rafaela chegou ela se escondeu e a mãe dela trancou a Rafaela no quarto. Mas ela pulou a janela. A mãe da Rafaela abriu o quarto e a Rafaela estava brincando com seu amigo.”
Criança 4	Sonho: “Sonhei que era muito rica. Tinha uma casa muito bonita, com 3 quartos, 1 banheiro em cada quarto e um corredor, uma cozinha, sala de televisão, sala de estar, sala de jogos, área enorme com piscina. E tinha só uma filha muito bonita e um marido.”

- 8ª atividade – texto: “Não estrague a diversão” (Página 3)

Por que as pessoas soltam fogos?

Criança 1	Por que elas acham bom nunca soltei por que não quero
Criança 2	_ Por causa de alguma coisa que acontece. _ Como assim? _ Quando alguém ganha, aí eles vai e soltam. _ Já soltei uma vez, mas não vou soltar mais por que é perigoso
Criança 3	Não sei Nunca soltei por que minha mãe não deixa
Criança 4	Acho que eles querem se divertir, mas não sabem que estão prejudicando todo mundo Eu nunca soltei fogos, por que não gosto
Criança 5	Por que o Brasil ganha Já soltei em festas juninas
Criança 6	Acham bom Eu não acho
Criança 7	Para comemorar o dia. Soltam muito no ano novo, quando o Brasil ganha, e nas festas juninas de São Pedro, São João e Santo Antônio. Algumas vezes sim. Para comemorar
Criança 8	_ Não tenho idéia _ Não. Por que minha mãe não deixa
Criança 9	Por que elas ficam felizes.
Criança 10	Quando elas vêm jogar e ganha, elas gostam de pular e soltar fogos. Nunca soltei, por que nunca gostei de bomba.
Criança 11	Elas acham legal Só soltei bombinha. Ao ser questionada por que soltou bombinha, respondeu: _ Sei lá!
Criança 12	Por que o Brasil ganhou Não. Por que minha mãe não deixa
Criança 13	Foi feita a pergunta, a criança somente sorriu e não respondeu. Foi feita a pergunta: Você já viu ou ouviu alguém soltando fogos? A resposta

	<p>foi não. Insisti: nem na copa, nas festas juninas? A resposta foi sim.</p> <p>Repeti a pergunta: Por que as pessoas soltam fogos?</p> <p>Resposta: Por que elas ficam felizes</p> <p>Você já soltou fogos? _ Sim 9 a irmã que estava ao lado desmentiu, mas Patrícia insistiu dizendo que o tio havia comparado e dado para ela soltar</p>
Criança 14	<p>Não sei</p> <p>Não soltei. Não sei.</p>
Criança 15	<p>Não sei</p> <p>Nunca soltei, por que é perigoso para as crianças</p>
Criança 16	<p>Quando alguém ganha no futebol elas soltam</p>
Criança 17	<p>Quando o Brasil ganha. É felicidade</p> <p>Nunca soltei. Meu pai não deixa</p>
Criança 18	<p>_ Por que elas querem.</p> <p>_ Você já soltou?</p> <p>_ Já</p> <p>_ Por que?</p> <p>_ Por que eu quis! Por que o Brasil Ganhou</p>
Criança 19	<p>Por que o Brasil ganha</p> <p>Quando perguntei se ela solta fogos ela respondeu que não, mas solta foguetes.</p>
Criança 20	<p>_ Tem vezes que eles são bêbados (sempre ou as vezes?)</p> <p>_ São os bêbados que soltam fogo?</p> <p>_ É, às vezes</p> <p>_ Por que os Bêbados soltam fogos?</p> <p>Quando o Brasil ganha</p> <p>_ Só os bêbados soltam fogos?</p> <p>_ Os outros também soltam. Já soltei bombinha</p>
Criança 21	<p>Não sei</p> <p>Não. Acho perigoso</p>

Edição 720

- 9ª atividade - Responda à pergunta feita pelo repórter-mirim José do Carmo Ferreira (Página 3): “De que maneira você está colaborando para que os deveres e os direitos sejam respeitados?”.

Criança 1	Respeito com todas as pessoas, principalmente com os pais, com as pessoas mais velhas e colegas
Criança 2	Ter respeito com a família toda, falara verdade na hora certa e mentir na hora certa (se alguém estiver pegando nossa cola empesado a gente pode falar que não tem, que acabou
Criança 3	Respeitando a mãe e o pai, não teimar com a mãe e pai, respeitar os avôs e os tios. Sou respeitada por todos

- 10ª atividade - Texto: “Arroto não!” (páginas 4 e 5)

a) Cada um tem seu espaço? Você tem o seu?

b) Observe os desenhos no roda-pé das páginas 4 e 5 e na capa.

Comente com seus colegas a respeito.

Criança 1	1. Leu sobre como cuidar da casa. eu subia nas paredes, mas não subo mais depois que minha mãe limpou
Criança 2	1. Nem todo mundo tem seu espaço. Faltas muita coisa para as pessoa terem seu espaço. As vezes as pessoas mexem nas minhas coisas 2. Leu sobre o elevador. Achei esse trem muito educado Eu também subia nas paredes. Depois que reformou a casa eu não subo mais
Criança 3	1. As pessoas respeitam meu espaço As vezes eu uso essas palavras, mas tem gente que não usam. Quando a minha avô briga comigo ela sai para mim. Às vezes eu entro na frente da televisão sem querer e ele fala sai da frente. Eu não gosto, mas nunca falei para ela
Criança 4	1. Todo mundo tem de ter seu espaço. Todo mundo respeita meu espaço

	2. Leu sobre vaidade e limpeza. Eu sou vaidoso
Criança 5	1. Só eu e minha mãe que temo um quarto só para a gente. A amiga da minha mãe e os dois filhos dormem no mesmo quarto que a minha irmãzinha dorme também – todo mundo num quarto só. Dá para várias pessoas dormirem no mesmo quarto sem problema. Todo mundo respeita meu espaço
Criança 6	1. Todo mundo tem seu espaço
Criança 7	1. Eu não tenho meu espaço. Durmo num quarto com meus dois irmãos. Só minha mãe, meu pai e meu irmãozinho têm o espaço para eles. Ninguém mexe nas minhas coisas
Criança 8	1. Eu tenho meu espaço
Criança 9	1. Não. Por que eu tenho um quarto que é dividido para três. Minha mãe mexe nas minhas coisas. 2. Igual eu, cumprimento o guardinha.
Criança 10	1. Não. Na minha casa eu tenho, mas na escola não, o espaço é público. Às vezes eu respeito e sou respeitado 2. Esse é interessante: Cumprimento professores, diretor e funcionários de sua escola. Eu cumprimento as pessoas às vezes
Criança 11	2. Não sei não
Criança 12	2. Tem vez que lá em casa fica tudo bagunçado, lio no chão... _ quem faz essa bagunça toda _ Meu irmão e eu. Minha mãe põe a gente de castigo Lá em casa tem duas 'televisões' e a gente fica assistindo no quarto, quando minha mãe vai almoçar desliga um e desliga outra Lá na casa da Rafaela tem uma árvore e ela fica subindo e descendo, subindo e descendo
Criança 13	2. Ah, eu escolho as brincadeiras
Criança 14	1. Cada um tem seu espaço.
Criança 15	1. Todo mundo tem espaço no mundo e têm seu espaço respeitado.

Almanaque, edição 720

- 11ª atividade - Texto: “A fogueira de São João” (Página 7)
 - a) Você acredita em simpatia?
 - b) Já viu alguém fazendo simpatia?

- 12ª atividade - Cabeça Oca (Página 8)

Vamos comentar a atitude do Cabeça Oca com sua mãe

Criança 1	Por que ele é mau, muito mau Não. Eu gostava de tomar banho quando eu era pequena – jogava água para cima, pulava... O Cabeça Oca também gosta de tomar banho, mas gosta de ver a mãe dele sofrer
Criança 2	A mãe dele é má, por que ela faz ele tomar banho e trata ele mal. Ela tinha de ajudar sem fazer aquilo.
Criança 3	Acho que a mãe dele está sofrendo. Ele não devia fazer isso com ela. Eu também faço igual ao Cabeça. Acho que a mãe dele está certa. Se eu fosse a mãe dele pegava ele e dava uma surra nele para ele nunca mais fazer isso.
Criança 4	A mãe dele é má. Ela só vive correndo atrás dele. Mas ela tem de dar banho nele todos os dias e ele tinha de obedecer a ela. Se eu fosse
Criança 5	A mãe dele está certa. Ela tem que obrigar ele a tomar banho, por que se não ele fica sujo.
Criança 6	A mãe dele tem que obrigar ele tomar banho, se não ele vai dormir sujo. Se for para a escola sujo a professora manda embora para casa A gente toma banho para ficar limpo
Criança 7	Tem muito menino que é igual ao Cabeça oca. Ele faz isso por que não quer tomar banho. Eu acho que a mãe deveria dar banho nele Tem que tomar banho, se não dá bicho
Criança 8	Ele não está certo. Poderia pegar ele e dar banho na marra. Eu gosto de tomar banho. Conheço uma menina que faz igual ao Cabeça Oca. A mãe dela briga com ela e ela toma banho

Criança 9	Te que lavar por causa do suor, se não fica fedendo e as baratas ficam rodando em volta da gente
Criança 10	Por que ele é teimoso, teima muito com a mãe. * Respondendo ao Coleguinha: Tem de dar o castigo! É só lavar, mas ele faz birra.
Criança 11	Eu faço igual ele. Corro para tomar banho, depois não quero sair do banheiro.
Criança 12	No começo ele acha que o banho é ruim, chega no final ele acha que o banho é bom. Ele faz isso para irritar a mãe dele
Criança 13	Ele não gosta da primeira parte, aí depois a água fica quentinha e ele relaxa. Se eu estivesse no lugar da mãe dele eu “deixava” ele tomar banho, se não dava uma cintada nas costas dele
Criança 14	Ele não gosta de tomar banho muito. Ele fala que gosta de tomar banho por que é gostoso a água
Criança 15	Para fazer gracinha para o pai ou para a irmã dele.

▪ 13ª atividade - Texto: “Tem ET na Terra” (Página 6)

a) Agora você está no lugar do Dado, o que você vai fazer?

b) Existem ETs?

Criança 1	1. Eu vou lá nas pessoas e falar para elas que tem que salvar a Terra para não ser destruída.
Criança 2	1. As pessoas nunca podem brigar, tem de ser unidas.
Criança 3	2. Não existe ET
Criança 4	*Eu vou matar esses ETs e salvar o mundo (risos). Pego aquela arma que faz pou, pou, pou mata ele. Mato só o ET. _ Mas ele vem na Terra trazer uma mensagem de paz! _ É mentira! Eu pego uma lança e enfio no coração dele
Criança 5	1. Não tenho idéia. Eu sou uma boa pessoa. Mato quem provoca os outros. Se os ETs provocarem eu mato também. Só deixo o miolo.

	É um ataque terrorista. Os terroristas de marte estão vindo para cá para atacar os seres humanos Eu pego uma flecha e miro bem no olho dele. É por que ele é terrorista
Criança 6	1. Eu vou sair correndo.
Criança 7	1. Ia correr muito rápido, por que eu tenho muito medo.
Criança 8	1. eu ia fazer o que o ET pedisse
Criança 9	1. Ia correr
Criança 10	1. A gente devia ir, né. E também se não fosse eles mesmos tinham que se virar.
Criança 11	1. Ah, devia Ter que ir na Terra e fazer o que tinha que fazer! _ O que _ Salvar as pessoas, qualquer coisa.

▪ **14ª atividade - Romãozinho (Página 8)**

1. O que você sabe da Idade Média?
2. Como eram os dragões?
3. Eles existiram mesmo?
4. O que o Romãozinho quer dizer com “certas coisas tiram todo o romantismo da história”

<p>Criança 1</p>	<p>1. As crianças queriam viver na Idade Média, queriam combater dragões, mas não podiam.</p> <p>Quando o dragão solta muito fogo assim as armaduras dos homens ficam muito quentes, bem quentes e eles podem queimar o corpo</p> <p>2. Com um rabo bem grande, soltava fogo, uma cara enorme, asas bem grandes e um corpo bem longo. Ele voava e queimava tudo que via pela frente. Já vi dragão em filmes e em desenhos. O filme que eu assisti foi coração de dragão (contou o filme)</p> <p>3. Que eu saiba não existem. Eu tenho certeza</p>
<p>Criança 2</p>	<p>Mato eles, acabou com eles, arreventou a cara deles</p> <ul style="list-style-type: none"> - quem fez isso - A gente que estava lutando com os dragões
<p>Criança 3</p>	<p>3. Eles existiram, mas foram mortos por que as pessoas precisavam se defender. A gente não sabia por que eles queriam soltar fogo e também se a gente irritar é claro que eles soltam. Acho que não deviam matar e o dragão também não devia soltar fogo pela boca. Cada um deveria ficar no seu canto, aí não tinha nenhuma briga. Mas se eles estivesse vivos é claro que ia ser mais uma luta</p> <p>4. E também eu sei que isso pode matar, os outros até sabem , mas só faz isso para pirraçar mesmo. Isso é que eu não gosto, os prefeitos só fazem coisas erradas como não combater a poluição e ainda querem que as pessoas votem neles.</p>
<p>Criança 4</p>	<p>2. Eles têm o pescoço longo, umas asas, rabo pontudo e soltam fogo pela boca. Eles desapareceram por que os caçadores de dragão mataram eles.</p> <p>3. Acho que ainda existe dragão.</p> <p>4. A fumaça, o pulmão da gente fica poluído e pode até morrer</p>
<p>Criança 5</p>	<p style="text-align: center;">Os ETs atacam a Terra</p> <p>O Romãozinho está lá na casa dele e deu um jeito de vir até em cima da Terra. O ET estava lá em cima da Lua esperando ele. O ET falou assim</p> <p>_ Você tem uma missão, dizer para todo mundo que eu não sou mau,</p>

	<p>só quero salvar o mundo da guerra da Lua contra a Terra.</p> <p>Muita gente não acreditou que os ETs maus iam invadir a Terra.</p> <p>Depois da missão cumprida o Romãozinho foi morar na Lua junto com o ET. Ele gostava muito da Lua e se adaptou.</p>
<p>Criança 6 e 7</p>	<p style="text-align: center;">Romãozinho e sua espada mágica</p> <p>Um dia Romãozinho estava brincando e viu três pedaços de madeira e um parafuso no chão. Pensou, pensou e descobriu que poderia fazer uma espada. E fez.</p> <p>Quando estava pronta Romãozinho pensou no que fazer com aquela espada. Resolveu combater dragões e outros bichos ferozes.</p> <p>Um dia estava passeando e se perdeu na floresta. Lá viu dragões, onças, tigres e outros animais ferozes. Se lembrou que estava com a espada. Os animais estavam se aproximando, como o Romãozinho era um menino esperto pegou a espada, lutou com os animais e venceu.</p> <p>Ele voltou para casa feliz com a espada. Foi treinar luta com a espada e ela falou com ele. Disse que era mágica. Ele levou um susto e olhou para trás, pensando que era uma pessoa. Quando olhou de novo para frente a espada tinha sumido. Romãozinho foi encontrar a espada despedaçada no chão. Ainda bem que deu para concertar. E Romãozinho viveu muito feliz com a espada.</p>

COLETA DE DADOS III

Edição 717

- Eu não gosto da Mariana. Ela maltrata o cachorrinho dela. **(capa)**
- Eu acho a formiga muito bonita. Ela faz coceguinha na mão da gente e come as baratas. **(pág. 2)**
- O menino está pensando – se referindo. Ao desenho do menino cabeceando a bola que simboliza o mundo. **(pág. 6)**
- Eu acho o Romãozinho muito lega. Ele brinca muito com a Juju e os amiguinhos dele. **(capa)**
- O Cabeça Oca faz bagunça com a Vânia. E a Vânia fica brava. Eu gosto da Mariana. Eu não gosto da Mariana. Olha o Cabeça Oca jogando bola, que legal. A bola tem que rolar no chão, por isso é redonda. A cabeça da gente é redonda. O nariz também – olha, o nariz é redondo. O joelho também. A lua e o sol também são redondos. **(pág. 8)**
- Não dá para fazer esse desenho. É muito grande. E redondo também. **(págs. 4 e 5)**
- A mãe do Romãozinho andou ele comprar umas coisas pra ela. Mas ele caiu e esqueceu tudo. Ele estava pesando tudo desajeitado. Ficou tudo bagunçado na cabeça dele. **(pág. 8)**

Edição 718

- O título é “Quer namorar comigo?” Tem um coração, uma menina e um menino. Eles estão namorando. A minha gata namora. **(capa)**
- Eu acho o menino maluquinho muito engraçado. Por que ele usa uma panela na cabeça e faz um monte de coisas engraçadas (falando da dica do site. **(pág. 2)**
- Aqui tem o Visconde. Ele mora no sítio do Pica-pau Amarelo. Ele olha os passarinhos com isso – mostrando os binóculos – e ele é muito inteligente. **(pág. 2)**
- Eu acho a Cinderela muito bonita. **(pág. 2)**

- O pássaro voa muito, aí ele fica com s asas muito cansadas. Ele também faz ninho e põe os ovos lá e choca, igual galinha. Eu nunca vi um pássaro botar ovo, mas minha mãe contou que um dia umas rolinhas tinham feito um ninho lá na casa da minha tia e um gato foi lá e derrubou o ninho e os ovos quebraram. Lá de dentro dos ovos saíram uma geminha amarela. É isso que tem dentro do ovo do passarinho. O beija-flor, o passarinho, beija a flor, por isso ele chama beija-flor. A flor fica lá plantada e o beija-flor fica beijando ela. (pág. 3)
- Essa menina tem o cabelo legal, né? As estrelas, à noite, ficam no céu. De dia elas somem. Não sei para onde elas vão. Acho que vão para outro país, e o sol do outro país vem para cá. AS estrelas vão voando para outro país. A flor é muito cheirosa. O lírio, a rosa e a dama-da-noite. A dama da noite fecha de dia e abre à noite. Eu já subi no pé de dama da noite, cheirei a dama-da-noite, aí o galho quebrou, eu caí e fiquei com a mão cheia de cola. Ela tem cola dentro dos galhos! Essa menina tem uma flor na mão. Parece que é uma rosa. Não, a flor é mais fechadinha. É uma margarida! Ela está com uma estrela, um tamanco de florzinha e um vestido. Ela vai visitar a tri dela, para China e voa. (pág. 6)
- O cachorro come o osso. Eu não estou vendo ele, só estou vendo o osso. A pipoca é muito gostosa. Eu gosto de alface, mas não gosto de couve. Eu gosto também de repolho, a folha é muito crocante. Eu gosto também de sanduíche, de cachorro quente (pág. 7)
- A Mariana ficou muito engraçada aqui. Foi ela que atendeu a porta. O homem aranha não existe. Só de mentirinha. Eu nunca vi ele Se a pipa ficar presa no fio, a gente deixa ela lá. Por isso não pode soltar pipa perto dos fios.

Edição 719

1. Essa é uma menina pulando corda. Eu gosto de pular corda
2. Essa menina está pulando corda. E aqui está o Hino Nacional, um pedaço.
Sem medo de errar o hino (lendo o título)
1. Olha o palhaço. – Você gosta de palhaço? - Gosto – Ele nos assunta.
2. Não, não assusta não.

1. Ele é brincalhão e muito baguncento

2. Não gosto de palhaço não. Ele faz muita gracinha e eu fico enjoada com ele.

Isso parece um casulo de lagarta! (apontando para o selo)

1. Gosto dessa menina andando de bicicleta. Gostei da bicicleta também. Eu gosto de andar de bicicleta por que minhas pernas ficam fortes.

2. Eu também gosto

1. Não gostei muito disso daqui. Ela é mal educada. Ela está pondo um mote de balinhas na boca. Um montão. (dizendo de desenho da menina comendo uvas) Ele está com 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14. Está pondo 14

1. É um menino tocando um negócio. Gosto disso daqui que ele está tocando. – como é que faz? – Pu, pu, pu. Assim.

2. Eu sempre assisto desenho deles Sempre de vez em quando.

1. Olha essas lembrancinhas. Elas são muito bonitas. Tem um foguete que solta

2. Isso é engraçado: o cocó vai longe. (lendo o título) – aí está escrito coco – Ah eu vou ler.

Isso parece um dragão

1. É o dragão do Pokemon – É do Dragonball Z

2. (Leu o texto) Eu gosto de dragão

1. Eu gosto do Dragonball Z. Dragão não existe. Amanhã a gente assiste muitos desenhos.

2. Eu não tinha nascido quando os dragões existiram. Nem você. Eles soltavam fogo pela boca

1. E faziam um poder poderoso. É isso daqui amarelo que está saindo. Ele transformam as pessoas em gelo. – Mas não é fogo que ele solta? – É, mas é um fogo misturado com gelo. Faz as pessoas virar um gelo. As pessoas vivem outra vez. Elas morrem quando o dragão vai embora o Pokemon faz um poder e transforma as pessoas em gente de novo. Não, não é o Pokemon, não, é aquele verde careca lá (referindo-se ao personagem do Dragonball Z)

2. O dragão solta fogo aí a pessoa morre e pronto já morreu. Aí ela congela

1. Quando ela morre ela faz assim, ô (caindo no chão)
2. Risos. Ela cai e nunca mais levanta. Aí ela vai para o céu.

Edição 720 – Duas crianças: 1 e 2

1. Eu gosto desse bichinho aqui. Ele coe todas as coisas. Ele está na televisão. Ele copme o sanduíche. Ele chama... ele é um rato.
2. Eu gostei desse menino educado
 1. É uma boneca. Ela é feita de pano, canetinha para fazer a boquinha e o olhinho... e palha. Esse é um cintinho de palha. Ele tem um pauzinho para segurar ele. É um boneco de milho, que todos os passarinhos gostam de subir nele. Os passarinhos ficam pegando as palhas para comer. Eles gostam dessa palha.
 2. Eu gostei desse cabelo. É muito engraçado.
 1. Essas meninas com os cabelos todo feio. Tem essas pintinhas pretas. (risos) É vermelho!
 2. Isso aqui é uma cobra enrolada (apontando o selo do Intercâmbio Postal)
 1. Isso daqui é uma bandeirinha. Ela comemora a quadrilha. Goste desse menino aqui. Ele tem um machucadinho, um chapéu e um babador. Olha essa rede. Ela é listrada laranja, e tem uma menininha em cima dela balançando.
 2. Olha esse menino com um monte de dentes. Ninguém tem tantos dentes assim. Eles tem 1,2,3,4,5,6,7,8,9 dentes. É muito.
 1. O menino está abraçando a árvore. Esta achando a árvore muito bonita. Por isso ele está apaixonado pela árvore. Risos. Tem um coração bem aqui. Eu gostei do espelho, por que eu digo: espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu? E o espelho fala: Não, não existe. Esse menino vai para a escola, olha o caderno dele.
 2. - Leu alguns itens d rodapé das páginas 4 e 5. Eu tenho chulé.
 1. Eu também tenho chulé
 2. Eu adoro o cheiro do meu chulé
 1. Eu não gosto. É muito fedido

2. O menino é muito educado. Ele bateu na porta
 1. Não pode entrar sem bater na porta. Tem de ter “generiação” – o que? “Genereação”, é quando a gente é educado.
 2. Eu entro, de vez em quando, sem bater.
 1. Essa mãe é muito chata. Ela está batendo na boca do filho!
 2. Aqui está escrito “deixa eu falar”
 1. Eu também queria saber o que esse menino está fazendo perto dessa porta.
 2. É uma menina! Ela escreveu assim: Departamento Pessoal, não entre. É para as pessoas não entrar no quarto dela.
 1. Eu gostei disso daqui. Gostei por que isso daqui é um... como é que chama? Um circulo! Ele é muito bonitinho. O circulo é... Parece uma seta para indicar. Está indicando o que está escrito aqui.
 2. Está escrito Rola o papo.

Quando eu chamo meus amigos para brincar eu não deixo eles escolherem a brincadeira por que eu não gosto das brincadeiras que eles escolhem, por isso eu não deixo elas escolher

1. Era um planeta bem lindo, com uma árvore em cima e o lobo também estava em cima do planeta. Esse planeta era muito lindo, por que caíam folhas entre o lar desse planeta. Esse planeta tinha muitas casas dentro. Aí o lobo tinha orelha, tinha quatro patas, tinha um pelo e tinha um rabo e tinha uma cara e um olho e um nariz bem “curtão”. E tinha uma boca. E esse lobo era muito feliz por que ele também tinha outro planeta. Ele vivia outro planeta. O dado estava lá lendo uma história com o livro. O dado tinha o cabelo assim, todo vermelho. É esse daqui ô, o menino de cabelo vermelho todo bagunçado. Também tinha árvore nesse outro planeta que o dado estava em cima. E depois tinha várias árvores, várias, várias árvores, por que caíam folhas para todo lado, aqui ô. Depois esse outro planeta em que o Dado estava era todo colorido. Todinho colorido. Eram as cores roxa, amarela, branca, vermelha, azul, rosa e... No outro planeta tinha verde, azul, amarelo, vermelho. Todas essas cores existem no Brasil. Todos animais estavam em cada planeta, todos os Dados estavam em cada planeta. Aí virou uma bagunça. Foi a Valéria que gravou isso tudo interessante (apontando para a foto da autora do texto). Quando o Dado estava lendo ele achou

essa árvore nesse planeta e no outro planeta também, onde estava o lobo. O lobo tem ossos também na pata. Olha aqui os ossos dele. Ele era todo preto. O pelo dele era todo preto. O pelo dele era todo preto. Só um pouco branco. O lobo estava muito lindo e ele é fera. Esse ET era o ET do planeta. Ele estava dentro do planeta Terra e o ET estava dentro e estava vendo um monte de casas. E aí pronto, acabou.

2. Eu desenhei um sol, a mãe do Cabeça Oca e o Cabeça Oca não está querendo tomar banho e a mãe correndo atrás dele. Ele está gritando e eu desenhei a casa do Cabeça Oca, um foguete e um monte de banana.
3. Eu escrevi meu nome, a data, desenhei um computador e eu olhando o ET no computador. Eu estou sentada no banquinho.
1. Esqueci de escrever o nome da história. A minha história é que eu estava andando e eu resolvi ir olhar no computador. Aí eu vi um ET lá. É desse jeito a história. Eu levei um susto e olhei o ET bem de perto assim, ô. Foi assim que eu fiz (mostrando com o rosto).
2. Eu fui lá na minha casa. Não tinha mais bananas lá. Quando eu vi tinha um foguete indo embora e tinha banana. E não tinha Sol, agora apareceu o Sol.

Coleta de dados IV

Edição 717

1. Eu gostei de desenhar esses (apontando os desenhos da capa) (**capa**)
 2. Gosto de desenhar. (**capa**)
 1. Eu desenhei esses todos. (**capa**)
 2. Gosto dos desenhos (**capa**)
 1. Eu também. (**capa**)
 2. Esses daqui eu achei o mais legal (apontando o desenho de cérebro) é muito legal. (**pág. 2**)
 1. Eu não gostei. Gostei da borboleta, do sapato engraçado e os negócios assim (peso) e os braços. (**pág. 2**)
 2. Essa formiga é um pouco maluca. (**pág. 2**)
 1. Parece uma mão assim (apontando uma das antenas). E isso parece um rabo de gato (apontando outra antena) .(**pág. 2**)
 2. É mesmo. Tem vez que ele fica mexendo o rabo assim ô. (**pág. 2**)
 1. Que fica assim: tium, tium, tium (fazendo gestos com as mãos).(**pág. 2**)
 1. Isso parece aquilo que tem atrás da abelha. (**pág. 2**)
 2. É, o ferrão. (**pág. 2**)
 1. Não, o ferrão fica pra dentro. (contou uma história de abelha). (**pág. 2**)
 2. Repórter Mirim (lendo apontando o selo do Repórter Mirim) Diz assim do Brasil.
- ___ O que?
- É, o verde, amarelo o verde e o azul é da bandeira, aí representa o Brasil também.
1. Eu achei mais engraçado isso aqui (apontando 0^ara o selo Rola o Papo) parece aqueles caras que ficam assim pegando pista. Assim, que perdeu 100 reais e fala e eles vão procurar. Detetive. Como micro câmera, micro câmera, assim dentro do bolso. Faz um furinho assim e dá para filmar. Ou se não coloca dentro do bolso da calça. Se eles descobrirem – quem? O malandro. Se ele descobrir dá um tiro assim e..... morre. (**pág. 3**)
 1. Olha esse (apontando para a imagem do lixo reciclado – do texto “De gota em gota) – leu texto.
- Eu separo o lixo lá em casa. Lá em casa tem três latas de lixo, uma de papel,

outra daquelas garrafinhas e outra assim... do resto do lixo, comida, assim. Quando tem comida que a gente não quer mais a gente dá para o cachorro. Quando a comida está bem velha a gente joga na lata de lixo. (pág. 3)

2. Lá tem um cachorro – lá onde? – Lá na minha casa. Quando a gente não quer mais comida põe o resto lá no pratinho dele. (pág. 3)

A Nica tem 8 anos. Ela teve dois filhotinhos. Mas no total já teve uns 20. – e o que você faz com os filhotinhos dela? – Ah, e vez que a gente dá. Eu falo: Mãe, mãe, deixa eu ficar com um menininho? Mas minha mãe fala não, não. (pág. 3)

1. Mas não pode dar não, se não ela fica com falta e depois morre. (pág. 3)

__ Você acha que ela fica triste?

1. Os cachorrinhos da Nica minha mãe deu quando eles já estavam grandinhos. (pág. 3)

2. Deram os cachorrinhos da cachorrinha da minha prima e a cachorra começou a chorar, não queria comer, não queria beber água, não queria fazer mais nada. Aí para a cachorra da minha prima não morrer minha tia comprou um cachorrinho pequenininho. Não era dela. Acho que ela não pode ter mais cria não. (pág. 3)

1. É só não deixar cachorrinho macho ficar com ela, uai. (pág. 3)

__ Aí não tem filhotinhos, né?

1. Eu deixo a Nica solta. Eu gosto de filhotinhos. Até peço para minha mãe deixa eu ficar com filhotinhos. Eu falo, por favor, mãe, por favor. Mas minha fala, não, não, já tem a Nica aí. (pág. 3)

2. Tem um homem lá perto de casa que é meu amigo. Ele chama Toni. Ele tem um montão de cachorros pequenininhos assim ô. Ele falou que quando eu for mudar de casa ele vai me dar um.

__ Você vai mudar? Para onde você vai? (pág. 3)

2. Sabe ali perto do novo Carrefour? Eu vou mudar para lá. Estão reformando uma escola lá e também estão colocando asfalto. (pág. 3)

1. É “asfalto” só de chão, só de terra assim. Na roça é só assim, não tem asfalto não. Se tem asfalto é um quilômetro só. Tem de andar muito. Eu ando de boa. De bicicleta. Aqui em Goiânia eu tenho uma bike e lá eu tenho outra. Eu deixo uma bike lá e outra aqui, por que não dá para ficar andando com as duas ao mesmo tempo. (pág. 3)

2. Minha mãe e minha tia vão para lá (referindo-se à casa nova) aí vai ser assim, é uma casa grandona, mais ou menos daqui até ali, aí vai colocar um murinho e um portãozinho, porque vai ser a casa da minha tia e a casa da minha mãe. Quando quiser ir na minha tia é só abrir o portãozinho e ir lá. (pág. 3)

1. Lá tem muitos trombadinhas. (pág. 3)

__ Aqui também tem...

1. Aqui na feirinha têm muitos. Eu vi um menino de uns 13 anos assim dentro do carro caçando dinheiro. Eu falo: ou, ou, olha o menino roubando o carro. Ele saiu correndo atrás do menino. O menino bateu a porta assim tum, com a maior força e saiu no maior gás. (pág. 3)

2. Os desenhos deixam o Almanaque mais alegre. E também não fica só dando notícia, fica contando historinhas. Coisas que a gente gosta mesmo. E também a gente vai prendendo mais e meia com o Almanaque. A gente vai lendo historinha...

1. Gostei desse menino. É o amigo do Romãozinho. O Romãozinho pegou uma pedra e o passarinho pousou assim ô. Ele ficou assim... Quando estou com um estilingue eu miro assim pro passarinho, mas não tenho coragem não. O passarinho é muito bonitinho. (pág. 4 e 5)

__ Você tem um estilingue? (pág. 5)

1. Eu tinha. (pág. 5)

2. Meu irmão tinha. Ele pega um balão, corta o bico balão. E pega uma garrafa, corta ela, só deixa a boca e deixa um pouquinho assim Aí coloca o balão dentro da boca. (pág. 5)

1. Mas isso não é estilingue. (pág. 5)

__ É um outro tipo de estilingue, né? (pág. 5)

1. O nome dele é... como é mesmo? Garrafa maluca. Os caras atiram assim: tium, vai com força assim e vira assim. Para acertar no passarinho tem de fazer assim ô: ele está aqui e a gente faz assim: zim tium e acerta. É por que vira a pedra assim e acerta. Se mirar no passarinho a pedra vira, não deixa bater. SE virar assim vai com muito mais potência e tiumm, retinho, tiumm. E pá. O passarinho fica assim (assobia imitando passarinho). Aí a gente corre para pegar o passarinho. (pág. 5)

2. E quando ele fica machucadinho na asinha fica com a asinha assim

machucado. (pág. 5)

1. É só acertar na pena do rabo. (pág. 5)

__ Como é que você mira na pena do rabo? (pág. 5)

1. A gente mira assim ô. (pág. 5)

(tentei mudar de assunto, mas o aluno insistiu em falar de estilingue)

1. Um dia, um gambá, estava passando numa distancia como daqui na janela aí eu e eu acertei ele. Também tem um estilingue que a gente corta a garrafa assim (em formato de espiral) e a pedra vai assim vu e rodando. Aí pega na cabeça dele (pág. 5)

__ Coitadinho!

1. A gente não gosta do fedor não

__ E se deixar ele na casa dele?

1. Só que acertar ele é muito difícil.

2. Tem essa cueca aqui por que é a copa do Mundo. É penta, né?

__ Esse jornal todo fala da copa do mundo, né?

1. Esse daqui não é da copa do mundo não, é do Brasil, para vender (apontando as roupas)

2. Tem até a coleira

1. Coleira não, coleira não

2. Aqui ô (apontando para a foto)

1. É chaveiro

2. É chaveiro?

2. Esse menino? Sei lá o que ele está fazendo (apontando para o desenho do garoto cabeceando o mundo)

1. Ele está assim com o pé assim no ar. Esse daqui é o mundo. Esses 4 riscos é o vento

2. É

1. leu "chapeluco da copa". Achar essa bola é muito difícil.

__ Não é difícil.

1. Como é que faz? Contando as tiras utilizadas para fazer o chapéu

1. Não achei graça nisso aqui não.

2. Isso daqui deve ser uma menina maluca

1. Cérebro muito grande. Ninguém tem um cérebro desse tamanho

2. Deve ser uma menina maluca que veio do outro mundo
1. Assim ô, (mostrando os braços curtos) igual de dinossauro. (fazendo gestos com o corpo)
2. Isso deve ser um negócio todo cheio de espeto (apontando para o selo de Datas da semana). (pág. 7)
1. Não, é aquele negócio que vive no Exército. Não, Exército não. No....
2. Deve ser um tipo de macinha que está enrolada.
- __ Todos os selinhos das seções do Almanaque são feitos de macinha
1. Sabe quando tinha a novela O clone? Aquele monte de areia. Então, isso daqui vive lá.
- __ Siri?
2. Siri anda assim de lado
- __ Não é caranguejo?
2. Siri e caranguejo andam de lado
1. Leu:3 quilos de leite?
2. Está falando aqui (leu a história do Romãozinho)... Aí ele errou tudinho. Agente bate a cabeça a gente esquece tudo. (pág. 8)
1. Eu não bato a cabeça não. Eu caio assim (mostrando como cai no chão)
2. Eu às vezes fico batendo a cabeça. (contaram várias histórias de quando se machucaram, de outros que se machucaram, se choraram ou não). (pág. 8)
2. Cotaram histórias de quando chutaram garrafas, bolas. (pág. 8)
1. A Mariana mordeu a mãe dela tudinho. (pág. 8)
1. A Mãe do Romãozinho só deu um dólar! É pouco demais. (pág. 8)
2. Para ele aquilo tudo. (pág. 8)
- __ Só um dólar é verde? Não pode ser um real?
1. Dois reais é verde. (pág. 8)
- __ Não, dois reais é azul, Um real é verde
2. Um real é verde. (pág. 8)
1. Olha a cara da Mariana, ainda faz cara de feliz. Mordeu o nariz do pai dela. (pág. 8)

Edição 718

2. O título é: “Quer namorar comigo?”. Aqui eles contam muitas histórias...
histórias de fadas... (capa)
1. Eu gosto é de desenhar (pág. 2)
2. Às vezes minha mãe, antes de eu dormir, conta historinha para mim. Eu gosto da Branca de Neve. É aquela que ela enfrenta aquela feiosa, a bruxa que fala: espelho, espelho meu, quem é mais bonita do que eu? Aí ela enfrenta a bruxa. A bruxa manda o caçador matar ela (contou a história da Branca de Neve)
1. Ele mata o urso. (pág. 2)
__ Não é um veadozinho?
1. É (pág. 2)
2. Eu gosto do Patinho feio... (pág. 2)
2. Eu assisto o Sítio. (pág. 2)
1. Eu Também. (pág. 2)
2. Agora ele está escrevendo as memórias. (pág. 2)
__ Quem?
2. O Visconde. (pág. 2)
2. Gostei dessa menininha que tem um brincão. (pág. 3)
1. Ela está vestida de cigana! Olha o pano na cabeça. (pág. 3)
2. Isso deve ser um beija-flor. Está aqui: “Um beijinho doce” (pág. 3)
1. Mas é beija-flor. O beija-flor chupa o mel da flor. Ele faz assim (fazendo como se estivesse chupando algo) para pegar o mel da flor. (pág. 3)
2. Tia, você viu aquela propaganda do ‘Vampiromania’? Tem os beija-flores chupando água e os vampiros chupando sangue. É massa ela! (pág. 3)
1. Não acho massa não, é ‘paia’. O ruim é o barulho (reproduzindo o som de chupar), eu odeio. (pág. 3)
2. Aqui está falando “É sério! É namoro! Deve ser namoro. O menininho interessado na menininha (págs. 4 e 5)
1. É isso aqui (apontando os corações com carinhas dentro) (pág. 4 e 5)
2. É o Juliana. Fala de uma menina, d Júlia que é pura magia. Chegou o dia do aniversário dela e um velhinho foi lá e deu um sapatinho para ela. Bonitinho! E o sapatinho era mágico. E onde ela queria ir ela podia ir. Era só colocar e falar: eu quero ir nesse tal e tal lugar. Aí ela vai

1. Eu queria uma bicicleta.

__ Mas você não tem uma bicicleta?

1. Mas eu quero uma bicicleta cromada

2. Eu queria uma lâmpada que tinha um gênio. Para satisfazer todos os meus desejos

1. Um cara dá um tiro na bicicleta e ela fica do mesmo jeito.

O que lhes lembra esses desenhos? (pág. 7)

a) Fumaça (1)

b) Estrela – Estrelas do céu (tem vez que o céu fica cheio de estrelas) (2)

– Estrelas da noite (1)

c) um monte de balões (1)

d) cachorro quente – cachorro quente, uai (1)

e) garrafa – violão (2)

f) doce – tambor de tocar assim tum, tum, tum.(1)

g) osso – guitarra (1)

– cachorro (2)

h) alface – para comer, estou com uma fome (1)

– muitas verduras (2)

i) pipoca – cinema (2)

– É, cinema. (1)

1. Olha o menino. O menino estava aqui dormindo e tic, tic, tic. Tic, tic, tic.

2. É para acordar ele

1. Estão roendo as unhas

2. Eu acordei uma vez de madrugada

1. Eu fiquei a noite inteira acordada

2. A Mariana fala engraçadinho

2. Quando a pipa fica presa no fio a gente taca marimba.

__ O que?

1 e 2. Marimba

__ Mas não pode mexer no fio de alta tensão!

1. A gente não encosta, só taca a marimba que é tipo uma corda e faz tic, tic, tic, para tirar. Tira e não leva choque nenhum.

2. Não gostei dessa história por que não tem muitas palavras (Romãozinho)

Edição 719

2. Gostei dessa corda que tem o hino nacional – ouviram do Ipiranga às margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante, e o sol da liberdade... só vai até o brado. Tem parte que eu erro no hino. **(capa)**

Adulto - Aqui tem uma matéria que fala sobre isso.

1. Eu também erro o hino. **(capa)**

1. Estava passando “Casseta e Planeta” que se você errar o hino a sua solução está acabando Organizações Tabajara. Põe um negócio na boca assim ô e a gente fica assim com a boca aberta assim e fica cantando assim (tocando dentro da boca). **(capa)**

2. Eu sei imitar o seu Creison, quer ver, ele fala assim: “cinqui”, “quatrio”, “treisio”, “doisio”, “unzio”, “zerio”. **(capa)**

1. Esse daí é muito feio (apontando para o palhaço) Eu gosto daqueles que ficam com o olho fechado. Eles ficam com o olho assim, mais ou menos aberto. **(pág. 2)**

2. É, tem o palhaço Alegria... **(pág. 2)**

1. Isso daqui é uma bola que dá a luz, isso daqui é uma lanterna, a bola que dá a luz de novo, isso daqui é aquele negócio. **(pág. 2)**

Adulto - O que é uma bola que dá a luz?

1. É que põe assim na boate assim, só que ao invés de ser colorida é de uma cor só, assim. **(pág. 2)**

2. Isso daqui não é mais ou menos uma bola (apontando para um dos enfeites juninos). Isso daqui é uma bola, só que é daquelas bolas que você coloca assim, que abre e fecha. Isso é a bandeirola. Isso daqui é luz, luz mesmo, eu já fui na festa junina. **(Pág. 2)**

2. Isso daqui é o Dragonballl Z. **(pág. 2)**

2. Esse palhacinho parece a Emília. Tem aquela boquinha que coloca só um pouquinho de batom. **(pág. 2)**

2. Eu tenho uma bicicleta.

1. A da minha irmã e desse jeito. **(pág. 3)**

2. A minha é vermelha. **(pág. 3)**

1. A minha é preta. **(pág. 3)**

2. (Risos). A do meu irmão é roxa. É massa nosas bicicletas. **(pág. 3)**

1. A minha é cormada (anteriormente havia dito que desejava Ter uma bicicleta cromada). **(pág. 3)**
1. Esse daqui faz assim: pega um cacho de uva e abre a bocona e aaaauuuu. Sai só os gravetinhos. As bolas saem e ficam só os gravetinhos assim. **(pág. 3)**
2. Uma vez comprou um montão, uma caixona de uvas assim, grandona, cinco caixas de uvas cheinhas. Aí eu pegava um cacho inteirinho só para mim e ficava no sofá assim (mostrando como fez). **(pág. 3)**
1. Eu não, eu fazia assim iiiiii, rapidão (mostrando como comeria). **(pág. 3)**
1. ele está tocando trombeta. **(pág. 3)**
2. Aqui ô: “Hino na boca e no coração”. **(págs. 4 e 5)**
1. Cadê?
2. (Cantou uma parte do Hino Nacional seguindo o texto da matéria). **(págs. 4 e 5)**
1. Idolatrada. **(págs. 4 e 5)**
2. Continuou cantando o hino. **(págs. 4 e 5)**
1. O pé com raiva. **(pág. 6)**
2. Essa é a botona com raiva e o sapatinho tão pequenininho assim (cara de assustada) **(pág. 6)**
1. Ele está triste. **(pág. 6)**
2. Ele está todo machucado... **(pág. 6)**
1. Essa é uma dançarina do ventre. **(pág. 7)**
2. Não, é uma menina de festa junina. **(pág. 7)**
1. Nossa, é uma corda de capoeira (apontando para os cabelos trançados da boneca. **(pág. 7)**
2. Sabe porque é uma menina de festa junina? Por que ela tem um chapeuzinho. **(pág. 7)**
2. Estava em silêncio na casa aí o pai dela falou assim: Marina de Deus!... **(pág. 8)**
1. Esse daqui é que nem da propaganda... – Depois de ler a história do Romãozinho disse:
 - ___ O espantalho é de palha. Olha, a mão dele é de palha. **(pág. 8)**
2. Coloca assim para espantar os passarinhos. Já está no nome: es-pan-ta-lho, por que espanta. **(pág. 8)**

Edição 720

1. O menino está na escola. É ela (sic) está falando (levantando o dedo): __ Com licença. **(capa)**
1. Esse está passando o filme no cinema. Ele é um rato espacial, ET. **(capa)**
2. É tipo um rato espacial. **(capa)**
1. É um rato! Um rato espacial. **(capa)**
2. Então! **(capa)**
1. Olha aí, é um espantalho! Também pode fazer um pequeno. É só pegar um palito assim, outro assim, faz um para baixo, faz a roupinha, corta o palito e infanca assim na terra. **(pág. 2)**
- __ Será que dá para espantar os passarinhos?
1. Não sei! **(pág. 2)**
2. Esse é um homem ou uma mulher tocando violão e tambe'm uma carta rasgada voando. **(pág. 2)**
1. Receita de vida feliz. Pensei que era vida eterna! (risos) **(pág. 3)**
2. Deve ser os meninos que são muito unicos e felizes. **(pág. 3)**
2. Aqui o cozinheiro (leu o título: "Mestre cuquinha". **(pág. 3)**
1. Deve ser porue ele deve fazer um bolo ótimo! **(pág. 3)**
2. Esse deve ser um menino machucado, por que está com um negócio assim (apontando o curativo). **(pág. 3)**
1. "Arroto não!" É o título. **(págs. 4 e 5)**
2. Esse aqui é um menino alegre. **(págs. 4 e 5)**
1. É um arrotador, por que está escrito aqui "Arroto não. **(págs. 4 e 5)**
1. Esse menino aqui (leu o que estava escrito na porta) está dizendo para não entrar no quarto dele **(págs. 4 e 5)**
2. "Deixa eu falar". É por que o homem estava querendo falar e o menino estava falando tanto, mas tanto que o homem queria falar e o menino não deixava. Aí falou assim: deixa eu falar, ou! **(pág. 5)**
2. Esse está batendo na porta porque quer falar com alguém. **(pág. 5)**
1. É assim, toc, toc. **(págs. 5)**
2. Faça bonito, Aqui está assim: por favor, com licença, obrigado, desculpe-me. **(págs. 4 e 5)**

1. Gostei desse que está no computador. Do que está comendo não. Eu gosto quando eu estou comendo (risos). **(págs. 4 e 5)**
2. Eu gostei daquele que está falando “obrigado” e “por favor” e daquele que está escovando os dentes. **(págs. 4 e 5)**
2. Eu me lembro disso aqui como se fosse hoje (referindo-se à história “Tem Et na Terra”). **(págs. 6)**
1. Esse lobo está na lua, esse daí é uma mulher surfando com o rato espacial. O rato espacial de novo, três vezes, quatro vezes (referindo-se às vezes que o anúncio do filme Lilo & Stich aparece). **(págs. 7)**
2. Esse lobo é o lobo ET. **(págs. 6)**
1. Espacial, lobo espacial. É lobo espacial, viu? **(págs. 6)**
2. Olha esse boneco maluco! Ele tem a cabeça assim (mostrando o quanto é grande). E também não é boneco, boneco não, a pessoa está dentro, veste fantasia e é só a cabeça que coloca uma máscara. Aí fica assim mole, mole, falando que é boneco. **(págs. 7)**
1. Fica assim, uma fantasia no corpo todo, só que tem uma máscara assim. **(págs. 7)**
2. O Cabeça Oca fala AAAAAA..... (contou a história, dando ênfase à frase final: “adoro tomar banho”(risos) **(págs. 8)**
2. Eu canto debaixo do chuveiro. Invento música. **(págs. 8)**
1. Quando eu não quero tomar banho eu me escondo. Minha mãe e meu irmão me procuram. Quando minha mãe quer me bater eu também me escondo. **(págs. 8)**
2. Leu o final do HQ do Romãozinho: “Certas coisas tiram todo o romantismo da história”. **(págs. 8)**
1. Cof, cof, cof. Quando o carro passa assim lá em casa a gente não importa não. A fumaça faz ficar meio bom (sic). A gente esconde na fumaça. O carro fica procurando a gente. Tem vez que a gente acha a espada e faz tim, tim, tim. Um fica procurando o outro. **(págs. 8)**

Edição 721

2. Esse prato tem cara. A laranja é a boca. **(capa)**
1. O nariz é a cenoura. **(capa)**
2. Tem 3 feijõezinhos para falar que é a bochecha e também tem ameixa. **(capa)**
1. é, duas ameixas. **(capa)**
2. Macarrão para falar que é o cabelo, tem o garfo para falar que é a mão, tem o prato para falar eu é a cara e a gravatinha. **(capa)**
2. Esse daqui é um... **(capa)**
- 1 ET. **(capa)**
2. Um ET. **(capa)**
1. Só porque eu falei, né? **(capa)**
2. Eu estava tentando lembrar. **(capa)**
2. Olha esse galo aqui. Ele é todo esquisitão! Olha o pé dele! (risos) **(pág. 3)**
1. Galo não é desse jeito não. **(pág. 3)**
2. Ele também tem um negócio no pescoço aqui ô. Ele é todo misturado. O rabo dele é grande. **(pág. 3)**
1. Rabo de galo é assim mesmo. Isso daqui é a crina. **(pág. 3)**
2. __ Não é crista?
1. Isso daqui é crina. **(pág. 3)**
- __ Crina não é de cavalo?
- __ Como chama aquele negócio que fica em baixo do pescoço do galo?
1. É gogó. **(pág. 3)**
2. O pescoço, sei lá. É Tem em galo, tem em galinha. **(pág. 3)**
1. esse daqui toca rock in rol. Ele tem um Brasil na mão, escrito Brasil, Brasil. Brasil **(pág. 3)**
2. Essa galinha é muito estranha. É de colocar ovos nela. **(págs. 4 e 5)**
1. Ou...
- __ É uma cestinha!
1. Não, isso daí é uma galinha. É que está mostrando onde fica os ovos. **(págs. 4 e 5)**
2. Não, a galinha é ovípara, não é dentro dela que fica os ovos, Não. Ela é ovípara **(págs. 4 e 5)**
1. Ela bota ovo. Essa menina não está entendendo nada. **(págs. 4 e 5)**

1. Alfaca é o cabelo, a cara é um negócio – uva passa e cenoura. Negócio de doméstica, de pôr assim para não sujar (apontando para o avental), cozinheiro, a faca na mão, lavar as mãos, comer, lavar. (págs. 4 e 5)
2. Pegar o bolo com a luva. (págs. 4 e 5)
 1. Um negócio para ver se está certo (apontando para o livro de receitas), faca não, panela pode... cadê o X (apontando para a panela). (págs. 4 e 5)
 2. Eu já sei fazer ovo. (págs. 4 e 5)
 1. eu mexo no fogão. (págs. 4 e 5)
 2. é minha tia que arruma para tudo para mim. Eu só mexo o ovo e coloco o sal. (págs. 4 e 5)
 1. As Meninas Superpoderosas. (pág. 6)
 2. Eu não fui assistir as “Meninas Superpoderosas”. (pág. 6)
 1. Nem eu, eu não tenho dinheiro! (pág. 6)
 2. Só assisti “Hery Poter“ e a pedra filosofal”. Foi a primeira vez que eu assisti Hery Poter. (pág. 6)
 1. Esse daqui é aquele cavalo que cresce para ajudar a família.
 1. Esse daqui que é gostoso mesmo. (pág. 6)
 2. Delícia (pág. 6)
 1. Esse daqui eu já assisti. É daqueles caras que ficam no espaço. (pág. 7)
 2. É, passa na televisão. (pág. 7)
 3. É espada. (pág. 7)
 1. É espada magnética. (pág. 7)
 2. É. (pág. 7)
 1. Eles fizeram assim, apertaram um botãozinho lá tummmmmmm. (pág. 7)
 2. Passa na televisão, você não assistiu não, tia? (pág. 7)
 - __ Esse novo não. (pág. 7)
 2. (Leu o HQ do Cabeça Oca. (pág. 8)
 2. Agora da Mariana (leu). (pág. 8)
 2. Do Romãozinho (leu). (pág. 8)
 2. Eu gostei da Mariana. (pág. 8)
 1. Isso daqui parece que são duas pessoas grudadas. É que vai muito rápido, assim. (pág. 8)